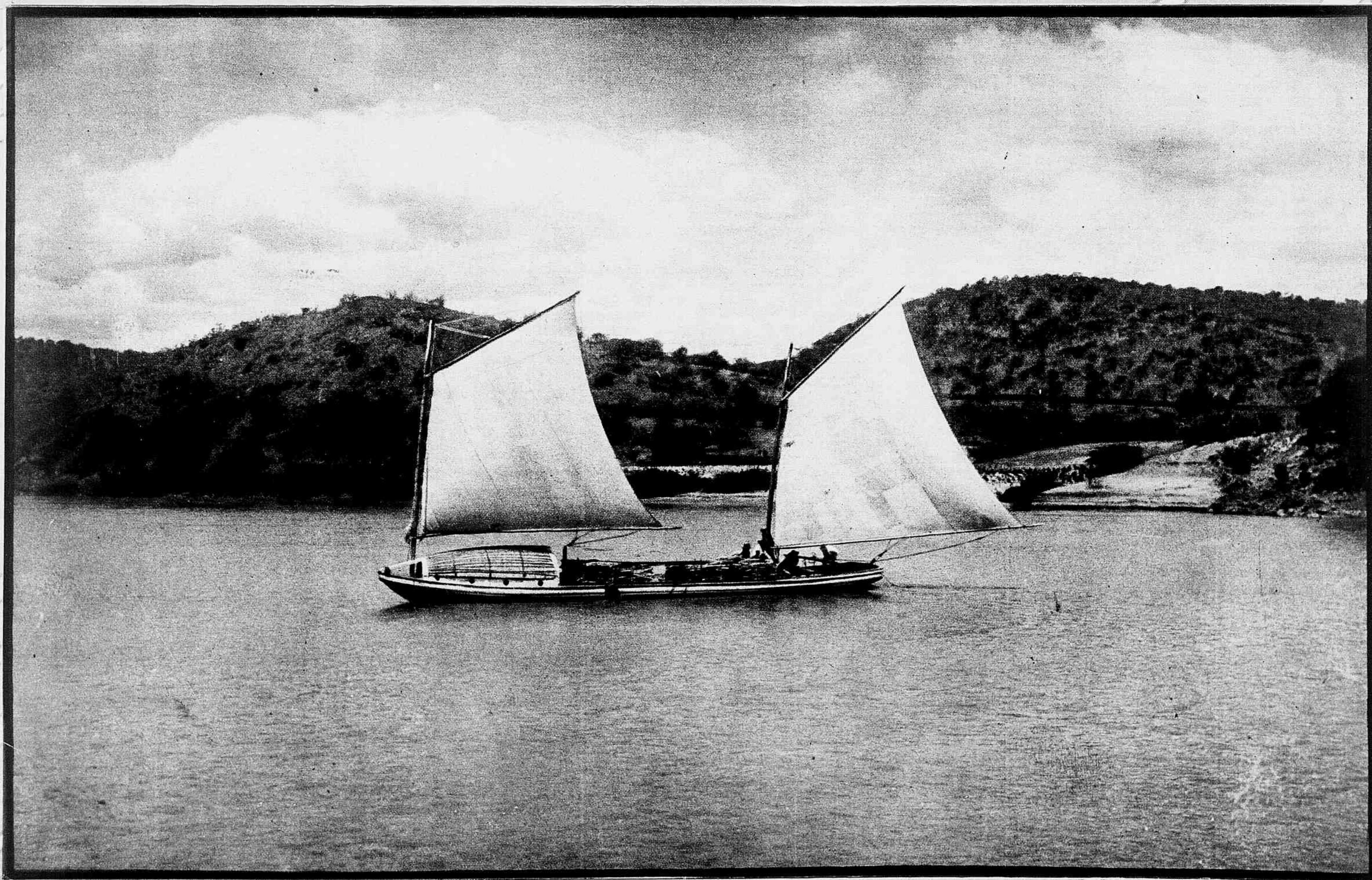


ANO XLIII
N.º 30

Revista da Semana

25 de Julho de 1942
1\$500 em todo o Brasil



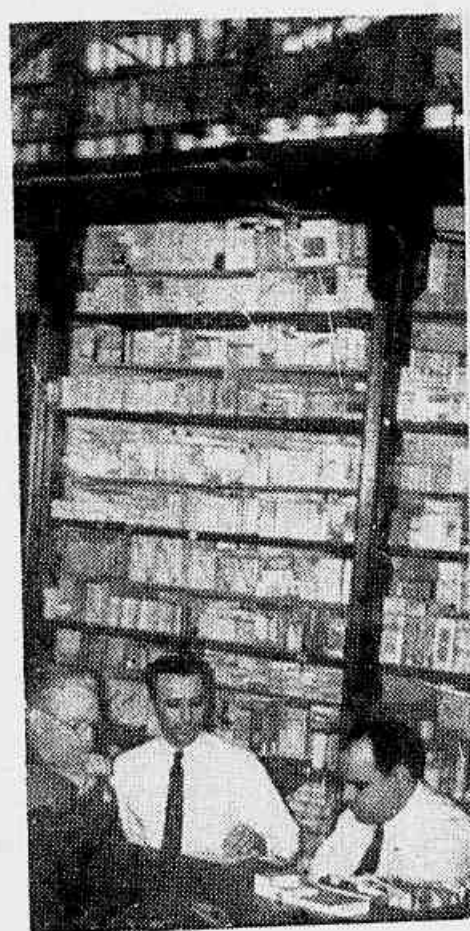
CENAS E ASPECTOS DO BRASIL — "Velas quadrangulares" — Rio São Francisco — Foto de Edgard de Cerqueira Falcão.

Drogaria V. Silva

“O PALACIO DAS DROGAS”



Nesta página apresentamos um aspecto da fachada da Drogaria V. Silva e quatro flagrantes obtidos pela nossa objetiva no interior do “Palacio das Drogas”.



Nessa curiosidade sempre insatisfeita de reporters á procura de coisas novas para apresentar aos leitores, andamos pelo centro da Cidade observando as casas comerciais que sabem apresentar ao publico, de maneira inteligente, os seus inumeros produtos.

Chamou particularmente a nossa atenção, naquel: trecho, a DROGARIA V. SILVA, á rua da Assembléa, 64 e 66, ou seja o «Palacio das Drogas», como foi apelidada pelo povo. Existe ali um departamento feminino onde as clientes são atendidas exclusivamente por senhoritas. Não temos noticia de que outra qualquer drogaria houvesse tido antes idéa tão inteligente afim de bem servir ás suas freguezas. No balcão geral os demais empregados da casa servem ao publico de maneira eficiente e rapida, coisa também não muito facil de encontrar.

A curiosidade levou a bisbilhotice talvez um pouco além do que seria permitido. Aproveitando uma oportunidade, aproximámo-nos do gerente, e fomos perguntando:

— Quaes são os fornecedores mais importantes da DROGARIA V. SILVA?

Achando ou não estranha aquela sem-cerimonia, ele nos atendeu amavelmente, decerto habituado a ter paciência com reporters...

— Dentre os maiores fornecedores da Drogaria V. Silva, destacam-se os seguintes:

Fabricantes dos Crêmes «Marsilea» — Rua do Russell, 78 — Produtos de beleza de maior aceitação e procura no «Palacio das Drogas», a Drogaria V. Silva. Os Crêmes Marsilea possuem grande percentagem da vitamina embelezadora da pele, motivo pelo qual milhares de senhoras e senhoritas de todo o Brasil comprovam a sua eficiência.

Vacinas do Laboratorio Bordesina.

Flóra Medicinal — Rua São Pedro, 38 — Todos os produtos da Flóra Medicinal são encontrados nessa drogaria.

Laboratorios Spalt Ltda. Edificio Regina, 5.º andar.

Produtos Nestlé — Aqui são também vendidos os excelentes Produtos Nestlé, destinados á alimentação infantil e que são: leite em pó «Eledon», leites em pó «Lacto-



geno», «Nestogeno» e «Molico», açúcar nutritivo «Nessucar» e as bonitas e praticas «Mamadeiras Nestlé».

Instituto Sôro Hormoterapico Nacional S.A. (Lab. reunidos Calosi-Dallari) — Dentre os produtos fabricados por estes conhecidos e reputados Laboratorios, com sede em S. Paulo, encontrados que são na Drogaria V. Silva, destacam-se os seguintes: «Asmefedrol», Antisclerotico «Calosi» e «Calciodalari». Fazemos, também, uma referencia especial a tres outros produtos, como Laxativos Dallari, Vaccinas Dallari e «Mugólio» pelo seu alto valor terapeutico.

Instituto Cientifico São Jorge SIA — Rua Senador Dantas, 41 — São inumeros os produtos manipulados e diariamente distribuidos á venda por este Instituto, que, diga-se de passagem, é um dos maiores e mais conceituados do paiz. Destacamos alguns dentre eles, pois, em rapida reportagem, não seria possível enumerar-os todos: «Broncosil» (injetavel); «Clorocalcina» (granulada); «Fiticalcina», «Ipotensol», «Luebi», «Neo-Valeol», «Ortofenol», «Urosil», «Valeol» e «Antilebrina». É interessante assinalar que estes e outros produtos são fornecidos pelo Instituto São Jorge por preços identicos aos de 1936, apesar da situação que atravessamos ter originado a alta e a carencia da materia prima — M.





O altar-mór da Catedral de São Pedro, a obra prima de Christopher Wren, após receber a visita de uma bomba. Os estilhaços do teto mutilaram-no completamente. Entretanto ele parece ter criado vida nova ao banhar-se nessa inesperada onda de luz solar.

EM BUSCA DO TEMPO FUTURO...

Falar no valor construtivo da guerra é tocar num tema sedizo e enfadonho. Todos sabemos que foi Alexandre quem levou a cultura helenica aos confins do velho mundo. Na bagagem por ele esquecida na Asia Central estavam as obras que mil anos mais tarde, através de traduções árabes, despertariam a consciencia adormecida do homem da Europa. Sabemos, por outro lado, entretanto, que foi a investida maometana, em cujo rastro ficaram a arder as centenas de milhares de obras das bibliotecas de Alexandria, que mutilou a civilização ocidental, privando-a das fontes mais ricas da cultura grega — essa perene fonte de poesia e grande mestra na arte da vida. E as belas, as magnificas obras de arte que foram criadas para glorificar ou repudiar a guerra! Teriamos a Iliada sem a luta de Troia? E a mu-

ralha da China, a mais fantastica obra já realizada pelo homem — obra que até da lua pudera ser avistada!

E' verdade que não é a guerra em si a causa determinante dessas realizações, mas os nobres e belos sentimentos que no clima belico por vezes desabrocham.

Existe comtudo ainda um outro lado da guerra de que nós, que a presenciamos, quase sempre não nos apercebemos. De fato, as paixões que em nós despertam as disputas belicas não permitem que tenhamos a necessaria calma para desfrutar-lhe as situações originais de efeitos ridiculos, artisticos; comoventes... Uma vez passada a borrasca, a distancia a que ficamos dos fatos melhora a perspectiva — é então que começamos a compreen-



A MORTE DE UM IDOLO — Durante dezenas de anos esse humilde zelador olhou com reverência para os seculares vitrais de sua grande Catedral. Aquelas maravilhas participavam indubitavelmente da eternidade. Que estaria ele a pensar agora, tendo às mãos, esfarinhado, o seu idolo?

der aquelas situações. Surgem assim obras darte do mais fino valor forjadas com a materia prima da guerra. E' verdade que a serviço da guerra tambem se fazem obras de arte. Mas por um lado a paixão desordenada, por outro o proposito de tirar efeitos de segunda ordem (o que sucede nas obras de finalidades propagandisticas) comprometem o valor artistico desses trabalhos, que duram tanto quanto as paixões em que se inspiram.

Entretanto, se a arte, sofrendo os efeitos das paixões desordenadas, se apresenta em sub-criações, as simples circunstancias condicionadas pela subversão de valores criam lidimas situações artisticas. Causas que seriam inconcebiveis em tempos normais, situações cuja possibilidade de existencia nem sequer passariam pela mente de um ser humano, resultados que o calculo das probabilidades tornaria inadmissiveis, surgem nestes tempos e nós, pelo geral, nem chegamos a deles tomar conhecimento. Mas uma vez passada a guerra, descansada e esfriada a mente dos homens, que de surpresas! Uns enchem-se de ridiculo, outros se surpreendem na capa de um heroi, outros ainda não acreditam nos proprios cometimentos... E' que um gesto de desespero, uma audacia esportiva — momentos de meia inconciencia — são qualificados de grandes feitos. E então uma obra de arte mutilada não mais será recomposta: terá duplo valor com a mutila-



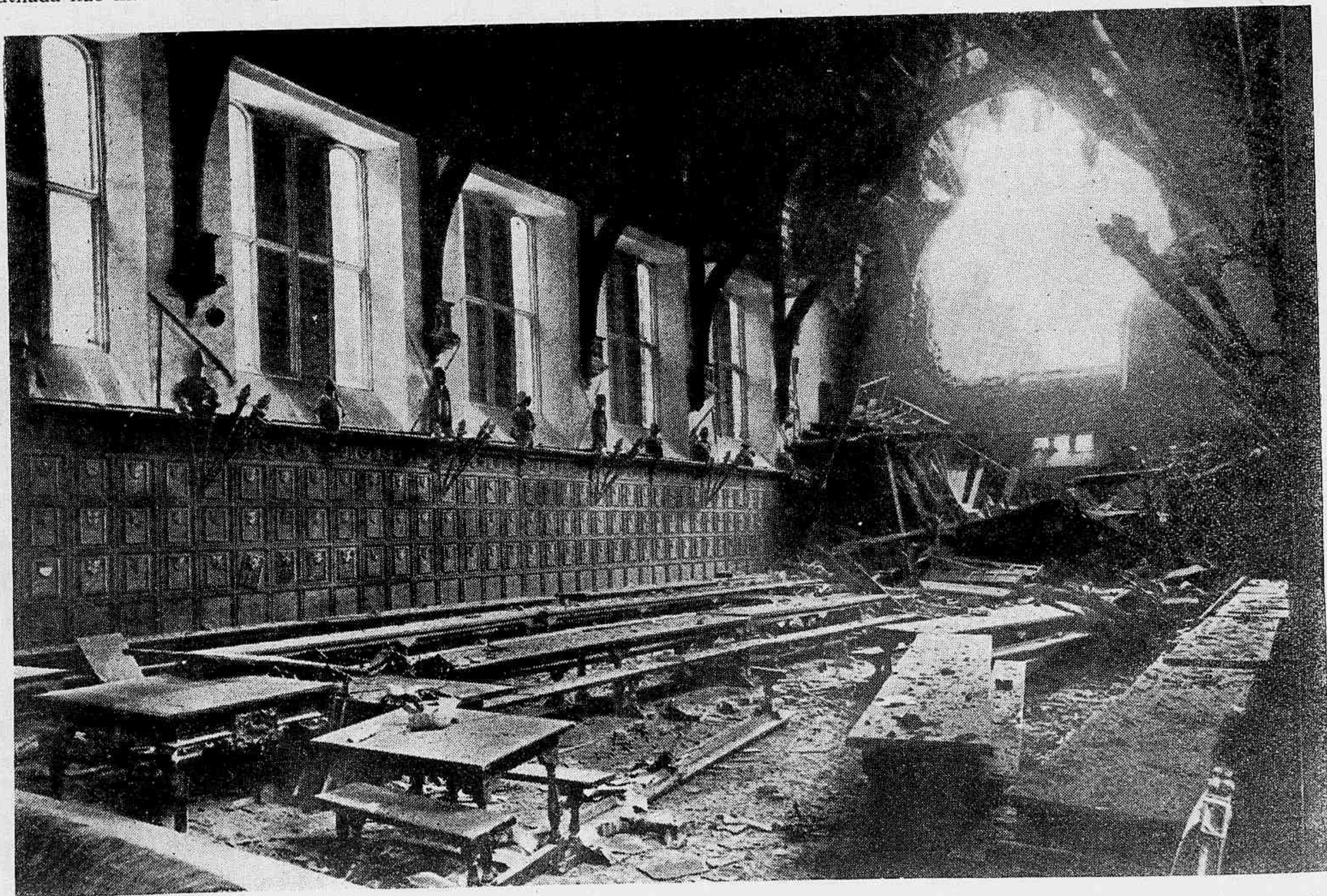
ESTUDOS FOTOGRÁFICOS — Os incêndios são os espetáculos que mais apreciam os homens. Nero pôs fogo a Roma porque tinha poder para fazê-lo. Há milhares de indivíduos, na Europa, fazendo estudo fotografico nas cidades bombardeadas. Eles trabalham para que os pósteros possam tambem desfrutar o espetáculo da guerra...

ção. Uma simples casa, que teve a má sorte de receber a mais explosiva das bombas, passará a ser objeto de todas as curiosidades: é um novo centro de turismo. (Existem já por aí individuos de senso pratico a colecionar reliquias desta guerra...).

A exploração excessiva através da literatura e do cinema da conflagração de 1914 fez com que muita gente desejasse ardentemente "vêr" uma guerra.

E' para esses curiosos do futuro, esses turistas da vida, esses caçadores de reliquias, para os escritores que empregarão o seu tempo e o seu estro em revolvêr e explorar as originalidades da "grande conflagração de 1939" que juntámos as fotos que ilustram estas paginas. Eles poderão, olhando-as, dizer: que coisa admiravel! O altar da capela de São Pedro iluminado pelos raios de um puro sol... Quanta ironia existe na guerra! Que magnificos efeitos pode irradiar um vitral despedaçado! Que eufórica potencialidade de vida emana de uma batalha de "tanks"! Que surpreendentes efeitos de luz há num bombardeio aéreo... (Porque são estes, indiscutivelmente, os pensamentos que primeiro afagam a mente dos que tomam conhecimento da guerra através das gravuras).

Que os desculpem aqueles que "realmente" conhecem a guerra. E a nós tambem...



DE COMO SÃO OS HOMENS... — Mais do que a morte de mil pessoas os homens sentem a mutilação de uma obra de arte. Eis aqui o interior de um templo em Londres. Ao que se diz ele possuía o mais belo tecto elizabetiano que ostentava a Inglaterra. Quando as dezenas de milhares de londrinos mortos nos bombardeios de 1940 estiverem esquecidos, a perda dessa bela obra ainda será lamentada... Entretanto, a mutilação tornará esse templo mais conhecido e mais famoso.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

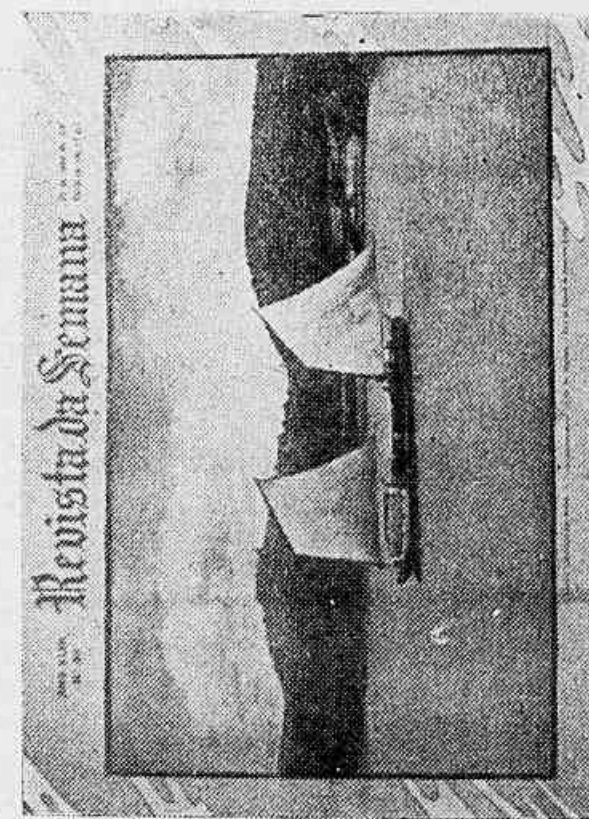
Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

NOSSA CAPA

A navegação no rio São Francisco — que se verifica no vasto trecho desse rio compreendido entre Petrolina—Joazeiro, nos limites de Bahia com Pernambuco, e Pirapora em Minas Gerais — embora conte com duas companhias de navios a vapor, é feita, ainda hoje, por grande numero de barcos á vela. Realmente típico é esse que ilustra a capa deste numero da REVISTA DA SEMANA. Sem ser uma barcaça, também não é uma simples canôa. Suas velas são apenas parecidas com as das jangadas nordestinas. Esses barcos, dirigidos por caboclos, são empregados no transporte de lenha e generos de consumo nas localidades ribeirinhas.

A fotografia é da autoria de Edgar de Cerqueira Falcão.



REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Tóquio de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.
Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.

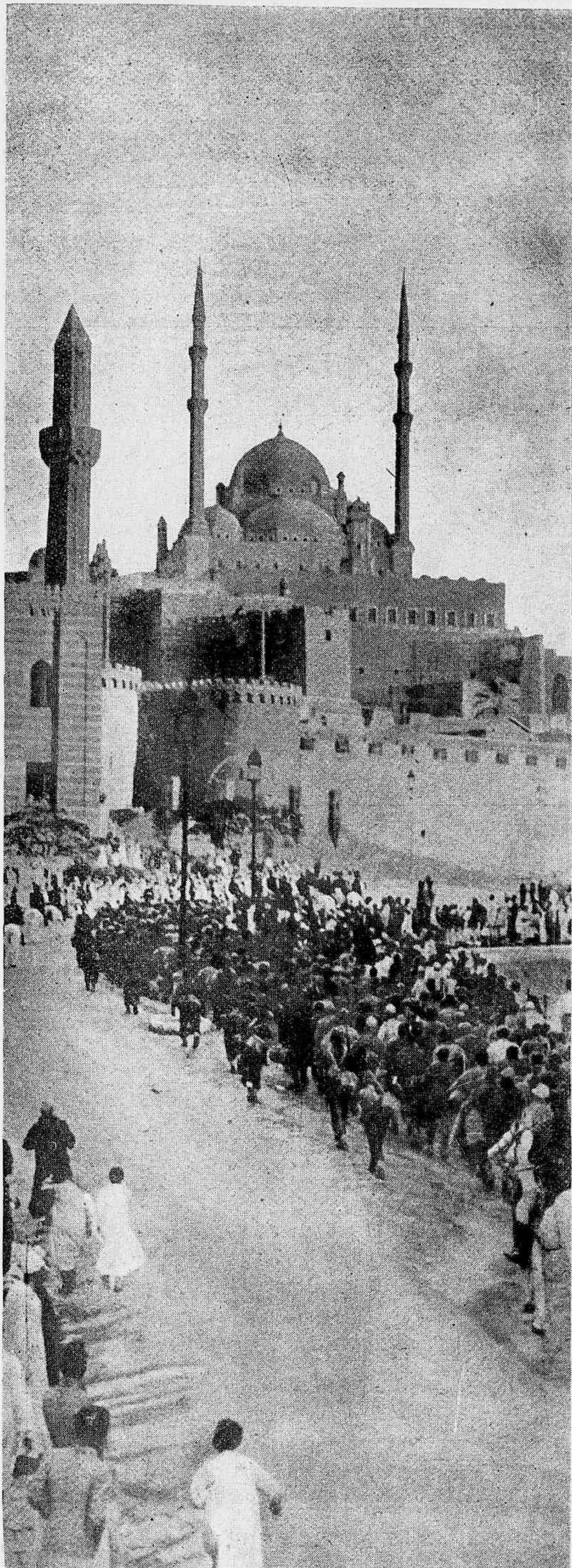
O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000. Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telefônico: "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones — Direção: 22-2622; Gerência: 22-255; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Tem agentes em todas as localidades do território nacional. REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 634, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

ESTE NUMERO CONSTA DE 44 PAGINAS

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretores: Gratiliano Brito —

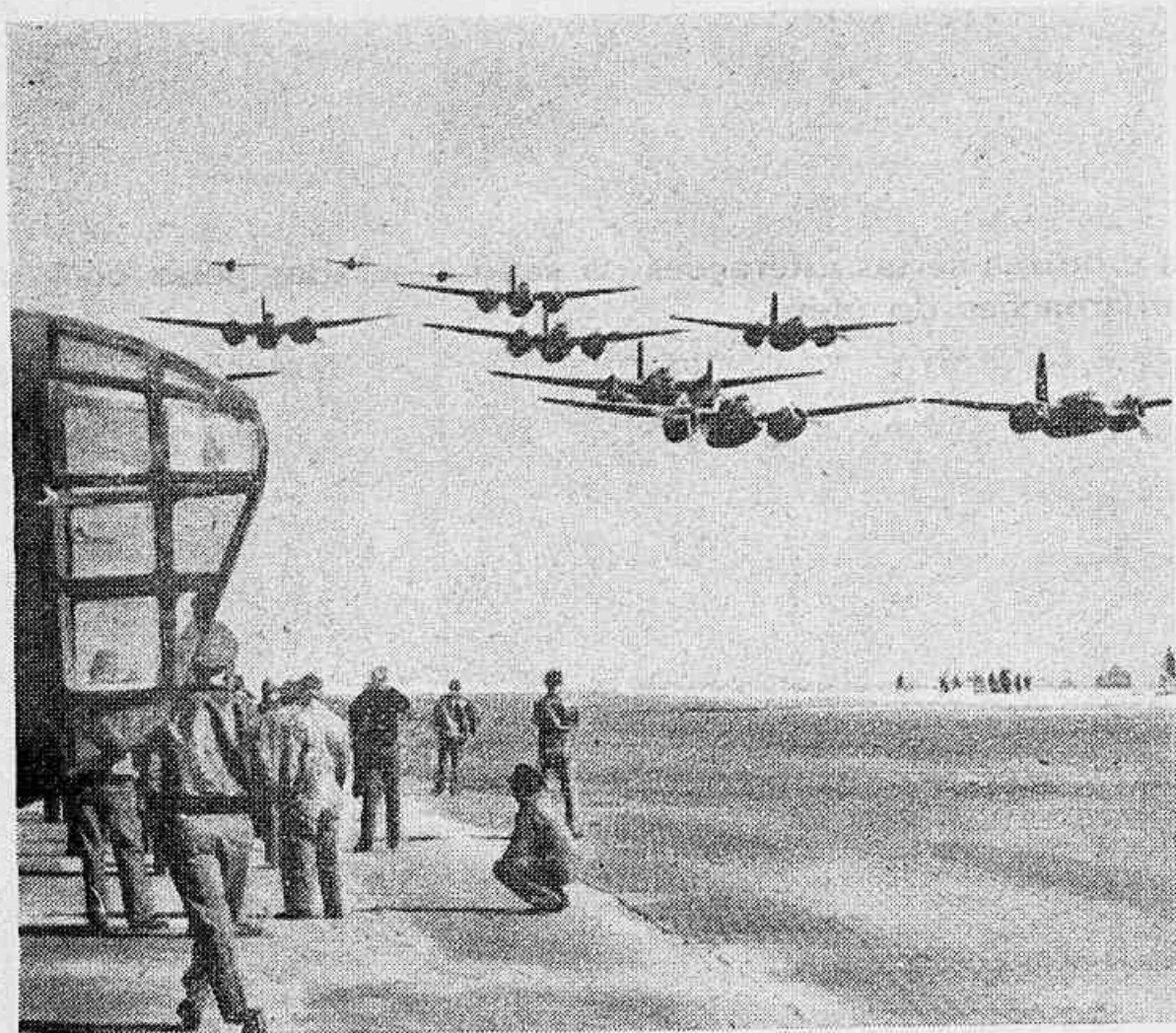


ORIENTE E OCIDENTE — Os orgulhosos soldados de Hitler e Mussolini marcham arrebanhados pelas ruas do Cairo. Deante da imponente solidez de um templo mussulmano os seus espíritos talvez compreendam toda a mesquinhez e transitoriedade dos seus ídolos humanos.

Ultima novidade na aeronautica: - AERODROMOS PORTATEIS



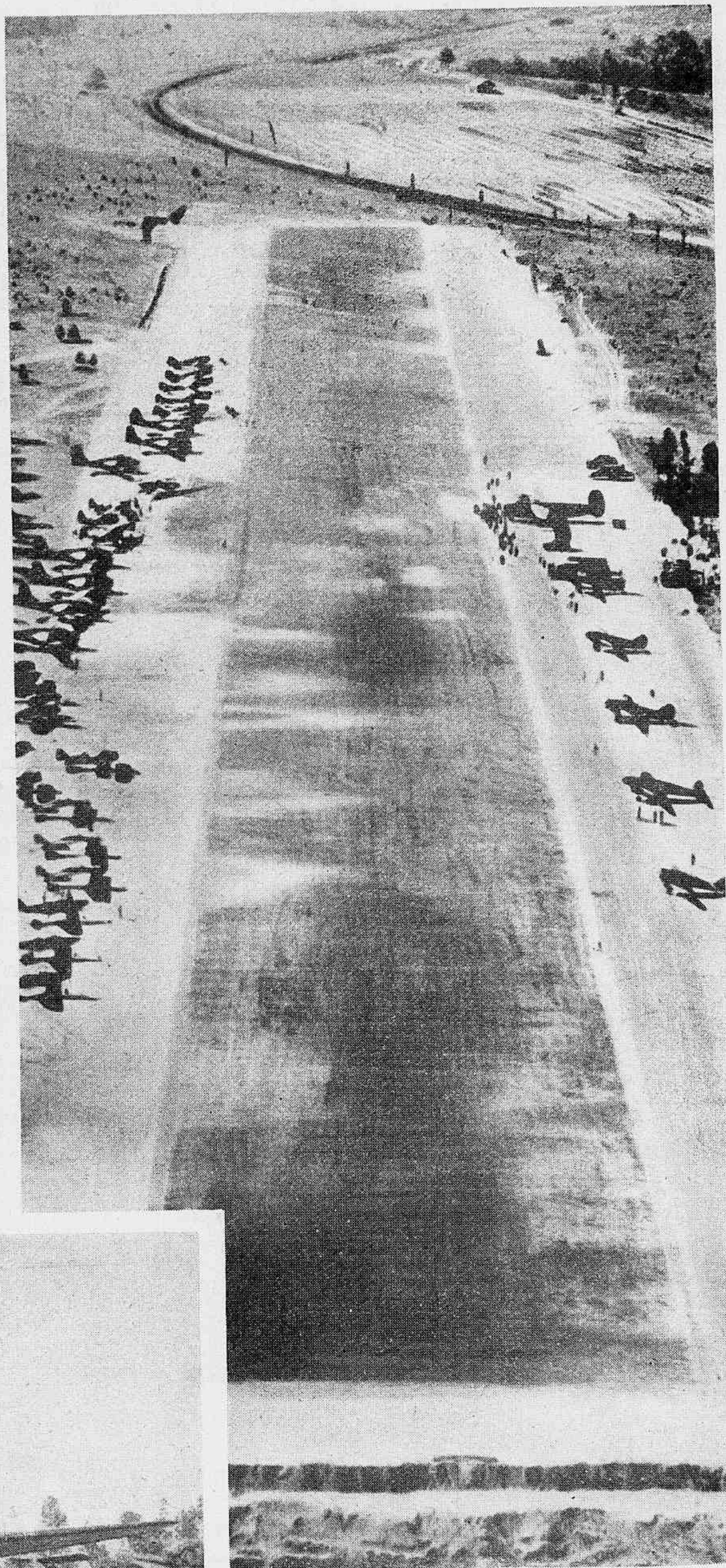
Manipulando um aeródromo: técnicos americanos colocando as placas de metal de 40 cents. de largo e 3 metros de comprimento.



Bombardeiros bimotores americanos levantando vôo de um aeródromo construído pelo novo sistema «Marston strip».



Um bombardeiro médio «Douglas» pousando na superfície metálica. Cada uma das pranchas pesa 65 libras.



Vista aérea de um dos aeródromos portáteis norte-americanos. Em horas esse campo pode ser desmontado e transportado para outro local, em caminhões.

A rapidez no construir e destruir aeródromos tem sido um dos pontos básicos desta guerra. O poder de ataque de uma aviação aumenta á proporção que diminui a distancia que os aviões têm a percorrer. Aeródromos o mais possível próximos da linha de frente são pois de vital importância. E, como nesta guerra as linhas de frente são o que há de mais móvel, o problema da rapida construção de campos de pouso tem merecido sérios estudos. Os norte-americanos vêm usando ultimamente as «Marston Strips» com bom proveito. São placas de metal de cerca de 3 metros de comprimento e 40 cents. de largura, facilmente transportaveis em caminhões. Um aeródromo construído com essas placas suporta o peso dos maiores aviões e cobre um área de aproximadamente 50 metros de largura e 100 metros de comprimento. A segunda vantagem desse aeródromo é poder ser transportado pela tropa que tenha de abandonar o terreno.

Santos e Efemérides da Semana

JULHO

25 *São Cristóvão*. — Mártir. Foi martirizado e, afinal, decapitado na Licia, em 254, quando da perseguição do imperador Decio.

— *Santa Valentina*. — Tomada de piedade pelos martires e tendo-se insurgido contra as perseguições de que eram eles objeto, foi presa por ordem do governador da Palestina. Levada para diante dos ídolos, afim de adorá-los, ela os derrubou. Foi logo torturada e decapitada, em 308.

— *Manuel Jorge Gomes Sepulveda* — que usava o nome de José Marcelino e Figueiredo — dá ao Porto dos Casais o nome de Porto-Alegre (1773). — Nasce no Maranhão o publicista e historiador Antonio Henriques Leal, autor do "Pantheon Maranhense" (1828). — Falece na Bahia o conselheiro José Lino Coutinho, ministro do Império (1836). — É proclamada a Republica Catharinense na vila da Laguna (1839). — Falece no Maranhão o poeta e jornalista Gentil Homem de Almeida Braga (1876). — Falece no Rio Pedro Lessa, juriconsulto, ministro do Supremo Tribunal, membro da Academia Brasileira (1921).

26 *São Simeão*. — Solitário da Palestina, que morreu no curso de uma peregrinação a Roma, nos arredores de Mantua, em 1016. Numerosos milagres ilustraram seu túmulo.

— *Sant'Ana*. — Nascida em Bethleem, da tribo de Levi, desposou São Joaquim. Estéril por muito tempo, logrou pelos jejuns, lagrimas e orações, tornar-se mãe da Virgem Maria, que educou como uma filha que o céu destinara ao desempenho de alguma grande missão. Quando a criança chegou ao terceiro ano de vida, Ana a levou ao Templo e a ofereceu ao Senhor. Morreu pouco depois.

— *Gomes Freire de Andrade* — depois Conde de Bobadela — toma posse do cargo de governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro, que exerceu de modo notável por mais de vinte e nove anos (1733). — Falece José de Araújo Ribeiro, visconde do Rio Grande, presidente de provincia, senador (1879).

27 *São Pantaleão*. — Era medico do imperador Galero Maximino. Abandonou a principio a religião cristã, que professava; mas tendo reconhecido seu erro, voltou à Igreja, reconduzido à fé por Hermolaus, com quem foi decapitado em 303.

— *Santa Antusa*. — Natural da Grecia. Desde a infancia, retirou-se para o deserto. Constantino, ao saber disso, fê-la prender e dilacerar a golpes de vergalho. Tendo resistido, foi ela condenada ao banimento. Mas a imperatriz obteve seu perdão pouco tempo depois e fez dela uma das mulheres da sua corte. Morreu em 752.

— *Capitulação da Junta do Governo do Maranhão* (1823). — Falece José Ascenço da Costa Ferreira, ministro do Supremo Tribunal (1897).

28 *São Nazario*. — Mártir que viveu no século I da nossa era. Era filho de Santa Perpetua e dedicara-se, desde a mais tenra mocidade, à predica. Pela sua palavra muitos pagãos se converteram à religião cristã; mas foi preso em Milão, por esse motivo, em 63 aproximadamente, e decapitado juntamente com São Celso.

— *Bemaventurada Maria de Veneza*. — Virgem da ordem terceira de São Domingos, morta em 1399, após uma vida de penitências e mortificações.

— *Bemaventurada Sancia*. — Rainha de Napoles, distinguia-se a vida toda por suas virtudes e austeridade de costumes.

— *Proclamação e juramento da independencia e do imperio em São Luiz do Maranhão* (1823). — Parte de Belem do Pará o vaso de guerra "Guapiassú", primeiro vapor que sulcou as aguas do rio Amazonas (1843).

29 *São Lopo*. — Nascido em Toul, em 390, nomeado bispo de Troyes em 427, foi à Inglaterra, com São Germano d'Auxerre, combater os erros dos Pelagios. De regresso a Troyes, salvou esta cidade do furor de Atila, ao qual desarmou com as suas orações e a ascendencia que soube tomar sobre o barbaço em 451. Morreu em 479.

— *Santa Beatriz*. — Foi condenada à morte sob Diocleciano (303) por haver dado sepultura a seus irmãos São Faustino e São Sulpicio, que haviam sido martirizados.

— Nasce no Rio de Janeiro a princesa D. Isabel, cognominada a "Redentora", que foi por três vezes regente do Império (1846). — Falece o coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, visconde de Pirajá, que comandou as forças brasileiras da Bahia no inicio da guerra da Independencia (1848).

30 *Santo Abdon*. — Cristão persa que foi a Roma com seu amigo Semsan, pelo fim do reinado do imperador Decio. Presos como cristãos, recusaram-se a sacrificar aos ídolos. Foram então açoitados e lançados aos leões; mas estes animais deitaram-se aos seus pés. Foram, por fim, decapitados em 354.

— *Santa Julieta*. — Dama muito rica da Cesaréa, na Capadocia, que foi martirizada por causa da sua fé na perseguição de Diocleciano.

— Nasce Joaquim José Inacio, visconde de Inhaúma, que comandou como almirante a esquadra brasileira no Paraguai (1808). — Combate naval de Lara-Quilmes (1826). — Falece no Rio o dr. Francisco Bonifacio de Abreu, barão de Vila da Barra, professor,

clinico, literato, poeta, um dos tradutores da "Divina Comedia" (1887). — Falece no Rio de Janeiro Lauro Muller, general, politico, ministro de Estado, da Academia Brasileira (1926).

31 *Santo Inacio de Loyola*. — Brilhante official na corte da Espanha. Foi convertido pela leitura da vida de N. S. Jesus Cristo e dos santos. Indo a Paris, lançou os primeiros fundamentos da Companhia de Jesus. Infatigavel zelador da fé cristã, devem-se a ele numerosas obras (1491-1556).

— *São Germano*. — Nascido em 380, tornou-se bispo de Auxerre e morreu em 448, em Ravena. Seu corpo foi levado a Auxerre pelo clero dessa cidade. Varias igrejas foram postas sob a invocação desse santo, notadamente a de Paris, construida por ordem do rei Childeberto.

— *Veneravel Luisa de Carvajal*. — Virgem da Espanha, foi à Inglaterra levar a fé e consolar os catholicos perseguidos. Sua morte ocorreu em 1613. — Falece em Lisboa José Basilio da Gama, natural de Minas Gerais, poeta, patrono da cadeira 4 da Academia Brasileira (1795). — Capitulação de Carias, no Maranhão, na guerra da Independencia (1823).



OPULENTA em malte, a Malzbier da Brahma é uma cerveja nutritiva por excelência. Equilibra as refeições deficientes e torna os alimentos mais assimiláveis pelo organismo. A Malzbier da Brahma — ligeiramente adocicada — é leve, saudável e refrescante. Acaba com a sede e nutre. No seu almoço, lanche ou jantar, lembre-se sempre da Malzbier da Brahma. É uma bebida que dá o que o seu paladar pede: delicioso sabor.



Malzbier DA BRAHMA

Numeros atrasados
desta revista em
São Paulo

Procurar á "Agencia Siciliano". Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

OUTROS RIRAM...



— Casado há quinze dias e deu uma surra em sua esposa! Quinze dias de cadeia!
— Mas, senhor juiz, o senhor, assim, me estraga a lua de mel!



— Olá, Fernandes! Tens aí dez mil réis?
— Não.
— E lá em casa?
— Todos bons, obrigado.



— Andas sempre com esse vinco das calças que é uma beleza.
— Meu velho, a primeira coisa que minha mulher me ensinou foi passar a ferro!



— A senhora Smith diz que acaba de retirar as faixas do ferido... e que não é o marido dela!



...O SEU SABOR REFRESCANTE É'

Delicioso

Escovar os dentes deixa de ser uma obrigação para tornar-se um prazer quando se usa o delicioso e estimulante Creme Dental Squibb. Experimente a agradável diferença e sinta, de fato, uma sensação de sadio bem-estar. O Creme Dental Squibb limpa bem os dentes, sem prejudicá-los. Na sua composição científica não entram substâncias raspantes ou adstringentes, nem sabão.

Contém um eficaz anti-ácido que, ao entrar em contacto com as bactérias na boca, ajuda a neutralizar a acidez por elas provocada. Preparado com a cooperação de odontologistas, com o objetivo de manter, no lar, um eficiente colaborador dos cuidados profissionais do dentista, proteger os seus dentes e evitar as cáries. Compre um tubo hoje mesmo.

Creme Dental SQUIBB

...O DENTIFRÍCIO ANTI-ÁCIDO

ESCÓVA ANGLE SQUIBB

Cientificamente construída e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.



Publicidade para esta revista em São Paulo

TRATAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS, 323 - TEL. 4.7866



— Estou desesperada. A cozinheira foi-se embora e tenho que fazer eu mesma o jantar de meu marido.

— Tranquelize-se. Não há de ser coisa de ele morrer, logo da primeira vez!



— O patrão não está. Foi viajar.
— Viajem de recreio, não?
— Não, senhor. Foi com a senhora.



— Por que não pões o teu dinheiro num banco? Dêste-te mal com eles?
— Não, mas fui diretor de um.



— Como lhe invejo a sorte, general! Mandar em trinta mil homens!

PRINCIPE DE GALES



O MELHOR CHARUTO

COSTA PENNA & Cia - BAHIA

LIVROS NOVOS

IBIAPINA, biografia por Celso Mariz — João Pessoa, 1942.

Este livro tem o sub-título **Um apóstolo do Nordeste**. Foi composto não apenas com o cuidado da exatidão e o empenho revelador, mas também com o sentimento do respeito afectuoso, da admiração enternecida pela individualidade a apresentar.

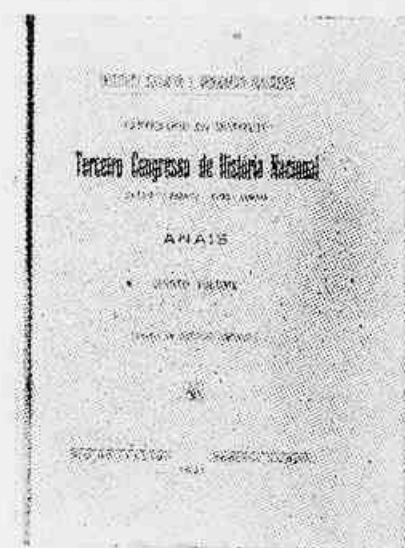
O sr. Celso Mariz não se limita, com efeito, a exercer a missão do historiógrafo. Junta-lhe uma constante e dominante emoção. Converte-a numa espécie de culto. Compara Ibiapina a D. Bosco e reveste-o de sublimidade. Depois de narrar a sua existência anterior de advogado, magistrado, político, parlamentar, faz-nos acompanhar a evolução daquele espírito no sentido da fé cristã e do sacerdócio. E vemos Ibiapina ordenar-se aos quarenta e sete anos e iniciar então a vida que o autor, no seu enlevo, qualifica de apostolar.

Desse momento em diante, Ibiapina assume a figura dum inspirado. Prêga a doutrina de Deus e ensina as grandes leis humanas. Leva às populações remotas, aos corações mais obscuros o impulso de rezar e a vontade de aprender. Dá combate ao pecado como à ignorância. Funda obras de assistência e faz abrir o maior numero possível de escolas. Dentro dos recursos obtidos pela sua energia, a sua tenacidade e uma bondade imensa que empreende todas as lutas, disposta a todos os sacrifícios, consegue melhorar a sorte dos operários das cidades e dos amanhadores do sertão. Por iniciativa sua, se erguem as paredes dos templos e dos hospitais; se mede, cerca, retalha e adorna das primeiras flores o chão dos cemitérios; se prepara o leito dos agüdes que hão de combater ou minorar os efeitos da seca; se procede a uma obra grandiosa e todavia singela, que abrange enorme região e se destina a salvar um mundo.

O sr. Celso Mariz visitou os lugares onde Ibiapina deixou mais poderosos ou mais belos sinais da sua influência realizadora. Colheu dados minuciosíssimos além das suas próprias impressões. Assim nos oferece uma série de cartas e bilhetes do apóstolo, documentos que servem bem para mostrar como se aplicava e multiplicava a sua dedicação á causa sagrada do próximo ignaro ou sofredor. Ibiapina também fez versos... Com todo o seu ardor de panegirista, o autor os considera «muito fracos no pensamento, na linguagem, no metro, em tudo.» Paciência. Não ha na Terra a perfeição absoluta. E não precisava realmente de ser poeta neste mundo quem no Outro ia ser santo.

ANAIIS DO III CONGRESSO DE HISTORIA NACIONAL

O V volume, que temos presente, dos Anais do III Congresso de História Nacional, realizado em 1838 na comemoração do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, continua a excelência dos volumes anteriores, apresentando uma cópia notável de teses e monografias de valor inegável. Encontramos nele, assinados por nomes de relevo, capítulos substanciais, cheios de interesse e curiosi-



dades, sobre «Velhos caminhos do Rio Grande do Sul», «Os selvagens do Brasil», «Arabutã», «Luis de Albuquerque», «Faculdades de Medicina», «Faculdades de Direito do Brasil», «A educação secundária no Brasil», «A música brasileira no período colonial», «Os cultores da Física no Brasil», «O Instituto Histórico: sua obra científica nos congressos», «A instrução primária e secundária no município da Corte, na Regência e Maioridade», «Período nassauriano e a contribuição holandesa na exploração geográfica do Brasil», «Paulo Barbosa e a fundação de Petrópolis» e «Afirmções nacionalistas».

Aí está um sumário bastante vasto e em que os assuntos, que são os mais varios, se impõem pela gravidade e valor.



ATRAZ DA CORTINA romance de Earl Derr Biggers, tradução de Alfredo Ferreira — Rio de Janeiro, 1942.

Sir Frederic Bruce, ex-chefe do Departamento Criminal da Scotland Yard, e



que está empenhado em desvendar o mistério do desaparecimento de duas mulheres, alguns anos antes, é assassinado em circunstâncias não menos tenebrosas do ponto de vista policial. O detective particular Charlie Chan — que vem a ser o Sherlock Holmes do romancista Earl Derr Biggers — empreende o esclarecimento desse segundo crime, que o levará de certo a reconstituir e elucidar o primeiro. Como geralmente sucede em tais novelas, sobretudo depois da criação celeberrima de Conan Doyle, estabelece-se entre Charlie Chan e a polícia oficial uma espécie de desafio. Mas a desvantagem da Scotland Yard logo se acusa, para se ir cada vez mais acentuando. Ao passo que os seus homens se deixam levar por falsas pistas e cometem toda a sorte de tolices, o seu rival, graças á prudência que lhe é peculiar e aos aforismos chineses á que frequentemente recorre, vai ganhando terreno e encaminhando-se para o bom êxito. A rigor, a sua vitória é prevista; a maneira como ele a obtem e os episódios intermediários é que prendem ou surpreendem o leitor e constituem o interesse da obra.

O CATARRO CAUSA ZUMBIDOS E SURDEZ

UM GRANDE REMEDIO EUROPEU QUE ELIMINA A MUCOSIDADE NASAL E ALIVIA A SURDEZ CATARRAL

São poucas as pessoas que se importam com a afecção catarral, que, não sendo tratada, pode degenerar em enfermidade incurável. A surdez, a afecção pulmonar e os zumbidos nos ouvidos, que aborrecem o doente, devem-se, frequentemente, ao catarro que, sendo descuidado, pode debilitar tanto a pessoa que sua saúde fica seriamente ameaçada. Um simples catarro pode degenerar em uma enfermidade grave. É mais do que uma doença passageira: é uma afecção perigosa. Se não é combatida, pode destruir o olfato, o gosto e, paulatinamente, minar a saúde em geral. Se V. S. sofre de catarro, compre na farmácia um frasco de PARMINT e tome uma colher das de sopa quatro vezes ao dia.

Sendo o catarro uma enfermidade que afeta o sangue, é necessário purificá-lo. Expulsando os tóxicos do organismo e libertando-o de impurezas, a enfermidade se elimina. PARMINT tem demonstrado sua eficácia em muitos casos, porque sua ação se exerce diretamente no sangue e nas membranas mucosas.

Recobrar a respiração fácil, a percepção do ouvido, o restabelecimento do olfato e do paladar, e levantar-se pela manhã, havendo adquirido novas forças, com a cabeça livre de ruídos e garganta sem catarro nasal, fazem com que a vida seja mais alegre. Para seu próprio bem, prove PARMINT e, logo que seu corpo todo anda em busca de alívio, deve V. S. começar o tratamento hoje mesmo.

J. L.

PÓ DE ARROZ

Lady

ADERENTE COMO UMA CARICIA PROLONGADA!

E' O MELHOR E NÃO E' O MAIS CARO!

A' VENDA EM TODO O BRASIL

C. TARQUINO

O Perú com Castanhas

Conto do escritor russo ARKADY AVERTCHENKO

A esposa entreabriu a porta do escritório e anunciou:
— Vassili, está aí teu sobrinho Stépan.
— Que é que ele quer?
— Diz que vem desejar-te Boas Festas.
— Manda-o plantar batatas!
— Escuta... E' teu parente... Parente próximo... Recebe-o, dá-lhe dois ou três rublos...
— E por que não o recebes tu mesma?
— Ora muito obrigada! Em primeiro lugar porque tenho muito que fazer. Preciso de olhar pelo Perú, não vá a cozinheira fazer alguma tolice...
— Ainda mais essa do Perú! Como nos sairemos da enrascada?
— Não sei, arranja-te. Sempre com a cabeça no ar, convidaste alguns amigos para jantar hoje e outros para amanhã. O Perú é um só...
— Não poderíamos servir metade de cada vez?
— Que idéia! Toda a gente faria caçoada de nós. A cidade inteira riria á nossa custa. Onde se viu pôr na mesa metade dum Perú?
— Tens razão. E' o diabo... Manda entrar esse idiota do Stépan. Despaça-lo-ei antes de chegarem os convidados.

Stépan era um tipo anguloso, escanifrado, de grande queixo, cabelo longo e arrepiado, olhos tímidos e como se andassem sempre procurando alguma coisa. As mãos e os pés saíam das mangas e das calças uns dez centímetros, pelo menos. E os sapatos começavam a rir francamente do resto do indumento.

— Olá, Stépan! Como vais?
— Assim assim, meu tio, muito obrigado. Venho desejar-lhe...
— Já sei, já sei. Ora, diz-me: Serias capaz de descobrir um bom Perú? Não faço questão de preço.
— Mas hoje, meu tio? E' o primeiro dia de Natal, todo o comércio está fechado...

— Escuta, Stépan... Distraidamente, convidei amigos para jantar, uns hoje, outros amanhã. E só tenho um Perú. Como vai ser?
— Caso sério... concordou docilmente o sobrinho. — Mande dizer que está doente.

— Não me acreditarão. Viram-me na missa hoje de manhã...
— Pode explicar que a cozinheira deixou queimar o Perú...
— São capazes de querer ir á cozinha, ver o desastre. Não, só havia um meio airoso de resolver a questão. Era vir o Perú para a mesa e não ser comido. Amanhã aquecia-se de novo e pronto.

— Seria então necessário que um dos convidados se adiantasse a declarar que já se tinha comido demais e não valia a pena...

O tio, que mordía o lábio superior, olhando pensativamente o pobre Stépan, pulou da cadeira, exultante:

— Isso mesmo! Ficas para jantar, valeu? E's da família, não fazes cerimonia, nada mais natural. E votas contra o Perú!

— A questão, meu tio, é que não estou muito elegante para...

— Não te preocupes com isso. Apresentar-te-ei como um homem superior mas um tanto esquisito, como todos os homens superiores. Um filósofo! E, quando vires chegar o Perú, exclamas: "O que, Senhor! Ainda outro prato de cozinha? Todos estamos mais que satisfeitos. Levem isso para dentro e passemos á sobremesa!"

— E os outros convidados? Que dirão os outros?

— Se disserem alguma coisa... não será em voz alta e não tens obrigação de adivinhar do que se trata. Aí, eu insisto: "Mas não aceitam ao menos uma fatia, para provar?" E tu: "Não senhor! Uma vez que ninguém tem apetite para mais, não vale a pena encetar um prato tão bonito. Deixemo-lo ir assim mesmo, inteiro, para dentro". Mas por que estás aí, em pé? Senta-te, meu caro Stépan, senta-te!

— Meu tio... arriscou o sobrinho, medrosamente. — Este ano, em vez de dinheiro, preferia que o senhor me desse um par de seus sapatos usados...

— Mas naturalmente! Dar-te-ei um par, quase novo, magnífico! Ora, este querido Stépan! Sabes que não és nada tolo, hein? Até me admiro de não ter notado isto mais cedo. Sim, senhor, de tolo é que tu não tens nada!

Já os convidados se sentavam á volta da mesa quando Vassili Pavlovitch apresentou o sobrinho:

— Meu parente e meu grande amigo. Um tanto excêntrico, mas homem superior, de veras superior. Um filósofo! Stépan, sente-se aqui. Prefere vodka ou licor?

Stépan sorriu satisfeitamente, esfregando as longas mãos ossudas, bebeu uma dose considerável de vodka. E depois, em voz bastante alta:

— Um general meu amigo come sempre, por cima da vodka, uma maçã.

— Que general? perguntou o tio atenciosamente. — O que tem um filho de quem o senhor é padrinho de batismo?

— Não, outro. Esse de que o senhor fala não passa de major. Um major inglês. E, aliás, só na Rússia é que há generais. No resto da Europa, não existe a patente.

— Ah, sim? interveio um visinho que o observava com bastante interesse. — O senhor tem viajado muito?

— Está visto! Em regra, faço uma longa viagem por ano. E também vou muito á Opera. Nem compreendo como se pode viver sem viajar e sem frequentar o Lírico!

Dois copos de vodka tinham aquecido a imaginação de Stépan, que se julgava na obrigação de falar pelos cotovelos:

— Mitoukov é que é um homem de primeira ordem. Não tardarão a ouvir falar nele. Talvez como físico, deixe a desejar... Mas talento, capacidade... Capacidade, senhores, é ali!

— Meu caro Stépan... atalhou amavelmente o tio — está se esquecendo de tomar a sopa.

— Muito obrigado. Sabe que os Ingleses, em geral, dispensam a sopa... — E voltando-se para a dama do lado esquerdo: — Mas livre-se a senhora de levar uma bofetada dum Inglês, porque verá estrelas ao meio dia!

Decididamente Stépan considerava-se no dever absoluto de fazer as despesas da conversação. E, depois de várias histórias mais ou menos verosímeis, voltou a ocupar-se de Mitoukov:

— Ah, não tenham duvida! O que até agora prejudicou Mitoukov foi a falta de publicidade. Os mediocres, os invejosos fazem-lhe a guerra do silêncio... Não tarda, porém, que ele os esmague, os pulverize, a todos. E desde esse momento começará a gosar da celebridade que tanto merece. Mitoukov...

— Perdão... atalhou uma dama, curiosa — mas quem é esse admirável Mitoukov?

— Eu, minha senhora!
— Ah, bom! Eu já tinha desconfiado.

— Nisto, veio para a mesa o Perú. O dono da casa empunhou o trinchante. Os convidados lambeiram os beiços, pregosando o acepipe. Stépan, porém, ergueu-se, bateu palmas para chamar a atenção e protestou com ênfase:

— Como assim? Ainda Perú! Mas todos nós já comemos de mais. Não acham, minhas senhoras, meus senhores? Seria uma pena encetar uma beleza destas quando todos estamos fartos, fartíssimos de comida. Mas, sinceramente, não acham?

Os convidados resmungaram coisas ininteligíveis.

— Justamente o que eu penso! exclamou Stépan, triunfante. — Levem isso para dentro e vamos á sobremesa!

— Mas não aceitam nem um pedacinho? murmurou, sem convicção, o dono da casa. — O Perú parece estar bom... E' recheado com castanhas...

O busto esgrouviado de Stépan alongou-se, debruçou-se sobre a travessa:

— O senhor disse: com castanhas?

— Cresceu-lhe agua na boca; e os olhos lhe brilharam em tão histérico, tão desvairado acesso de gula que o dono da casa se apressou a dizer, com um sorriso:

— Bom, uma vez que ninguém quer...

— Não! gritou Stépan, perdido de todo. — Se é com castanhas, aceito!

O trinchante tremeu nas mãos de Vassili Pavlovitch que ainda esperou um milagre... Parecia-lhe possível que Stépan caísse em si, acabasse por afirmar: "Era brincadeira minha... Levem isso para dentro..."

Stépan, porém, com aquelas coisas, e sobretudo em tais momentos, não brincava. Evitando o olhar do tio, reclamou:

— Do peito, faz favor... E carregue nas castanhas!

— Já que houve quem começasse, aceitarei também um pouquinho... declarou a dama que não conhecia Mitoukov.

— E eu! E eu! reclamaram todos os outros.

— Pois não, pois não... respondia o tio, com a voz estrangulada pela cólera...

E em breve do Perú só restava a carcassa. Então o dono da casa levantou-se e, dirigindo-se energicamente a Stépan:

— E' verdade, esquecia-me de lhe dizer: o general chamou-o ao telefone, com urgência. Venha. Eu lhe ensino onde está o aparelho.

Stépan não teve remédio senão abandonar o prato, a cadeira, e seguir o tio como um condenado seguiria o carrasco. E o tio, pelo caminho, foi dizendo:

— Mas é curioso como o general não pode passar um momento sem o senhor... E não só o general, meu caro Stépan, toda a gente que o conhece lhe vota verdadeira adoração... Miserável! Tinhas me prometido que não deixarias trincar o Perú e foste o primeiro a avançar nele! Não te dei sopa, peixe, costeletas, o diabo a quatro? Portaste-te como um verdadeiro infame! Todos os convidados estavam dispostos a recusar, quando tu, desgraçado, tu...

Stépan seguia-o, apertando contra o peito as longas mãos ossudas; e alegava lamentosamente:

— Mas, meu tio, o senhor não me tinha dito que o recheio era de castanhas! Por que me ocultou essa circunstancia? Eu nunca tinha comido Perú com castanhas... A culpa não foi minha, foi das castanhas! Eu ia recusar, o senhor bem viu... Mas começou aquilo a ressoar cá dentro: "castanhas, castanhas"...

— Ah, sim? Pois então, põe-te lá fora e não me tornes a aparecer, ouviste?

— Meu tio, o senhor disse que me daria uns sapatos...

— Ainda por cima, bandido? Rua! Rua, quando não...

Stépan caminhava, com o pescoço enterrado nos ombros, procurando proteger as orelhas enormes com a gola do sobretudo coadadíssimo. A neve, que até então parecera fazer, espessa e inerte, desatou a dançar, a torvelinhar á roda do pobre diabo. As mãos do infortunado, completamente fora das mangas, gelavam; sapatos gretados, gelavam; e lá dentro, nas veias, o sangue ameaçava gelar.

Stépan marchava com o nariz para o peito, semelhante a uma cegonha. Esbarrava nos transeuntes sem pedir desculpa, sem dar palavra. Ninguém poderia dizer quais eram os seus pensamentos...

'PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM"

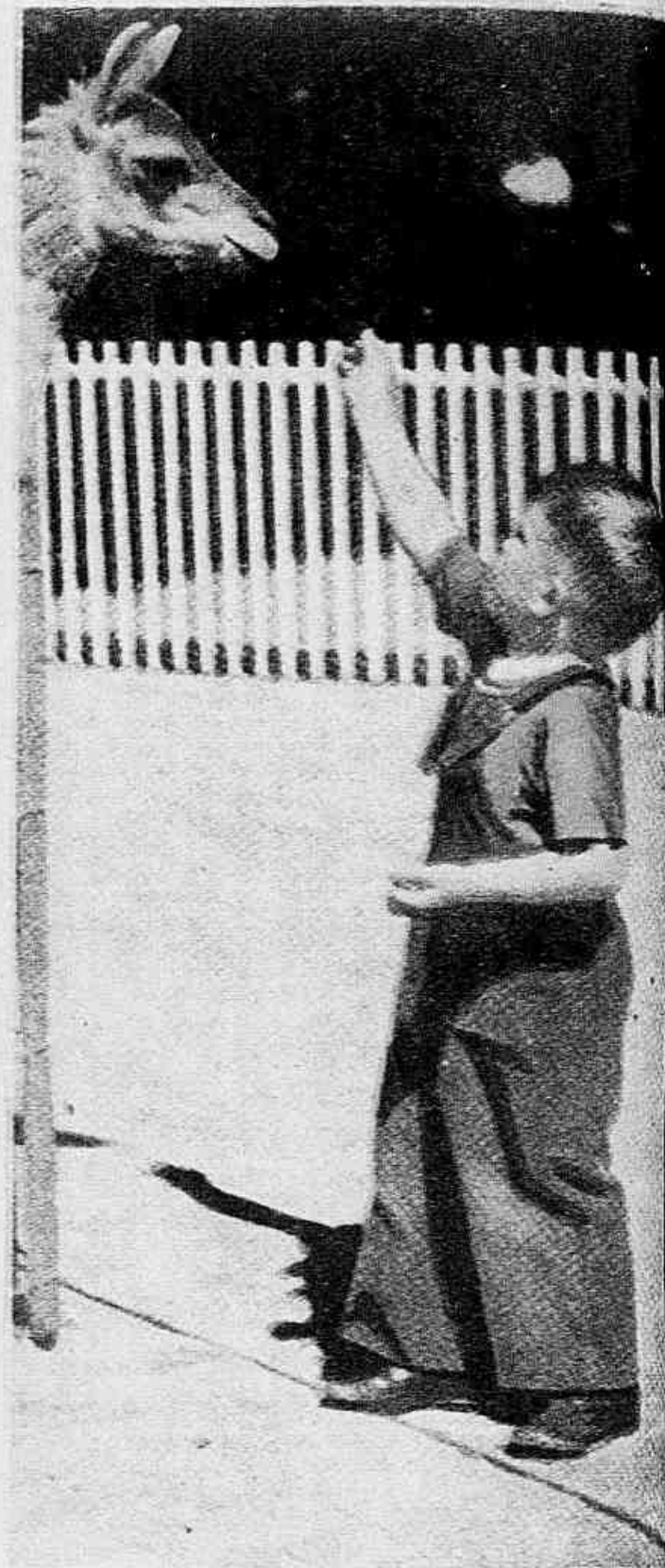


MENTHOLATUM
É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA
RESFRIADOS
UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULÁVEL

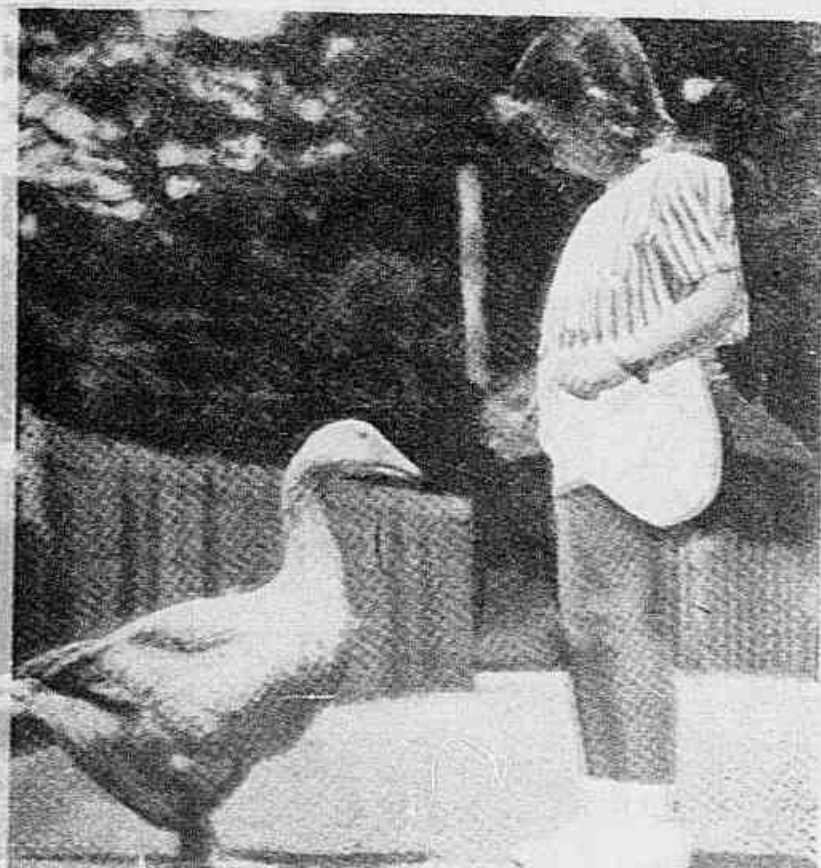


O mapa acima expõe a situação militar na frente meridional do front russo, no meado desta semana. As setas cheias indicam o sentido da ofensiva alemã. Tendo rompido as linhas fortificadas russas em Kursk e Karkov, os nazistas empreenderam um duplo avanço sobre Voronezh, grande centro ferroviário e chave do vale do rio Volga, e Rostov, porta de entrada para o Cáucaso. As unidades motorizadas de Hitler, uma vez transpostas as linhas fortificadas russas, progrediram com relativa facilidade pelas planícies da margem ocidental do rio Don. Entretanto, até ao presente, conseguiram transpor esse rio apenas em frente a Voronezh. E foi justamente nesse setor que os russos empreenderam a sua mais feliz contra-ofensiva, provavelmente com tropas enviadas por Zukov, conseguindo infligir serias perdas aos atacantes e comprometendo o sucesso de sua ofensiva nesse setor. Se os alemães não ocuparem Voronezh nada terão conseguido da caríssima investida que empreenderam partindo de Kursk. Na região da curva do Don, a posição das forças de Hitler não é bem conhecida. É certo, porém, que elas não continuarão a progredir nesse setor se não consolidarem os seus flancos. Na boca do Don, Rostov sofre o peso de um poderosíssimo ataque vindo de três direções. Entretanto, uma vez conquistada a cidade será necessária ainda outra luta para atingir a margem oriental do grande rio.

O ZOO DAS CRIANÇAS



Que pescoço comprido!... Mas... é só tamanho. O garotinho sabe disso e, amavelmente, oferece um galho de folhas tenras ao seu amigo encarcerado.



«Eu quero ir para casa!» Não se ouve nunca esta frase no Bronx Zoo. Também... com um macaquinho tão carinhoso coçando a cabeça, ele ficaria horas inteiras, esquecido de tudo.

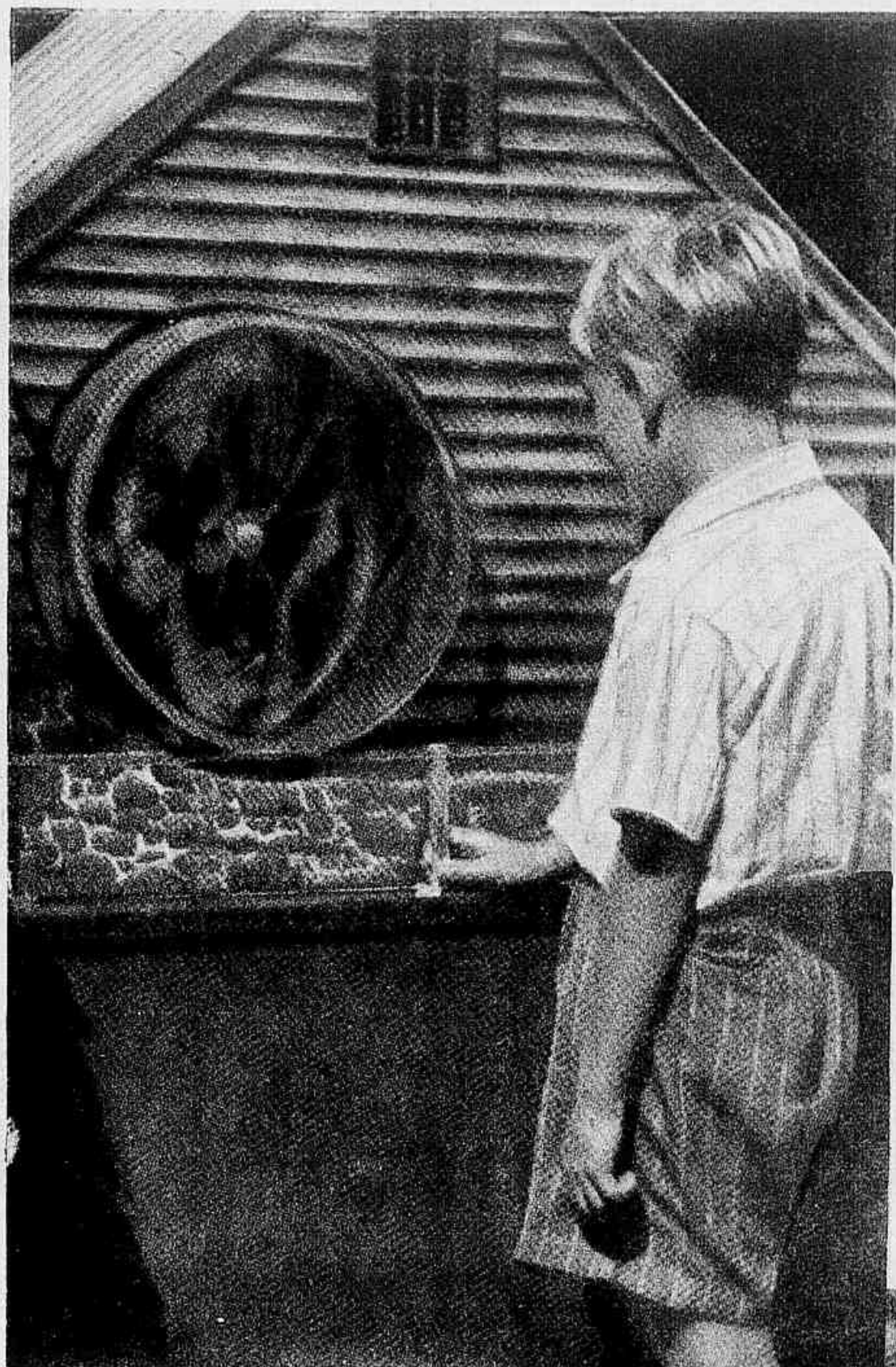


O ganso está aprendendo a esperar. Quando ela disser — três! — ele abre o bico, estica o pescoço e come a folha de alface.

O cãozinho não morde. É mais comodo chupar a mamadeira, não é?



Este é o predileto das crianças. Chamam-no «Kinkajú». E leva uma vida invejável entre beijos, abraços, passios no colo de lindas meninas e gulodices que todos trazem para ele.



Na gaiola circular da jaula espaçosa, os esquilos dão audiência a um boníssimo «boy».

E' PROIBIDA
A ENTRADA
AOS MAIORES
DE 14 ANOS



A casa é agradável. E o dono, muito gentil. Não é por medo que eles não entram. Estão à espera do outro irmãozinho.

Sempre foram as crianças um pretexto amável para um passeio de gente grande aos Jardins Zoológicos. Entretanto, os pequeninos jamais acolheram com entusiasmo o convite do Papai ou do Vovô para «ver os bichos.» Para eles, nada tem de agradável passar meia hora diante das jaulas, ouvindo, cada minuto, conselhos assim: — Não chegues tão perto! O leão te come. Não encoste as mãos na grade que o tigre te agarra! Tanto que, nos jardins zoológicos, ouve-se mais o choro das crianças do que o urro das feras e o guincho dos macacos.

O fato chamou a atenção dos diretores do Bronx Zoo em New York. Fez-se um jardim zoológico para as crianças. Nele só têm entrada os adultos que sejam levados por gente de calças curtas ou fitas nos cabelos. Se um adulto vai sozinho visitar esse extraordinário parque de bichos, é obrigado a comprar dois ingressos e esperar que uma criança apareça para acompanhá-lo. Já na entrada, o privilégio infantil se impõe. Há uma ponte que qualquer garoto atravessa brincando, mas que os grandes são obrigados a pular.

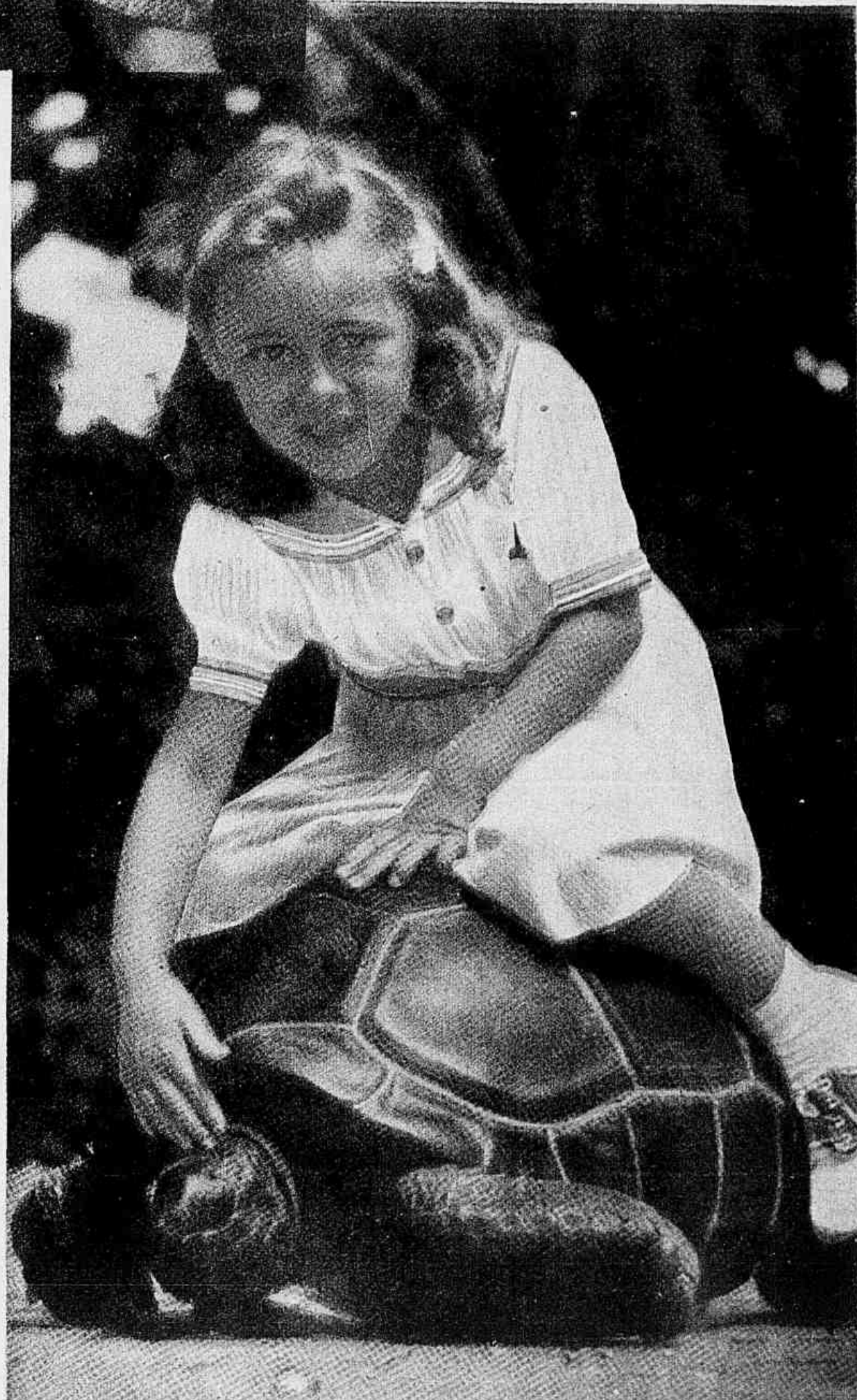
Dentro do jardim, circulam em liberdade animalzinhos amáveis e doces, que não fazem medo a ninguém e que as crianças podem pegar à vontade: coelhos, macaquinhos, esquilos, tartarugas, animais domésticos. Os adultos são proibidos de amolhar os meninos com perguntas, lições, conselhos ou ordens. Na Arca de Noé dos pequeninos, só eles são senhores. É a replica infantil dos filmes e das peças «impróprios até 10 ou 14 anos», dos bars, dos bailes, dos clubs. No Zoo de New York, a infância, livre e feliz, tem o seu quinhão de alegria simples e sadia.



A cabeça espichada sobre as grades, o jumentinho espera a carícia habitual. E a «tablette» de açúcar, também.



Machucou-se correndo na relva. A enfermeira aparece, como por encanto, e pensa o ferimento.



Ela não tem pressa nenhuma. O cavalinho pode dormir à vontade. Trezentos anos é muito pouco, quando se tem cinco, e se é americana.

O afinador de pianos Murkin, barbado, com uma cara amarela, um nariz de tomador de rapé e um chumaço de algodão nos ouvidos, saíu do seu quarto para o corredor e com voz rouca gritou:

— Simon! Rapaz!

Reparando-o no seu rosto assustado poder-se-ia pensar que lhe tinha caído o tecto em cima ou que acabava de ver algum fantasma no seu quarto.

— Por Deus! Simon! — gritou ao ver que o rapaz acudia ao seu chamado. — Que é isto? Sou um homem rheumático e doentio e me obrigas a sair descalço do quarto! Porque ainda me não trouxeste as botas? Onde estão?

Simon entrou no quarto de Murkin, olhou para o lugar onde costumava pôr as botas limpas e coçou a nuca: as botas não estavam lá.

— Onde estarão as malditas? — disse Simon. — Parece-me que á noite as puz aqui mesmo depois de limpá-las... Hum!... Hontem, confesso, eu estava um pouco bebido... Provavelmente as deixei em outro quarto. Sim! Justamente, senhor Murkin, eu as puz noutro quarto! Tenho muitos pares para limpar e quando a gente está bebedeira nem o proprio demonio pôde distinguil-as, nem mesmo se sabe o que se passa com a gente. Devo tel-as deixado no quarto junto... no da comica...

— E agora, eu, por tua culpa, tenho de incomodar essa senhora! Ir acordar uma mulher honrada por causa de semelhante maluquice!

Suspirando e tossindo Murkin se aproximou da porta do quarto contiguo e chamou com certo cuidado.

— Quem está aí? — ouviu-se dizer uma voz feminina ao cabo de algum tempo.

— Sou eu! — começou Murkin a dizer com voz de lamento, pondo-se na posição de cavalheiro que fala com uma senhora da alta sociedade. — Perdoe-me incomoda-la minha senhora; é que eu sou um homem doentio, rheumático... Os medicos, minha senhora, me mandaram ter os pés sempre quentes, tanto mais que agora tenho de ir afinar o piano da casa da generala Chevelitsenaia. E eu não posso ir descalço.

— Mas que é que o senhor deseja? Que piano é esse?

— Não é o piano, minha senhora: trata-se das minhas botas. Esse animal do Simon limpou as minhas botas e, por engano, deixou no quarto da senhora. Tenha a bondade minha senhora, de m'as dar.

— Leve as que Deus manda que leve... Porque é pobre... como poderia um comico te-las melhor?... «Mas que botas usa o senhor, Pavi Alexandrovitch? disse-lhe eu certa vez. E' uma vergonha!» Ele me disse: «Cala-te, com estas botas mesmas tenho feito papeis de condes e de principes!» Estupido! Em uma palavra: é comico. Se eu fosse governador ou coisa assim, agarraria todos esses comicos e metia-os no xadrez.

Fazendo grandes esforços Murkin calçou, por fim, as botas do pé esquerdo e, coxeando, dirigiu-se para a casa da generala Chevelitsenaia. Durante o dia todo andou pela cidade, afinando os pianos, e lhe pareceu que toda a gente olhava para os seus pés, vendo as botas remendadas, com os tacões torcidos. Além dos tormentos espirituais teve que sofrer os phísicos: tinham-se-lhe formado calos.

A' noite foi ao teatro. Representavam Barba Azul. Sômente antes do ultimo ato, graças á recomendação de um flauta, conhecido seu, o deixaram entrar nos bastidores. Ao entrar no quarto onde os artistas se vestiam nele encontrou todo o pessoal masculino. Uns mudavam de roupa, outros se pintavam, e alguns estavam sentados, fumendo. O «Barba-Azul» estava em pé falando como «Rei Bobeche» e lhe mostrava um revólver.

— Compra-m'o — dizia o «Barba Azul» — Eu proprio o comprei em Kursk, num saldo, por oito rublos; a ti eu o deixarei por seis... Atira maravilhosamente bem...

— Cuidado! Está carregado.

— Poderei falar ao senhor Blistanov? — perguntou o afinador, que acabava de entrar.

— A's suas ordens! — respondeu o «Barba Azul», voltando-se para Murkin — que deseja o senhor?

— Perdoe-me incomoda-lo, meu senhor — disse o afinador com voz suplicante: — mas, creia-me... Sou um homem doentio e rheumático... Os medicos me mandaram ter os pés sempre quentes.

— Mas, que deseja o senhor?

— Vae saber... — proseguiu o afinador, dirigindo-se para o «Barba Azul» — E' que... esta noite o senhor teve a bondade de passa-la na casa de comodos mobiliados do comerciante Buiteiev... no quarto numero 64...

— Eh! Para que mentir? — exclamou a sorrir o «Rei Bobeche» — No numero 64 mora minha mulher.

AS BOTAS

CONTO DE

ANTON TCHEKHOW



Ouviu-se um leve rumor: o salto de alguém que sae da cama e o arrastar de uns chinelos, após o que se abriu a porta ligeiramente e uma mãozinha feminina e carnuda atirou aos pés de Murkin um par de botas. O afinador exprimiu os seus agradecimentos e caminhou para o quarto.

— E' esquisito... — murmurou enquanto se calcava — Parece que esta não é a bota direita... Mas sim, as duas são do pé esquerdo! Ambas do pé esquerdo! Ouve, Simon: estas não são as minhas botas. As minhas têm orelhas vermelhas e não estão remendadas: estas estão rotas e não têm orelhas!

Simon suspendeu as botas, olhou-as bem por todo os lados varias vezes e franziu as sobrancelhas.

— Estas botas são de Pavi Alexandrovich... — murmurou olhando de revez.

Simon era vesgo do olho esquerdo.

— De que Pavi Alexandrovich?

— Do comico... um comico que aqui vem todas as terças-feiras... Assim foi que em lugar de pôr as dele puz as suas. Pelo que se vê deixei no quarto dessa senhora os dois pares: as botas suas e as do comico... Ai! Ai!

— Pois vá troca-las.

— Belo negocio! — exclamou Simon a sorrir. — «Vae troca-las!...» E onde vou eu agora busca-las? Ha uma hora que Pavi Alexandrovitch foi embora: é como procurar agulha em palheiro.

— Mas onde mora?

— Vá-se lá saber! Vem todas as terças-feiras, mas não sei onde mora. Vem, passa a noite e até á proxima terça-feira.

— Não vês, animal, o que fizeste? E eu? Que vou eu agora fazer? Tenho que ir á casa da generala Chevelitsenaia e... Animal! Já se me esfriaram os pés!

— Trocar as botas não é muito difícil: calce estas por enquanto, use-as até á noite, e á noite vá ao teatro e pergunte pelo ator Blistanov... Se não quizer ir ao teatro terá de esperar até á proxima terça-feira. Só vem ás terças-feiras...

— Mas por que ha aqui duas botas do pé esquerdo? — perguntou o afinador, apontando as botas com repugnancia.

— Sua mulher? Com muito prazer... — disse Murkin sorrindo. — Pois essa senhora, sua esposa... ela propria... me entregou as botas do senhor... Quando o senhor — o afinador apontou para Blistanov — a deixou, eu me puz a procura-las... Chamei o criado e ele me disse: «Eu, senhor, deixei as suas botas no quarto ao lado!», como estava bebido, deixou no quarto numero 64 as minhas e as do senhor — continuou Murkin, dirigindo-se a Blistanov — e o senhor, ao deixar a senhora deste senhor, calçou as minhas botas...

— Mas que historia é essa? — disse Blistanov franzindo as sobrancelhas. — O senhor veio cá para fazer intrigas?

— De modo algum! Deus me livre! O senhor não me compreendeu! Eu vim por outra coisa. Vim por causa das minhas botas. Não foi o senhor quem teve a bondade de passar a noite no numero 64?

— Quando?

— Esta noite mesma.

— E o senhor me viu?

— Não senhor, eu não — respondeu Murkin muito confuso, sentando-se e tirando rapidamente as botas. — Eu não vi o senhor, mas a mim me deu as botas do senhor, em lugar das minhas, a senhora daquele senhor.

— Mas que direito tem o senhor de afirmar semelhantes coisas? Já não falo de mim, mas o senhor ofende uma mulher e, demais, na presença do seu marido!

Armou-se um escandalo. O «Rei Bobeche», o marido ofendido, ficou vermelho e com tanta força deu um soco na mesa que no camarim ao lado se sentiram indispuestas duas atrizes.

— E tu acreditas nele? — gritou-lhe o «Barba Azul» — Tu crês neste idiota? Oh! oh! Queres que o mate como a um cão? Queres? Dele farei um bife! Esmaga-lo-ei!

Todos os que passeavam aquela noite pelo jardim do teatro de verão contam agora que viram, antes do quarto acto, correr do teatro, pela alameda principal, um homem descalço, com a cara amarela e os olhos horrorizados. Perseguido-o, atrás dele ia outro homem, em trajes de «Barba Azul» e com um revólver na mão. Que sucedeu depois? Ninguém o soube. Sabe-se sômente que Murkin, depois daquela entrevista com Blistanov, passou de cama duas semanas, enfermo; e ás palavras: «Sou um homem doentio e rheumático» começou a acrescentar: «Sou um homem ferido...»

ELOI DE ALMEIDA -- Precursor da arte do buril no Brasil

Nestor Wanderley Curio

Como aqui desembarcou, procedente de Portugal, o gravador **Romão Eloi de Almeida**, constitui matéria controvertida.

Em algumas monografias de sua terra natal, ele figura como acompanhante da comitiva de D. João VI, quando este embarcou para o Brasil.

Tal afirmação é originada da gravura assinada no Rio de Janeiro, «Retido» — ótimo trabalho cujo retrato não se encontra identificado.

«Eloi» e outros trabalhos autenticava «R. E. Almeida», usando esta assinatura com mais constância.

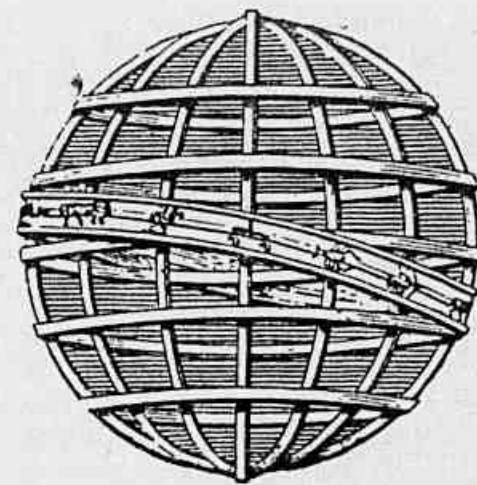
No arquivo da Imprensa Nacional de Lisboa encontram-se catalogados alguns trabalhos do afamado gravador.

Dentre as melhores obras de sua lavra, existem dois importantes retratos, de elevado valor artístico, os quais são «Italo Orphéo Hieronimo», gravura de 1798, recalcada na pintura de Domingos de Sequeira, e «Visconde de Santa Marta»,

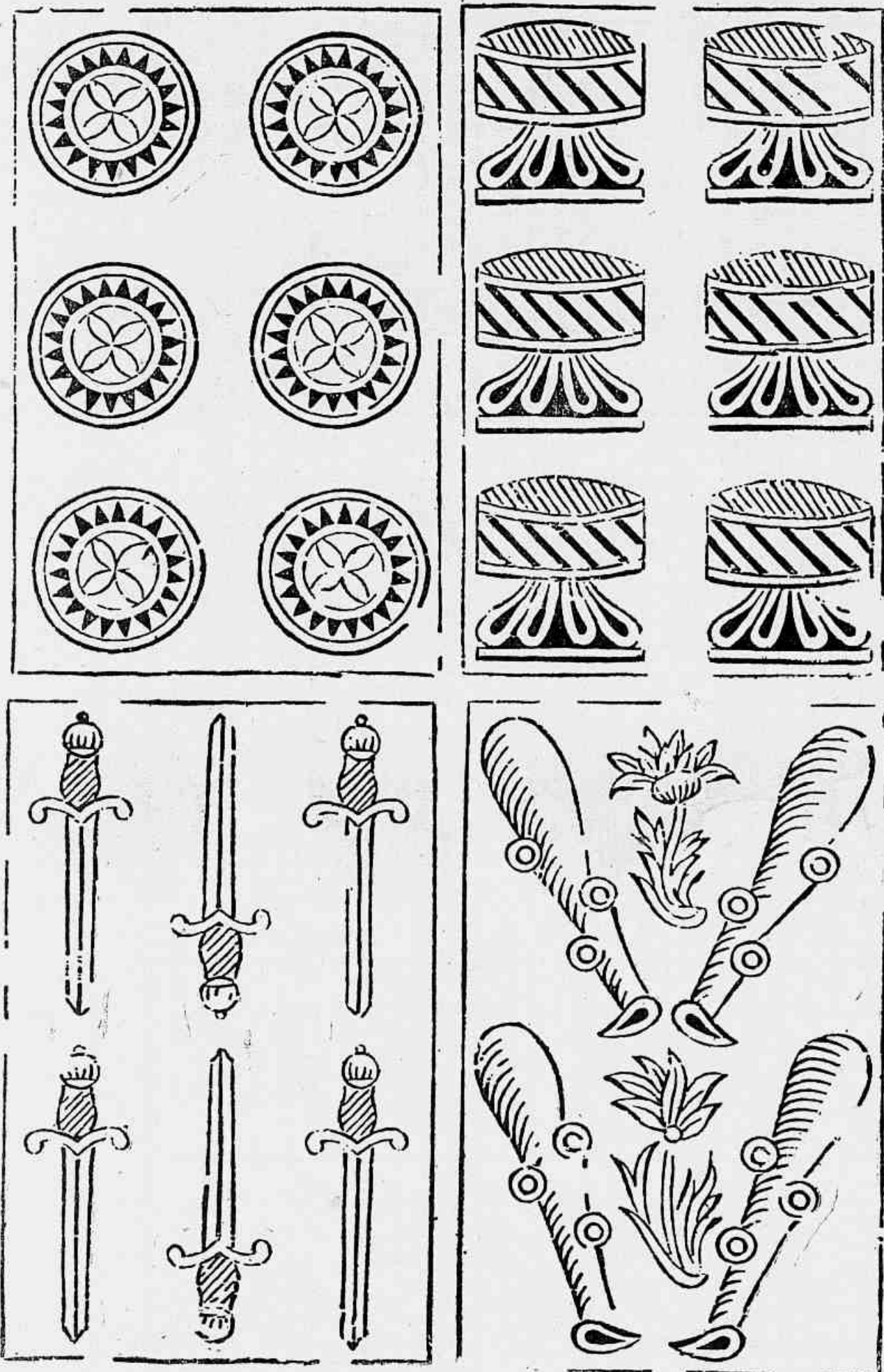
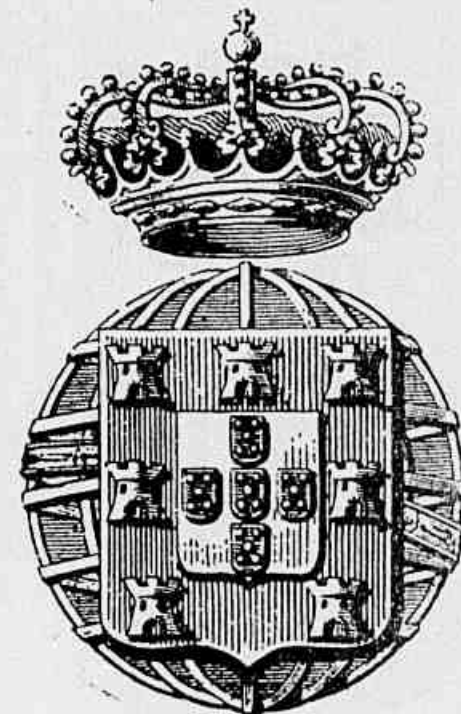


Retrato de Alexandre Pape, desenho e gravura de autoria do artista Romão Eloi de Almeida, executado em 1810, na Imprensa Régia.

de Alexandre Pape, execução realizada no ano de 1810, para os livros — «Ensaio sobre a critica de Alexandre Pape» e «Ensaio morais de Alexandre Pape» — tradução do Conde de Aguiar.



Trabalhos do gravador português. Armas do Reino do Brasil, e as do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em um único escudo, gravação feita na Imprensa Régia, em 1816.



Clichés xilográficos, para cartas de baralho. Trabalhos para a fábrica que funcionou anexa à Imprensa Régia.

Outros escreveram que ele integrou a comissão trazida em 1808, por frei José M. da Conceição Veloso, erudito brasileiro que dirigiu a Tipografia Literária e Oficial de Lisboa.

Não resta dúvida, entretanto, ter sido este artista o precursor da arte do buril em nosso país, como artífice da Imprensa Régia, fundada por decreto de 13 de Maio de 1808.

Sua perfeição profissional foi adquirida como um dos mais aplicados discípulos de Bartolozzi, e em Portugal sua reputação era conceituadíssima, tendo dirigido a seção de gravadores da Casa Literária de Lisboa.

Com a instalação da Imprensa Régia, prestou, relevantes serviços, empregando sua atividade em abertura de mapas e cartas geográficas.

Foi também apreciado ilustrador, tendo aberto chapas para ilustração de compendios, notadamente sobre Botânica e Zoologia.

Sua rubrica era algumas vezes apenas

que constitui a serie de quadros conhecida por «Coleção de Heróis de 23».

Em alegorias, Romão de Almeida tornou-se perito, executou variada coletânea, inclusive «Estatua Equestre», gravada para ilustrar as páginas do livro editado em Lisboa, no ano de 1810, «Descrição analítica da execução da estatua equestre erigida em Lisboa á gloria do Senhor Fidelissimo D. José I».

Merecem ainda destaque, por sua perfeição, «A serva de Deus Maria do Lado», desenho de Sequeira, gravado em 1800; «Santo Antonio» venerado na capela do Convento de Jesus; «Santo Amaro» e «Santa Rita de Cassia», belíssimos registros baseados nos desenhos de João Tomaz da Fonseca.

No interessante «Museu Exposição» funcionando em caráter permanente na Imprensa Nacional, poderão ser admiradas numerosas concepções deste artista português, inclusive o desenho e a gravura

CABELOS SEDOSOS, BRILHANTES, FINAMENTE PERFUMADOS.

Nº 177 B

Quina Petroleo ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

A VENDA EM TODO O BRASIL

Quina Petroleo ORIENTAL protege a ondulação permanente.

MITOS DO PÍNDORAMA

SABONETE DE REUTER

Esse algo intangível que se chama formosura é o que toda mulher ambiciona. A base é uma cutis deliciosamente asseada. Use diariamente o

SABONETE DE REUTER

para conseguí-la.

LSK



Impossível dormir!

Qual a causa dessa terrível insônia que a aflige? Preocupações morais? Motivos de ordem física? Sejam quais forem as causas da insônia, esta encontrará remédio seguro em um ou dois comprimidos de ADALINA de Bayer.

ADALINA é um calmante inofensivo, de ação suave sobre o sistema nervoso; combate a insônia, permitindo um sono tranquilo e reparador, bem como um despertar natural.

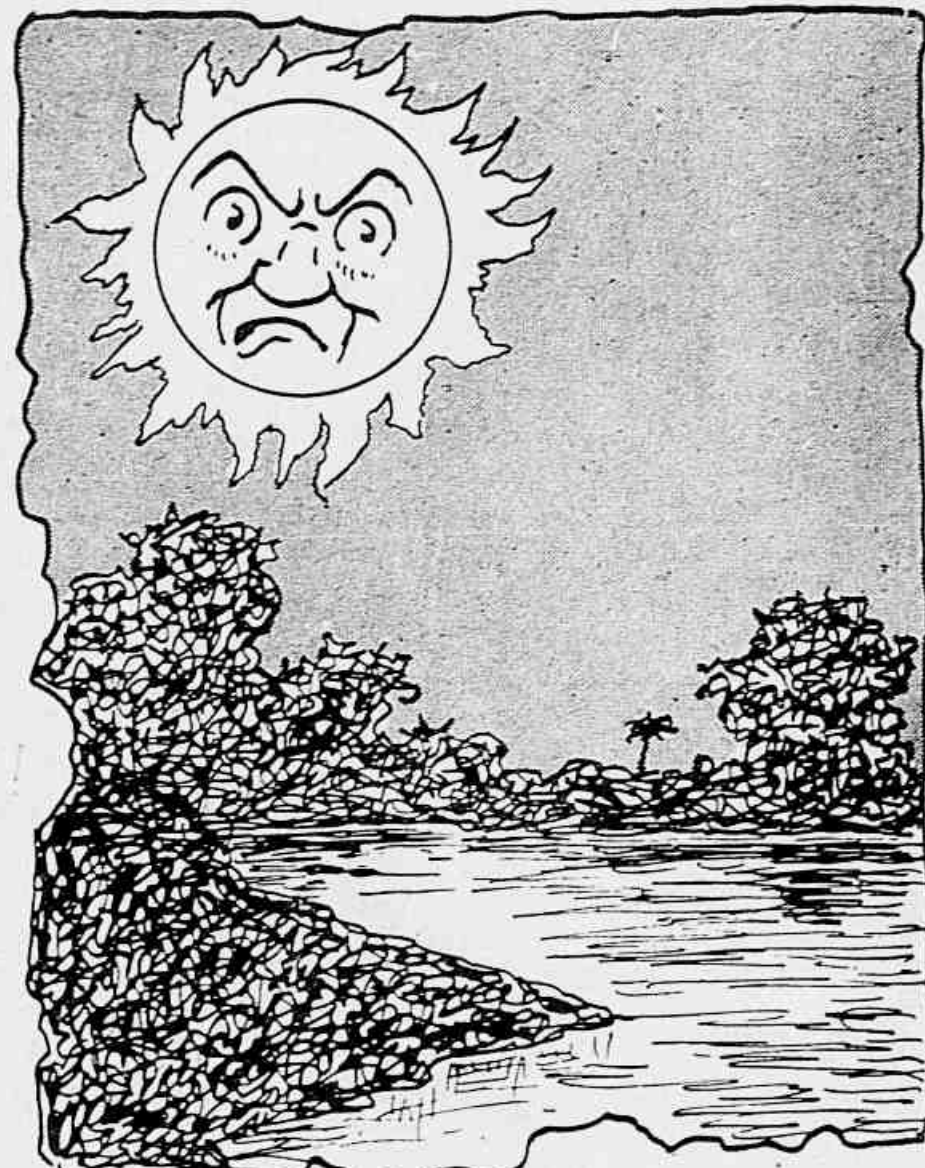
ADALINA

BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO



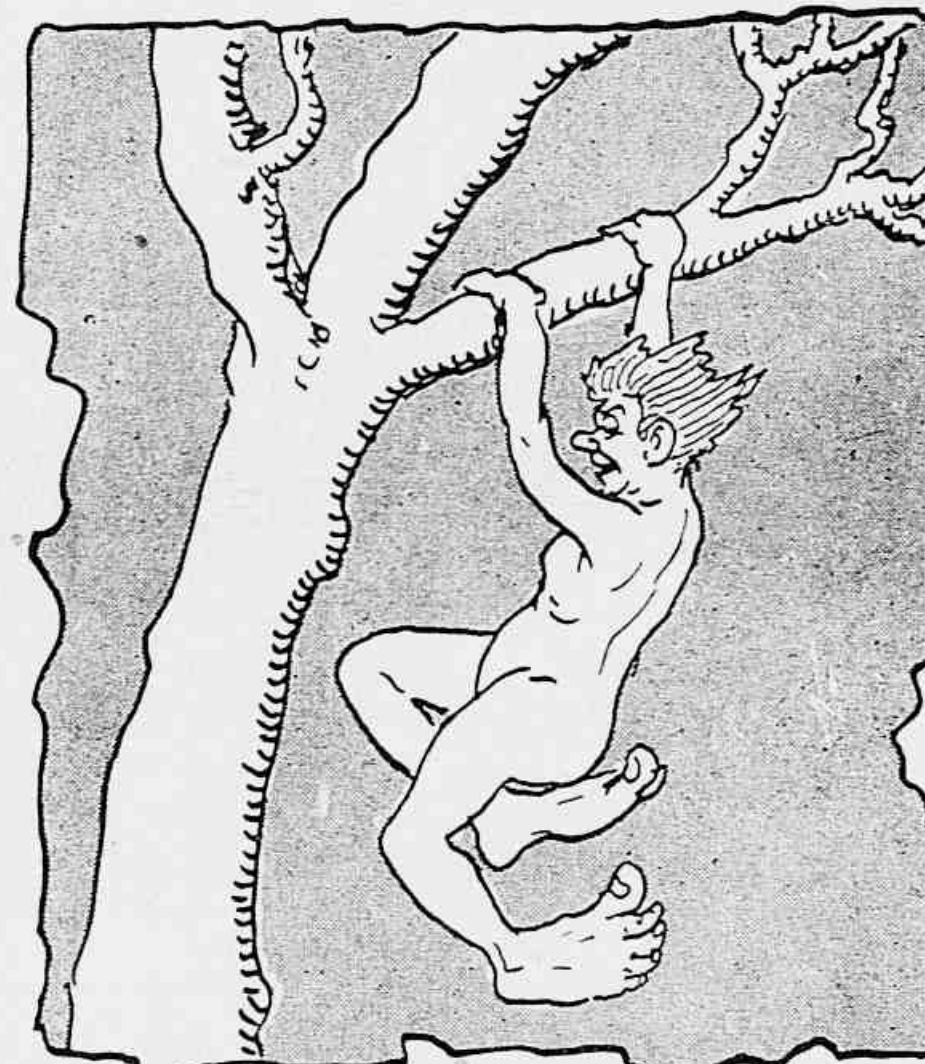
JACÍ. (Dindinha lua)



COARACÍ. (Papai Sol)



RUDA'. (Cupido indígena)



CURUPIRA (De pé atrás)



CAAPÓRA. (Enguiço)



SACÍ-PERERÊ (Autêntico)

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

A SEMANA QUE PASSOU

De Segunda a Domingo

A guerra continua a dar a máxima expansão aos aviões. Londres anuncia o aparecimento do Anuario Jane de Aviação, em que são descritos novos modelos adotados pelas nações beligerantes.

Entre os monoplanos, aparece um novo "Hurricane", que é o mais poderosamente armado do mundo, com seis metralhadoras que podem ser substituídas por quatro canhões de 20 mm. O novo "Spitfire 5", com dois canhões e quatro metralhadoras, é também poderosíssimo. Isto, quanto à Inglaterra.

Quanto aos Estados Unidos, também há máquinas de novo tipo, inclusive o "Vough-Sikorsky", caça naval cuja velocidade vai a 640 kms. por hora, sendo, pois, o mais veloz do mundo; e uma "fortaleza-voadora" aperfeiçoada. Adianta a notícia que as fabricas norte-americanas estão produzindo trinta e um tipos diferentes de aviões para as nações democráticas.

A Alemanha, por seu lado, apresenta o "Focke-Wulf-1909" e o "Messerschmitt-210", com velocidade aproximada de 625 kms. a 5500 metros de altura, que são excelentes.

Está provado, assim, que o homem, esquecendo-se de insistir na descoberta dos meios de prolongar a vida, procura, com afã, encontrar os meios de destruir mais velozmente a espécie.

Imaginemos o que seria se o homem não fosse o rei dos animais!

—oOo—

MELHORES DO QUE O GANDHI... — Gandhi é apontado nos nossos dias como o campeão do jejum, o maior grevista da fome. No entanto, dizem de Nova York que o químico Martin está disposto a criar um exercito de abstinentes ou de criaturas faceis de contentar em materia de munición de boca.

Tratando da organização de tropas paraquedistas, as autoridades militares teriam, por força, de cuidar da sua alimentação, como da de outras forças isoladas. O químico pretende ter resolvido o problema, preparando soldados "condicionados" á dieta de capim, folhas de arvores e madeiras por meio de uma bactéria inofensiva, ingerida em veiculo liquido e — acrescenta o descobridor — "com gosto de xarope de chocolate".

A noticia remata por dizer que um grupo de convictos de Sing Sing já se apresentou voluntariamente para o test de tratamento.

Que horizonte ilimitado se abre agora, cheio de paraquedas, para os presidiarios de Sing Sing!

—oOo—

MARCHA FORÇADA. — Noticias da frente oriental européia informam que foram aprisionadas tropas alemãs acorrentadas aos seus canhões e metralhadoras.

Nada mais adiantam as noticias.

Entretanto, poderemos nós outros adiantar alguma cousa, ainda que sejam só conjecturas?

Por que teriam sido amarrados com correntes, ás peças, os seus soldados? Para puxá-las ou para não desertarem? E se não fôr nem uma cousa nem outra, qual a razão da novidade?

E' bem possivel que a cousa não tenha importancia alguma e que os alemães hajam sido levados a acorrentar os guerreiros pelo simples gostinho de dar dór de cabeça aos inimigos, fazendo-os imaginar tudo... menos a verdadeira razão...

—oOo—

A HORA DOS GATOS. — Lisboa participa que um navio português foi forçado a ir a Gibraltar, tendo sido fiscalizada a sua carga. Puta consequencia do bloqueio inglês.

Mas — aí é que a historia tem um cunho de novidade — foram retiradas de bordo, em Gibraltar, sete malas embarcadas nos Açores, cheias de peles de gato, proprias para visores de avião e mascaras contra gazes.

Que caçada o povo dos Açores levou a efeito aos gatos!

E agora, que já se sabe a utilidade da sua pele, bem se pode imaginar que os pobres bichanos vão ter os dias contados. Chegou a sua hora H!

Mas, como o mal de uns é bem para os outros, não faltará quem bata palmas, na maior alegria: os ratos!

—oOo—

A CATA DE OURO. — Agitou-se no Conselho Nacional de Proteção aos Indios, através da palavra acatadissima do general Rondon, uma interessante questão. Projetava-se em Cuiabá a organização de um bando aventureiro para explorar o rio das Mortes á procura das celebres minas dos "Martirios". Mas o caso é que essa expedição, com intuitos puramente de comercio e aventura, iria perturbar a pacificação dos indios Chavantes, com que se ocupa o Ser-



RECEBA GRATIS

até 20% mais de luz preferindo as lâmpadas Edison Mazda G.E.

● Há uma razão científica para essa economia oferecida pelas lâmpadas Edison Mazda G.E. Elas são dotadas de um filamento **DUOSPIRAL**, que dá até 20% mais de luz, pela mesma energia consumida. Essa é apenas uma das vantagens das lâmpadas de qualidade G.E. Dão luz mais uniforme e abundante e a satisfação de uma economia permanente.

LÂMPADAS
EDISON-MAZDA
GENERAL ELECTRIC

NA SALA DE ESTAR

Uma lâmpada de 100 watts junto a sua poltrona tornará repouso a leitura.



NO DORMITÓRIO

2 lâmpadas de 60 watts no teto, e outra de 60 para a leitura proporcionam iluminação satisfatória.



NA COZINHA

A cozinha também requer boa iluminação: no mínimo uma lâmpada de 100 watts.



NO BANHEIRO

Evite cortes e falhas, tendo uma lâmpada de 40 watts em cada lado do espelho.




VINOVITA

TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

viço de Proteção aos Indios. O Serviço movimentou-se e o governo de Mato Grosso acabou com a incorporação do que se estavam inscrevendo para participar da expedição.

Um golpe que falhou!

O venerando general Rondon não nos adiantou, porém, se os expedicionários, como compensação, receberam dos desmancha-prazeres o instrumental necessario para poderem ver as minas de "Martirios" por um oculo...

—oOo—

O NOVO CASTIGO NO AFGANISTAN. — Diz a lenda que ainda há nos arredores de Damietta uma arvore á qual eram pregados pelas orelhas os contribuintes que ficavam em falta com o fisco, e que esse suplicio só foi proibido no reinado de Saïd Pachá.

Há no horizonte a ameaça da volta desse suplicio no Afganistan, embora não seja inteiramente igual na forma e no fundo. E' que os açambarcadores — dizem noticias de Kandashar — estão sendo perseguidos pelo prefeito local, que também intimou os açougueiros a deixarem a prática do roubo contra os fregueses, sob pena de serem dependurados ás portas dos açougues, durante duas horas, presos a pregos pelas orelhas!

Está contada a historia, de acordo com o informe telegrafico chegado ao Rio de Janeiro.

E' conveniente, entretanto, que fique bem clara uma cousa: a ameaça foi feita no Afganistan e não em outro lugar qualquer...

RIGADIN

ESCRAGNOLLE DORIA

Sagração de 1841

Qualquer sucesso publico traz em si incidentes e dá flanco, isto é presa á critica e discussão... Não escapou a incidentes acontecimento magno, qual o da sagração de D. Pedro II, unida á sua coroação. Seja revivido um incidente da cerimonia de 1841, ele não considerado em 1941 ao ser celebrada a Maioridade.

Ha seculo, ante corôa nossa, por causa de altar, contenderam báculos e mitras. Personagens principais do litigio, por ordem hierarquica, o imperador recém-maiorizado, o arcebispo da Bahia, o bispo do Rio de Janeiro, o ministro do Imperio, capitulares do cabido da Capela Imperial.

O arcebispo da Bahia era D. Romualdo Antonio de Seixas, homem do Norte, paraense de Cametá, presbítero em 1810, arcebispo em 1826, apresentado no governo de Pedro I, confirmado por Leão XII. D. Romualdo em certo tempo entrado em politica sahio deputado provincial e geral pelo Pará e pela Bahia, chegando a presidente da Camara dos Deputados.

Nono bispo do Rio de Janeiro era D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, pernambucano do Recife, escolhido pela regencia Araujo Lima, confirmado por Gregorio XVI para reger a diocese carioca, esta até 1847 de jurisdição estendida ao Rio Grande do Sul.

Pouco antes da sagração de D. Pedro II, D. Manoel do Monte fôra sagrado, em Maio de 1840, na Capela Imperial, sagrante o virtuoso bispo de Cuiabá, D. José Antonio dos Reis, exemplo vivo do poder da vontade na obtenção honesta de alta dignidade. Merece isso lembrança, é raro.

No momento da sagração-coroação do segundo imperador, o ministro do Imperio chamava-se Araujo Viana, futuro marquês de Sapucahy. Os capitulares do cabido serão nomeados mais tarde.

Apresentados os personagens abra-se a cena da questão de 1841, exposta sobretudo pelo bispo do Rio de Janeiro em bem raro opusculo.

Pouco antes da coroação aportou ao Rio de Janeiro o arcebispo da Bahia. Por pessoas fidedignas soube D. Manoel que vinha a sagrante do imperador, agitada a duvida de ser do arcebispo ou do bispo o papel principal na cerimonia coroação e sagrante. Afirmava D. Romualdo, atento direito comum, pertencer-lhe a primazia na solenidade.

D. Manoel deu credito a informantes. Recebeu-lhes avisos com tanto maior razão quanto anteriormente enviara á Secretaria do Imperio observações acerca do programa da sagração, observações feitas a pedido da propria Secretaria.

Araujo Viana assegurara a D. Manoel que programa e observações só teriam remate em conferencia entre bispo e ministro. Passou o tempo, tornou a passar, ainda tornou a passar e de tal conferencia não mais se tratou; não faltando ocasiões de encontros entre D. Manoel e Araujo Viana. Naturalmente um se lembrava demais e o outro de menos, um tendo a palavra por prata e o outro o silencio por ouro.

Cousa menos sabida, a sagração e coroação de D. Pedro II devia realizar-se a 23 de Maio de 1841, transferida para 18 de Julho. Como se espalhasse a noticia de ser sagrante o arcebispo da Bahia, D. Manoel se dispôs a sair a campo em defesa propria e da diocese. Escudava-se nos seus direitos de bispo, e da primeira cidade do Imperio, de capelão-mór de Sua Majestade, de presidente de todos os atos sagrados relativos á Familia Imperial, isento de jurisdição metropolitana ou qualquer outra maior, salvo a do Papa.

Afirmava D. Manoel terem sido exercidas as mencionadas prerogativas por seu antecessor D. José Caetano, sagrante de Pedro I. Timbrava, pois, o sucessor em passal-a a quem o substituisse, considerando exagerada e injusta a pretensão do arcebispo da Bahia.

A 8 de Maio de 1841, resolveu D. Manoel ir ter com o imperador. Procurou-o no paço da cidade. Expôs ao novo soberano o que pensava, entregando-lhe memorial, sabendo depois D. Manoel que o papel fôra ás mãos de D. Romualdo. A 19 de Junho de 1841 foi avisado de ter sido resolvida a questão a favor do arcebispo, conhecendo-o por aviso do ministro do Imperio.

D. Manoel hesitou. Retrucaria ao aviso e por tabela ao avisador? Silenciou porém, preferindo aguardar dias proximos da sagração para pedir ao imperador dispensa de comparecimento á cerimonia.

Enquanto resolvia no palacio da Conceição, soube D. Manoel que, a 27 de Junho, no paço de S. Cristovão houvera conferencia ministerial com a presença do arcebispo. Dirigira-se a este o ministro do Imperio pedindo-lhe que se entendesse com D. Manoel, «para satisfazer as cortesias usadas entre os bispos». D. Romualdo deixou de lado a recomendação.

Ido D. Manoel á presença de D. Pedro II, em S. Cristovão, fez-se contraditório com o arcebispo. Antes de conferenciar com o monarca, D. Manoel renovou o pedido de dispensa de comparecer á sagração, D. Romualdo tendo secundado o pedido do bispo.

Aberta conferencia, foi aprovada a redação do programa da sagração, segundo apontamentos tomados na conferencia de 17 de Junho, não presenciada por D. Manoel. Continha o programa preeminencias dispensadas ao arcebispo sagrante.

Pedido voto a D. Manoel, declarou ele que, se o arcebispo se considerava bispo estranho na Catedral do Rio de Janeiro, no ceremonial dos bispos se encontrava a maneira pela qual D. Romualdo poderia officiar e, se o arcebispo se tivesse por bispo, proprio então se executaria o ceremonial do programa ao qual D. Manoel não dava assentimento.

Foi indagado se D. Romualdo pretendia levantar cruz arquiépiscopal, usando de

palio, sem licença do respetivo prelado. Respondeu o arcebispo que sem as insignias de seu grão hierarquico não iria á Capela Imperial, pedindo incontinenti dispensa de sagrante não o sendo nem ele nem D. Manoel.

O bispo do Rio de Janeiro usou da palavra para perguntar. Julgava-se o arcebispo com direito de pontificar na Sé Catedral sem licença do bispo capelão-mór? Respondeu o interrogado não carecer de tal licença, D. Manoel voltou á carga, D. Romualdo alegando não ter ouvido bem as suas palavras. O bispo repetio. Declarara o arcebispo não carecer da licença do diocesano, pois ficasse entendido que este não lh'a dava. A declaração não foi do agrado de D. Romualdo, a conferencia devendo ter terminado em frieza geral.

Em officio ao governo procurou o arcebispo refutar as reflexões contidas em memorial do bispo dirigido a D. Pedro II. Assegurava D. Romualdo ter por si exemplos, autores, raciocinios derogantes da disposição do Concilio Tridentino proibindo a qualquer bispo, sob qualquer pretexto, exercer pontificais em diocese alheia sem licença expressa do respectivo diocesano, sob pena de suspensão dos mesmos pontificais.

Discordavam, pois, os prelados na questão e por forma diametralmente oposta. D. Manoel por si só não podia decidir, o caso fôra da competencia do poder temporal por todo espirital e de consciencia.

D. Manoel contornou a dificuldade recorrendo ao cabido, apelando o bispo para «suas luzes e reconhecida prudencia adquirida no manejo dos negocios da Igreja».

Reuniu-se a corporação á voz do bispo, não sem reconhecer «grave» o conflito jurisdiccional mormente na hora da Sagração e Coroação. O cabido, á brasileira, elegeu comissão, de cinco capitulares com praso de cinco dias para apresentação de voto.

Membros da comissão: monsenhor Narciso Nepomuceno, vigario geral e antigo carmelita, e os conegos Manoel Joaquim da Silveira, vindouro arcebispo da Bahia, Janeiro da Cunha Barbosa, já de figura em historia patria, Francisco dos Santos Moreira, só com ordens de sub-diacono, e Joaquim Pereira dos Reis, egresso agostiniano da provincia de Portugal.

Desejou D. Manoel que o cabido se pronunciasse sobre a regularidade do seu procedimento e tambem se convinha sustentar tal procedimento até o fim da modifical-o, neste caso em que sentido.

Em dia aprasado, 7 de Julho de 1841, o relator da comissão, o conego Silveira, leu parecer ao cabido em peso. Entendia o relator não só grave o conflito de jurisdição suscitado como bem melindrosa a posição do cabido. Aconselharia este ao bispo a modificação do seu procedimento na conferencia de 4 de Julho em S. Cistovão.

Que se abrisse o bispo com o imperador e, manifestando-lhe sentimentos de respeito, fidelidade e amor, lhe facultasse todos os seus poderes para que Sagração e Coroação fossem celebradas com a pompa e majestade inseparaveis do monarca.

No parecer lembrava o conego Silveira a circumstancia dolorosa de achar-se o solo patrio humedecido pelo sangue de brasileiros defensores da ordem e da integridade do Imperio, não cerradas as cicatrizes das feridas ainda gotejantes em campos do Rio Grande do Sul, pungido o coração do soberano por dôr profunda vendo derramar-se o sangue de seus suditos. Cumpria, pois, não lhe aumentar a dôr, necessario que o dia de sua Sagração e Coroação fosse verdadeiramente de gloria para o monarca e os nacionais.

Acrescentava o conego Silveira: que o bispo pedisse licença a D. Pedro II para ouvir a Santa Sé Apostolica e receber dela a solução do conflito vertente. O proprio imperador quereria mesmo ouvir tambem a voz do Chefe Visivel de Igreja de Jesus Christo e seu Vigario sobre a terra.

Não temesse o bispo enfraquecimento de autoridade por seu rasgo generoso, ao contrario ganharia muito no animo do imperador.

No sentir do conego Silveira, exprimindo o parecer da comissão, D. Manoel podia pôr de parte o Exmo Arcebispo, só atendendo a S. M. e á resolução deste, não supondo o Exmo. Bispo que o povo da sua diocese tivesse em menosprezo a sua Pessoa, pois atribuiria tudo á sua deferencia para com o imperador, sem a este causar desgosto, especialmente por ocasião de plausivel solenidade. Por ultimo se lembrasse o bispo das consequencias resultantes da não modificação do seu procedimento, ficando certo que a muita paciencia e tolerancia exercidas em negocios bem arduos lhes haviam aproveitado mais do que nenhuma outra medida.

O cabido aprovou o parecer, no fundo e na forma obra diplomatica: lá no intimo os capitulares reconheceriam a valia dos argumentos do bispo invocando a sagração de Pedro I pelo bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho.

Não se esquecera D. Manoel de lembrar a sua presença na sagração do bispo de Anemuria pelo mesmo D. José, pretendendo então D. Romualdo apenas honras de bispo assistente. Argumento ad hominem tem duplicada força.

D. Manoel conformou-se com o parecer dos subordinados cedendo seus direitos ao imperador, o qual se disse obrigado pela cessão do seu capelão-mór. O bispo compareceu á cerimonia realisada pelo antagonista.

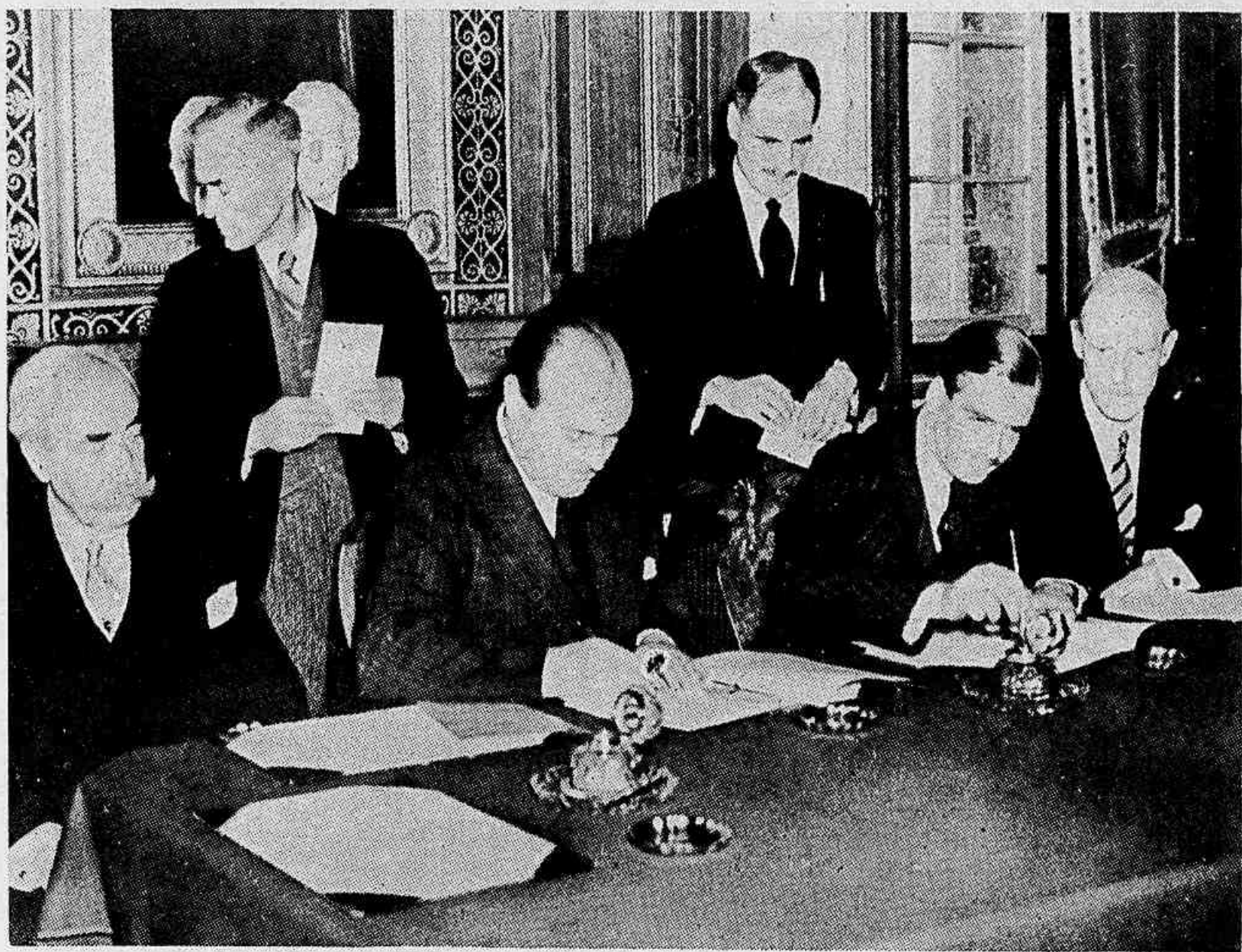
Sacerdote exemplar, bispo piedoso e bom, D. Manoel era comtudo um homem. Não ha portanto demasia no pensar que em fóro intimo jamais esquecesse quanto o pertinz sagrante de 1841 o puséra, e tambem á diocese carioca, entre a cruz e a caldeirinha.



D. PEDRO II.

Na epoca de sua coroação e sagração.

O QUE VAI PELO MUNDO



INGLATERRA-BELGICA — Dois tratados foram assinados ultimamente entre os governos da Belgica e de Sua Majestade Britanica. O primeiro deles assegura a liberdade e independencia da Belgica no após guerra e o segundo regula o comercio do Congo Belga. Na foto se vêem o ministro belga das Relações Exteriores e sir Antony Eden, quando assinavam os tratados.



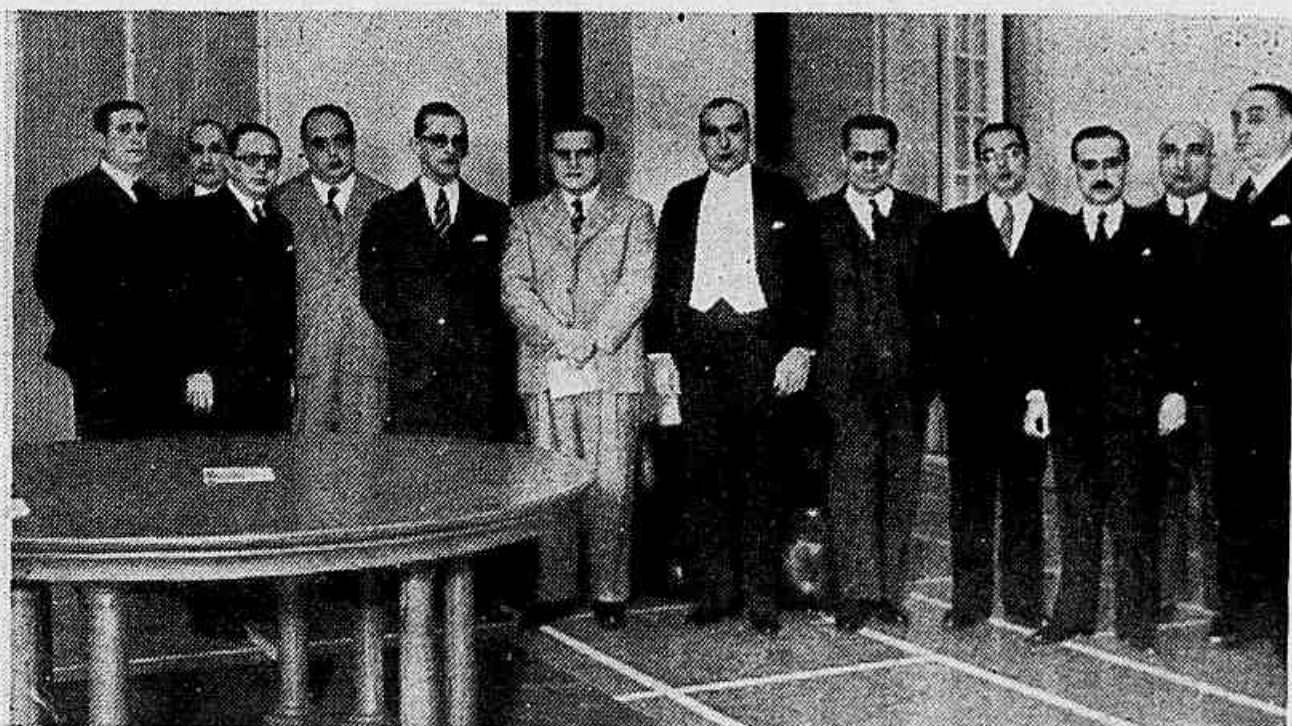
O BOMBARDEIO DE MANDALAY — A grande cidade burmana de Mandalay sofreu o peso dos maiores bombardeios japoneses. Como se pode ver pela foto, as proprias arvores foram consumidas pelas chamas.



DE BUENOS A'RES — Por sugestão do dr. Christovam de Camargo, foi inaugurada a secção de livros brasileiros nas Bibliotecas Municipais de Buenos Aires. Mostra a foto o momento em que orava o autor da iniciativa. Aparecem aí o intendente municipal, dr. Carlos Alberto Puerredón, o embaixador Rodrigues Alves, o sr. Josué Quesada, presidente da Comissão Directora das Bibliothecas Municipaes, e outras ilustres personalidades.



PRISIONEIRAS BRITANICAS REPATRIADAS — Ha dois meses foi negociada entre a Inglaterra e a Italia troca de prisioneiros de guerra. A foto acima mostra alguns dos prisioneiros ingleses que conseguiram regressar á patria quando falavam na estação de radio no hospital do Cairo.

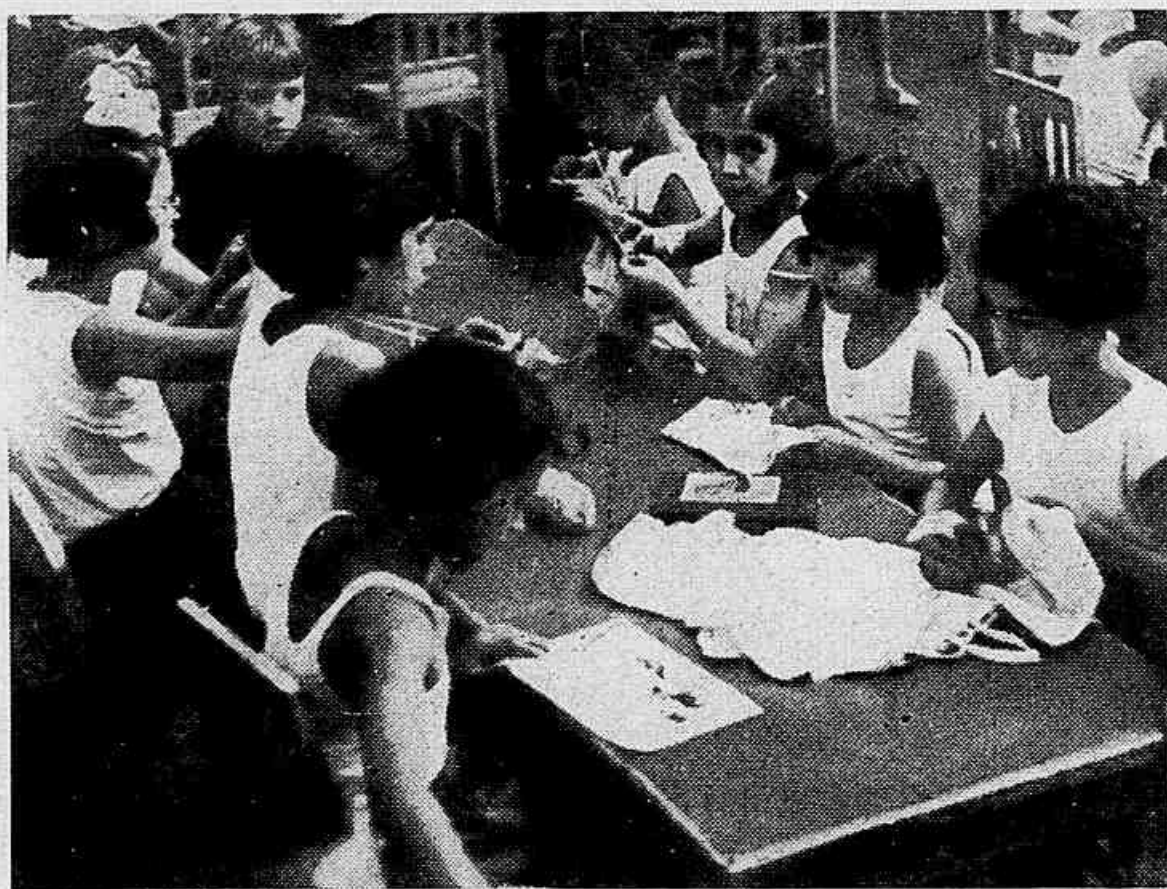


DE MONTEVIDEO — Notas gráficas tomadas em Montevideu, nos salões do Clube Brasileiro, quando da audição ali gentilmente oferecida pelo consagrado artista uruguaio Julio Martínez Oyanguren, "virtuoso" do violão, que acaba de tocar na Casa Branca para o Presidente Roosevelt e que breve visitará o nosso país, vendo-se na fotografia á direita o referido violinista ladeado pelo embaixador Baptista Lusardo e por destacados brasileiros residentes no Uruguai; na fotografia á esquerda, um aspecto parcial do auditório.

Ha sete parques infantis em São Paulo...



NÃO É ASSIM — disse a professora fazendo beicinho como criança. (Ela terá visto o fotógrafo?)



CROCHET, TRICOT E CARTONAGEM — Nos parques preparam-se as crianças para o trabalho, segundo o sexo e as aptidões. Parte do vestuário dessas meninas elas mesmo confeccionam, dando exemplo a muita gente grande.

Você já veio a S. Paulo, caro leitor? Então venha. Mas não tome um paulista por cicerone, para conhecer a grande metrópole do sul. Infalivelmente ele lhe mostrará o **Martinelli**, os grandes cinemas da avenida São João, os viadutos, a represa de Santo Amaro, o edifício de mármore da **Matarazzo** e outros mais. É sempre a eterna cantiga, a verdadeira coqueluche do arranha-céu.

É que o paulista esquece justos motivos do orgulho de sua terra para se dedicar à ostentação de certas características metropolitanas visíveis num relance. Ele se esquece, por exemplo, de mostrar ao visitante o seu rico patrimônio de assistência social.

Pela mão de um cicerone você dificilmente conhecerá essa coisa extraordinária que são os parques infantis... porque eles não têm 25 andares nem custaram dezenas de milhares de contos... São, isto sim, o reflexo de uma interpretação bem humana dos grandes problemas de uma cidade industrial com mais de 1.300.000 habitantes.

Os **play-grounds** desempenham uma função importantíssima na formação física e moral da criança, como uma continuidade do lar. Os seus frequentadores são filhos de operários que, dada a necessidade de ausentar-se o dia inteiro, não lhes podem dispensar a assistência necessária.

Daí a preferência dos bairros proletários para a sua localização. Os três primeiros foram instalados no **Ipiranga**, no **Parque Pedro II** e na **Lapa**.

Em 1935, quando o prefeito Fábio Prado criou o Serviço Municipal de Parques Infantis, subordinado ao Departamento de Cultura, cogitou-se logo da disseminação dos **play-grounds** onde as necessidades demográficas o exigissem.

Assim, hoje funcionam, além daqueles, os de **Vila Romana**, **Tatuapé**, **Barra Funda** e **Santo Amaro**, num total de 7. E há mais 10 outros projetados.

A frequência, em todos eles, é numerosa, aproximando-se muito da matrícula que no **Pedro II** é superior a 400.

muito cedo. Do **Ipiranga** os pais de uma linda garotinha de 5 anos só deixam a tecelagem às 5.30. Em ambos os casos há uma solução plástica. O que não convém é que as crianças fiquem brincando na rua, tisonando a roupa e manchando, de vícios fáceis de adquirir, a sua consciência em formação. Para isso é que há parques infantis.

Fomos ver os **play-grounds**. Depois que a gente transpõe o portão, sente o contraste com a rigidez da vida, tal como ela corre, lá fora. Nada de concorrência desleal, nada de ódios, nada desse cortejo de condenáveis riquezas da civilização. O que há ali é um sadio ambiente de humanidade, de fraternidade, de tanta beleza espiritual que a gente pensa logo em **Agripino Grieco** e na poesia cristã...

Aquelas crianças, brincando despreocupadamente com uma santa ingenuidade, em face das misérias que afligem um mundo de sábios e doutores, têm realmente qualquer coisa daquela ternura, daquela bemaventurança que a gente saboreia nas palavras mas nunca encontra na realidade. Como é bonita a vida nos **play-grounds**!

Ginástica, jogos infantis, livros, trabalhos manuais, bailados e música resumem o seu programa de atividades diárias sob a direção de professoras especializadas nessa delicada missão de ensinar crianças.

Tivemos oportunidade de assistir, no **Parque do Ipiranga**, a uma aula de música. Aula é o termo; somente, devido à precariedade ainda existente sob este aspecto (há um só professor para todos os **play-grounds**) o sr. Braunwieser mal tem tempo de ensinar às crianças canções do nosso **folk-lore**. Mas, mesmo assim, pode-se observar o efeito conseguido no espírito de solidariedade, na disciplina do conjunto, por esse meio extraordinário que é o canto orfeônico.

E projeto para mais dez. - Como é bonita a vida nos "play-grounds". - "Aqui nós somos todos brasileiros" disse um filho de espanhóis. - Causas que o paulista não mostra aos visitantes.

Reportagem de **Adhemar Nobrega**

As crianças chegam de manhã e saem à hora do almoço, voltando logo depois para ficar até às 5 horas.

Mas não há ali essa abominável rigidez de horário das repartições públicas. Há consideração para os casos especiais. Aquêle casal de operários trabalha numa fábrica em **Belemzinho** e tem que sair

«EU SOU BRASILEIRO»

A população infantil que frequenta os parques reflete o cosmopolitismo de S. Paulo. Em cada **play-ground** uma predominância de raça de origem. O do **Ipiranga** conta uma grande maioria de filhos de sírios; no **Pedro II** são os espanhóis



A VIDA ASSIM É MELHOR



"O LIVRO CAINDO N'ALMA..."—O livro dos porquês, os Contos de Grimm, as histórias de Twain e de Kipling, e outras histórias bem contadas (sem a malícia nem o veneno moral dos periódicos que surgem por aí, dizendo-se infantis...) eis a biblioteca dos parqueanos.

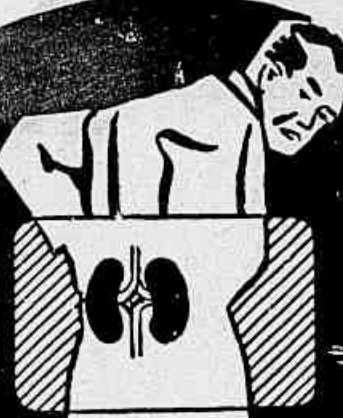
— Olhe, aqui nós somos todos brasileiros.

la começar a aula de trabalhos manuais e lá se foram todos, quasi como «as pombas» de Raimundo Correia, «em bando e em revoada», a correr pelo grande parque.

Tinhamos ido em companhia de um colega que ia fazer um conto triste. O personagem central seria uma criança desamparada.

Lá fora ele nos confessou: «Creia que eu perdi inteiramente a inspiração.»

NATAL! — E Papai Noel não se esqueceu das meninas pobres dos "play-grounds".



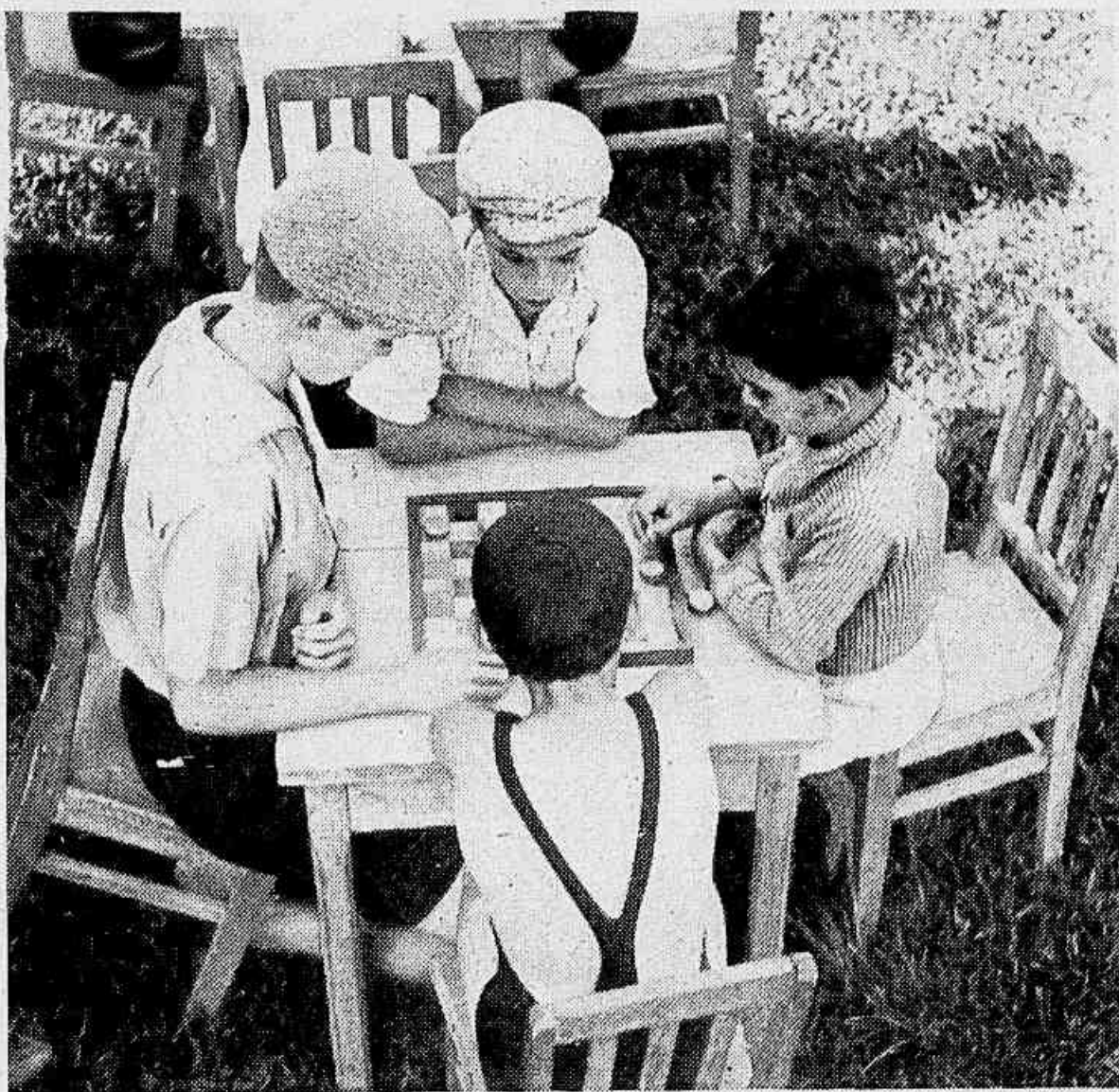
PELOS RINS
FILTROS DO ORGANISMO,
evitam-se muitos males!

• Dóres nas costas, nos músculos, nas juntas, reumatismo, olhos empapuçados, pés inchados, são sinais da deficiente eliminação do ácido úrico. Tome Pímulas de Foster, indicadas exatamente para uricemia.

PÍMULAS DE FOSTER

Para os Rins e a Bexiga.
Preferidas porque são:

- Diuréticas e balsâmicas.
- Desinfetam e ativam os rins.
- Fáceis de tomar.
- Indicadas para uricemias, uretrites e cistites.



NO PARQUE DE BARRA FUNDA — Uma animada partida de damas concentra as atenções de quatro parqueanos.

Não deixe
o mau
hálito
gritar:



"DENTES FALSOS"

NÃO escove
sua dentadura!

ESTERILIZE-A!



Se é obrigado a usar dentadura, evite que os outros percebam. Combata o mau hálito usando diariamente Pó Hamilton. Não corra mais o risco de quebrar ou desgastar a dentadura com a escova, prejudicando sua perfeita adaptação. Pó Hamilton é absolutamente seguro — não contém ácidos nem substâncias abrasivas. Uma solução de Pó Hamilton, durante 15 minutos ou enquanto dorme, trabalha pelo seu bem-estar, libertando-o do complexo de inferioridade...

PÓ HAMILTON

Em todas as farmácias, drogarias, perfumarias e depósitos dentários. — Distribuidor: PROFAR LTDA. — Rio — Caixa Postal, 61 — Preço pelo Correio: 13\$000

e italianos em maior numero, assim como no parque da Lapa essa predominância cabe aos filhos de alemães e húngaros. Mas, dentro daqueles jardins, sem coação nem violência, adotando-se os princípios pedagógicos filhos da inteligência e consagrados pela prática, vai-se plasmando uma raça em que o sentimento de brasilidade se mostra espontâneo, exuberante, digno do momento em que vivemos e do futuro para o qual lutamos.

No meio daquela salutar alacridade, antes de se iniciarem as atividades do dia, o repórter ia falando com um e outro, auscultando esse sentimento.

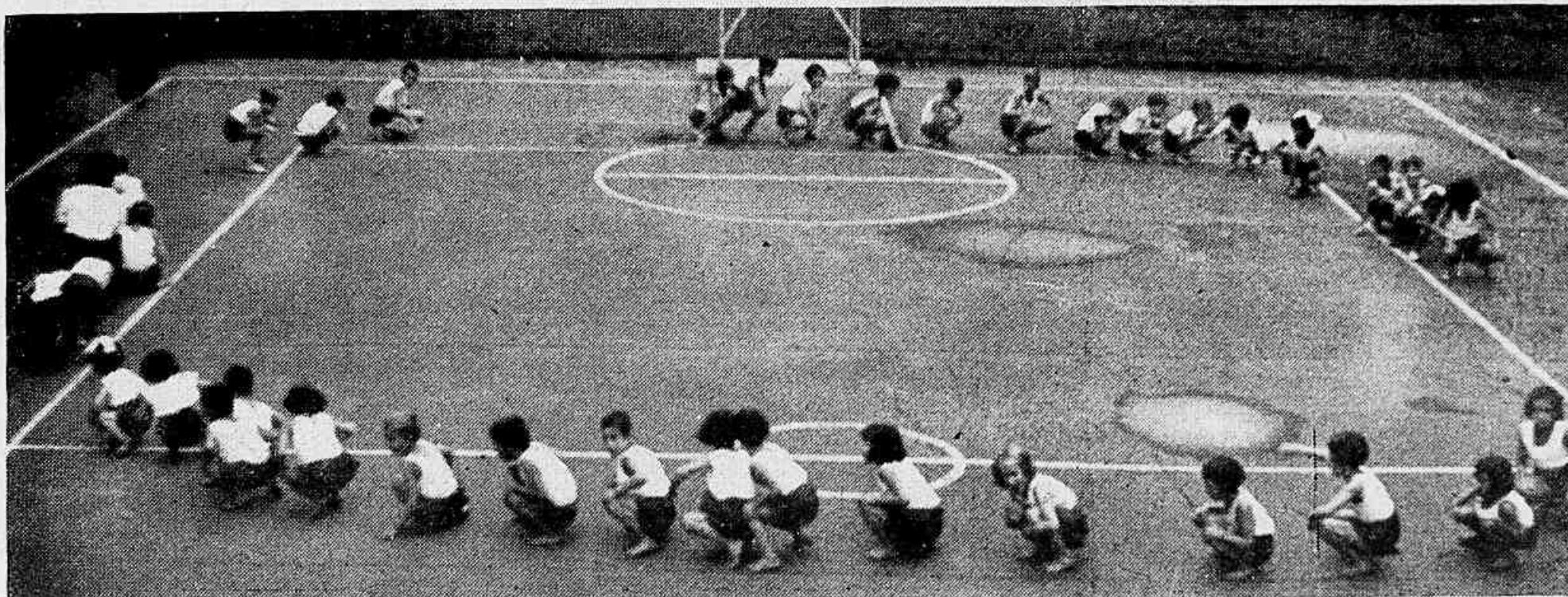
Aparecida Farah, uma garotinha bonita e inteligente que não tem mais de 6 anos de idade é, a vêr logo pelo nome, filha de sírios.

— Aparecida, você onde nasceu?

— Eu sou brasileira.

— Mas seus pais são sírios, não é?

Um filho de espanhóis (devia ser um González) tomou a frente, na resposta, e disse cheio de si:



CULTURA FÍSICA — Nada como um bom exercício pela manhã.

MEDICINA DE GUERRA



A' entrada o aluno, seja a celebridade conhecida aquem e alem mar, seja o simples médico recém-formado, apresenta o seu cartão de matrícula para a devida notificação.

A mobilização de valores é já uma realidade no Brasil. Enquanto nos vários setores de sua vida o homem contribue com seu sacrifício para que a nação não seja tragada na inflação e na décadência que se avolumam pelo mundo inteiro, as forças armadas procuram de todas as maneiras aprestar o povo para que a guerra, caso venha, não apanhe o Brasil despreparado. A' classe médica, nessa hora, caberá uma larga quota de responsabilidades. E ela mostrou bem compreender isso atendendo com toda solicitude ao apelo do Exército para que todo médico civil seja também, e desde logo, um médico militar. A reportagem da «Revista da Semana» teve a agradável surpresa, ao visitar o Curso de Emergência de Medicina Militar, ora funcionando no Palácio do Exército, de lá encontrar as figuras mais representativas da medicina brasileira. E todos, não só conscientes do alto valor patriótico do empreendimento que comem, mas ainda entusiasmados com a vastidão e riqueza do novo campo que a experiência dos militares abre á sua dedicação de cientistas.



O conferencista do dia seria o general Souza Ferreira, diretor do Serviço de Saúde do Exército. Antes de entrar na sala de aulas ele troca idéias com um aluno do Curso. Neste caso o aluno é o professor Mauricio Gudim, sumidade com profissão nos grandes centros culturais europeus, orgulho da cirurgia brasileira.



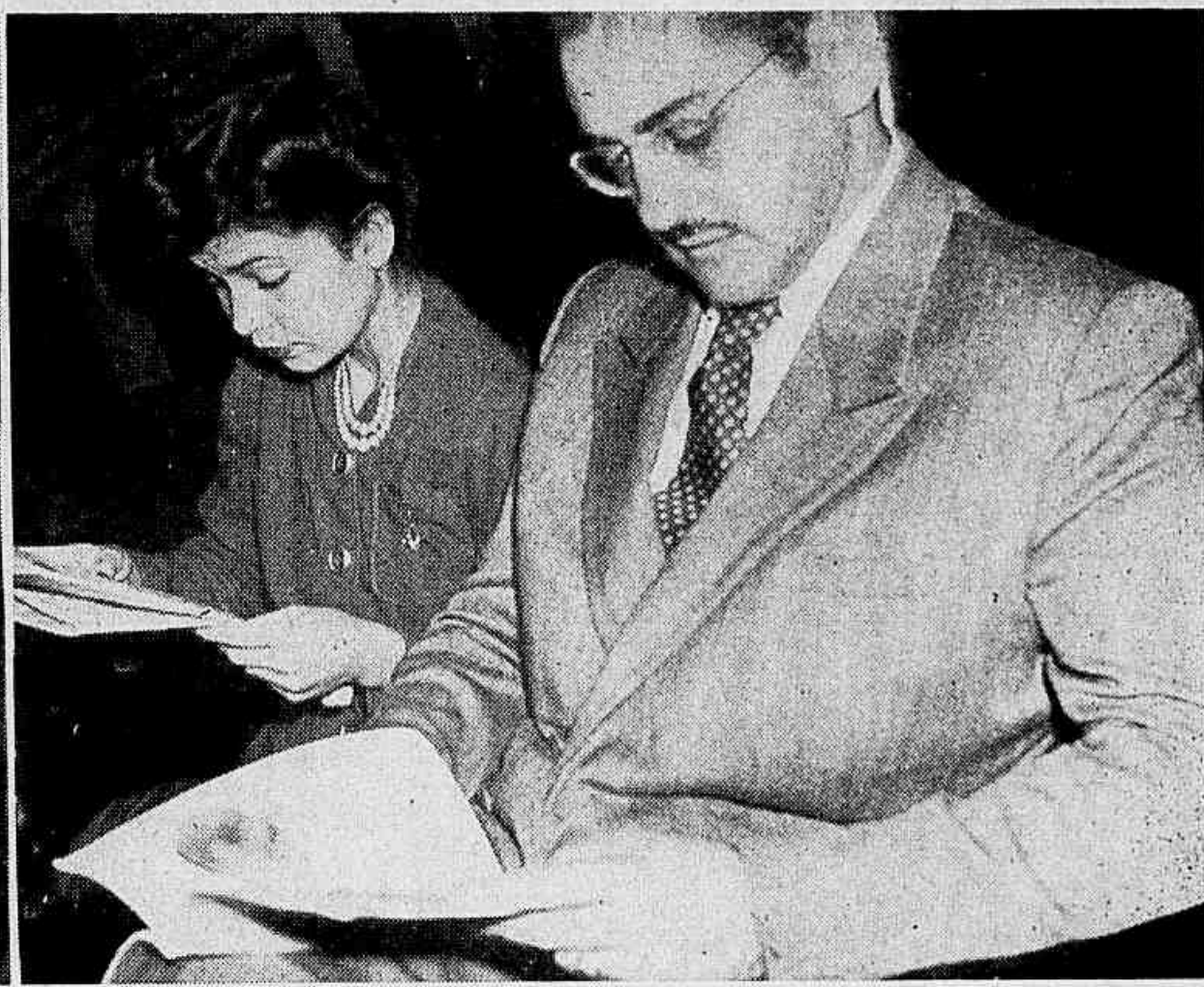
Ao lado — Centenas de médicos de todas as idades e de ambos os sexos responderam ao apelo do Exército.



O conferencista do dia, general Souza Ferreira, diretor do Curso, fala sobre as feridas de guerra, à luz das últimas experiências realizadas nos países litigantes.



Nos corredores os médicos palatram aguardando o momento em que terão início os trabalhos da noite. Vê-se no grupo acima o tenente-coronel Emanuel Marques Porto, diretor do Curso.

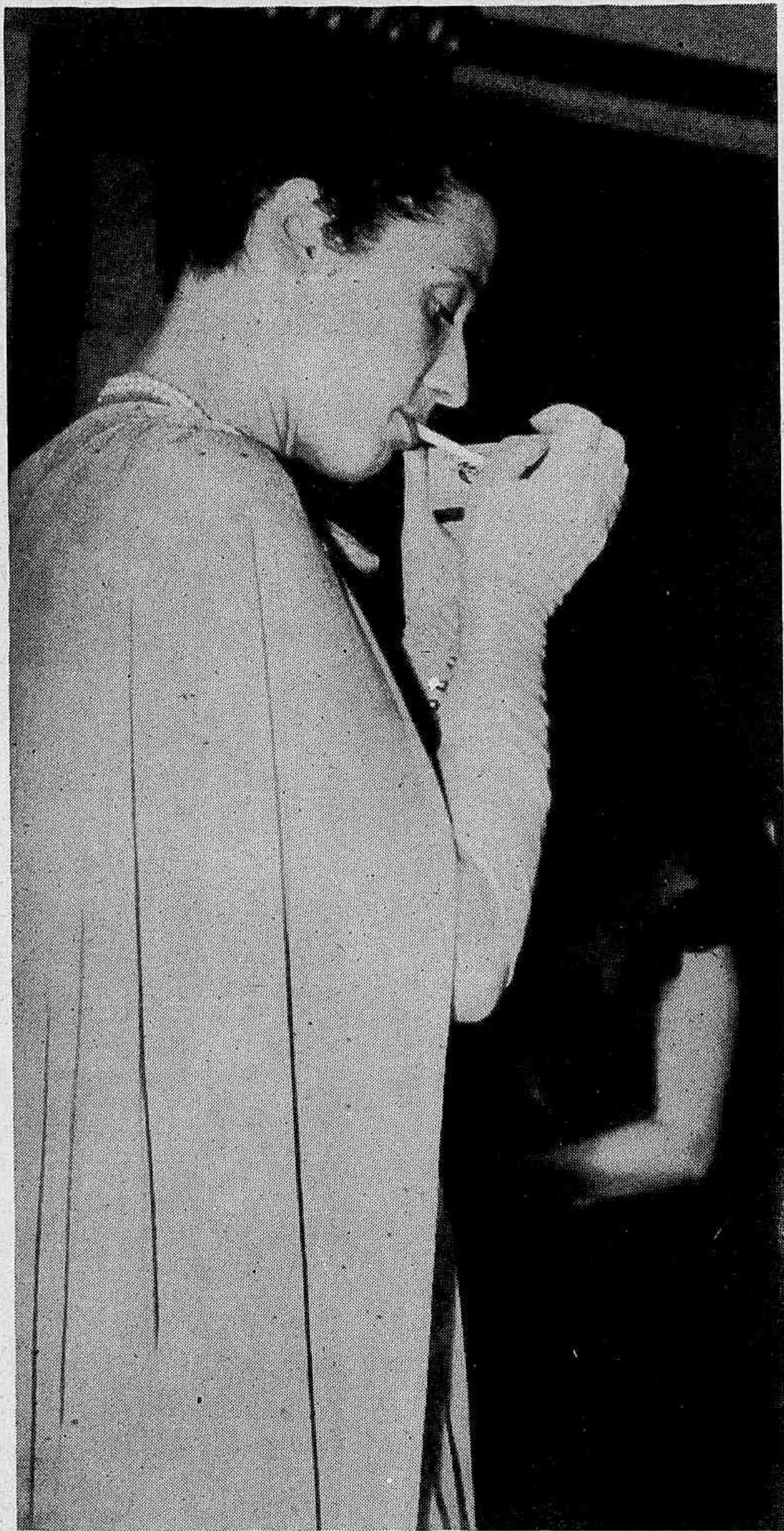


Outros preferem folhear uma revista médica ou ler os últimos despachos das frentes de guerra...



O grande número de interessados faz necessária a organização de duas turmas. Cada uma delas conta mais de duzentas matriculas.

Variações sobre o



são capazes de tudo. Não houve um, francês e compenetradíssimo, que descobriu vir a palavra Paris da palavra Lutèce, ao que outro, não menos autorizado, respondeu, provando justamente o contrário: que fôra Lutèce, pelas leis subtis e caprichosas da derivação, que se originara de Paris?

Por mim, e como nada espero de útil ou agradável da primeira nem da segunda dessas interpretações, ambas me são indiferentes. E o mesmo direi do prestígio maternal das duas fôrmas: cigarrar e cigarra. O que verdadeiramente me importa é a verificação de como a prática de fumar procede de imensamente longe e dos mais singelos, mais puros exemplares de humanidade. A paixão pelo sabor e a excitação do tabaco, o culto desse veneno que, segundo Balzac, «destroi o corpo, ataca a inteligência e embrutece uma nação», nasceu não se sabe ao certo onde nem quando, no seio duma raça estreme e pela mera tendência animal. Foi a gente mais obscura que ensinou á gente culta o gozo ou a necessidade da peçonha que, em homenagem ao seu portador para o mundo civilizado, se havia de chamar nicotina. Se os conquistadores levaram ao selvagem o demônio do alcool, ele se desforrou, transmitindo-lhes a praga que, pelos tempos fôra, de país em país, assumiria as fôrmas de cigarro, charuto, cachimbo e rolo de mascar. O bárbaro foi o mestre do fidalgo, do guerreiro, do sábio, do poeta, do santo. E quando

Ainda há quem se scandalize vendo uma senhora fumar. E' um preconceito como qualquer outro.

No tempo dos nossos avós, as mulheres educadas, como, mais tarde, os internos de colégio, escondiam-se para gozar aquilo que, disse George Sand, povoa a solidão de imagens graciosas. Mas a solidão não devia, naquele caso, parecer muito propícia nem muito tentadora, uma vez que era forçada. Fumar constituia um privilégio e uma elegancia masculinos. Nas mulheres representava um ato indêbito e denotava uma perversão do gosto e do sentimento. Era feio. Ficava mal. Impressionava tão desfavoravelmente como beber, praguejar ou tomar a dianteira nas negociações de amor. Não se considerava aquilo um capricho requintado ou audacioso, mas simplesmente uma degradação. Revelar-se que certa dona ou donzela fumava equivalia a passar-lhe atestado de mau comportamento. E, tratando-se de informações para efeitos matrimoniais, o pretendente, passado o efeito desorientador de tal surpresa, meditava, coçava, num movimento instintivo, a orelha; soltava um suspiro do fundo d'alma — e desistia. Desistia, em geral, para sempre. Podia, como derivativo, casar com outra; buscar na orgia o esquecimento; suicidar-se com aparato; recorrer a qualquer outra forma ou recurso da decepção romantica... Não voltaria, porém, a pensar, para o bom fim pelo menos, na criatura de tão temerário espírito e tão desabusado temperamento que se entregava aos excessos varonís da tabacomania!

Mas George Sand criou discípulas, quer entre as profissionais das letras quer entre as amadoras e ainda no círculo das analfabetas. A rigor, estas últimas, desde tempos imemoriais, fumavam. E até no estado rigorosamente bravio. Os descobridores espanhóis encontraram em Cuba o hábito em questão disseminado tanto no sexo forte quanto naquele que, apesar da ausência de atavios ou principalmente por isso mesmo, merecia a qualificação de belo sexo. Criaturas impressionantes de feição primitiva, virgens como as florestas insondáveis e como as ondas antes de sulcadas pela quilha européia, se lhes apresentaram, edênicamente assustadas e de cigarro nos beiços. «Cigarro» foi, com efeito, a designação dada em castelhano ao quebra-queixos selvagem. De «cigarrar», envolver, enrolar. Outros etimologistas declaram o termo procedente de «cigarra», inseto, por verem entre as duas coisas semelhanças extremas de feitio, de aspecto... Os etimologistas



Cigarro

hoje, no refinamento mundano do cock tail, na cerimônia protocolar dum banquete de homens de Estado, admiramos a graça apurada com que as senhoras levam aos lábios o cilindrozinho de papel que cheira a sandalo, a pó de arroz e a pecado, não podemos, ao mesmo tempo, deixar de sorrir, por que o seu gesto é, afinal, o mesmo que as filhas da mata ou do rochedo, há séculos, há milênios porventura, executavam sem galeria, sem preocupação e sem toilette de espécie alguma.

Alguma coisa, porém, de pessoal, de original as damas dignas de tal nome fizeram em relação ao culto remotíssimo do tabaco de fumo. Metodizaram-no. Sujeitaram-no à sábia lei da moderação. Impuseram-lhe a medida, base de toda a ordem e toda a harmonia. Retiraram-lhe os exageros, além de perniciosos, grosseiros. Anularam no ritual imemoriavel os extremos da paixão, do fanatismo que Balzac fulminou com o seu verbo jupiteriano, porque levava à languidez, à debilidade, à imbecilidade e à morte. Adotando o cigarro, não se lhe entregaram de corpo e alma. Ao contrário: dominaram-no para o corrigir, tomaram conta dele, para o educar. Deram-lhe esbelteza, distinção e benignidade. Talvez o tornassem salutar veneno, veneno... Mas tudo vai da dose e da maneira, não é verdade? Com a estriquinina, o arsênico, a digitalina se obtêm curas que antigamente, e ainda hoje em certas regiões, se afigurariam milagrosas. O líquido que se extrai do dente-seringa da cobra cura-nos de males terríveis — e da picada do próprio reptil. Porque? Por que os homens de ciência colheram esse filtro letal e o trataram, modificando-lhe a essência mesma, de maneira a substituir o que nele era função de morte por aquilo que ficou sendo missão de vida. Assim, com menos sabedoria talvez, mas seguramente com a mesma inspiração providencial, as mulheres criaram o cigarro de hoje.

O espetáculo das tabagias incitou a técnica de numerosos mestres-pintores. A atmosfera ondeante ou espessa de fumarada, as fisionomias dos viciosos, que vão do devaneio à beatitude e do regosijo ao letargo, alguma coisa ao mesmo tempo espiritual e bestial que ou flutua ou pesa sobre os aspectos — eis realmente um desafio à virtuosidade de traço e de côr, de observação flagrante e de viva expressão dum Teniers, um van Ostade, um Brower. As obras que a tal fascinação de arte obedeceram estão na pinacoteca de Munich, no Louvre, na Galeria dei Uffizzi. Os Fumantes, dos mesmos van Ostade e Teniers, bem assim o de Meissonier constituem nem mais nem menos que obras primas. Em verdade esses e outros artistas se deixaram cativar pela feição poderosa do assunto e os problemas exigentes da fatura. Adotaram tais motivos pelo ardor de lutar com eles e o júbilo de os vencer. E aquilo que, pela interpretação do gênio e na realização da tela, nos enche de comoção admirativa, certamente, se o observássemos, nos mesmos lugares, ao vivo, só nos despertaria repulsão e enjôo. Aqueles semblantes de tabagismo inveterado são belos como o garoto mendigo de Murillo, catando os piolhos ao sol.

Mas o cigarro da alta sociedade não está sujeito a misérias de aparência nem de-



pende dos favores da arte. Por si mesmo nos conquista os olhos, nos enleva o espírito. Rende à formosura da mulher um preito comparavel ao dum incenso que da própria deusa emanasse. Refulge-lhe entre os dedos, como joia viva. Ilumina-lhe, acentua-lhe a magia do sorriso. Envolve-a dum aroma peregrino que as criações dos perfumistas, incluído o «Tabac blond» do pontífice parisiense da especialidade, não reproduzem nem sequer podem imitar. Sem lhe alterar o côrte da figura, adiciona-lhe uma imagem ao mesmo tempo petulante e suave, irônica e blandiciosa, que não chega propriamente a ostentarse, mas admite, gosta, exige quasi que a admirem — e que lh'o façam saber...

Com o seu fumo leve, fino, efêmero, o cigarro moderno colabora intensa e superiormente com as outras seduções femininas. Não é um companheiro, destinado apenas a distrair a mulher ou a tornar-lhe menos longos os intervalos do teatro. Vai com ela na qualidade de amigo íntimo, guia atento, leal e inspirado conselheiro. Faz parte da mulher, é talvez o seu mais precioso complemento. E, variando uma frase de Mme. de Girardin, podemos bem imaginar que, se Prometeu houvesse roubado o fogo do céu, não para dar alma aos homens mas para acender o cigarro duma mulher, não só os deuses lhe perdoariam o ato como lhe aplaudiriam a intenção.

João Lúcio



Noticiário elegante



A PREMIERE DE «DUMBO» — Em benefício da «Cidade das Meninas» e patrocinado pela sra. Darcy Vargas, foi apresentado, num dos cinemas do Rio, o desenho animado «Dumbo» de Walt Disney. Estiveram presentes ao espetáculo o sr. Lourival Fontes e senhora, assim como outras figuras de destaque da sociedade carioca e jornalistas.

ANIVERSARIOS

25 as sras. Adelaide das Chagas Meirellas e Castro Nunes; o dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e o sr. Edgar Pedreira Cerqueira.

26 as sras. Terezita Porto da Silveira, Isaura Vernieri Lopes e Guiomar de Figueiredo; a senhorita Beatriz Silveira Romero; o dr. Alvaro Miguez de Melo; o poeta e escritor Cassiano Ricardo, da Academia Brasileira.

27 as sras. Sylvia Orlandini e Loloy da Rocha; o dr. Pio Borges; o capitão Armando de Noronha.

28 as sras. Luiza Ferreira de Campos e Ana Príncipe; as senhoritas Ilda dos Santos Pereira, Maria Lucília Hallier e Alice Pinto Guedes; o dr. Alfredo Polzin.

29 a sra. Olga Pereira; a senhorita Odette Silva; o sr. Francisco Ramos; Alberto Lima, nosso querido companheiro de trabalho.

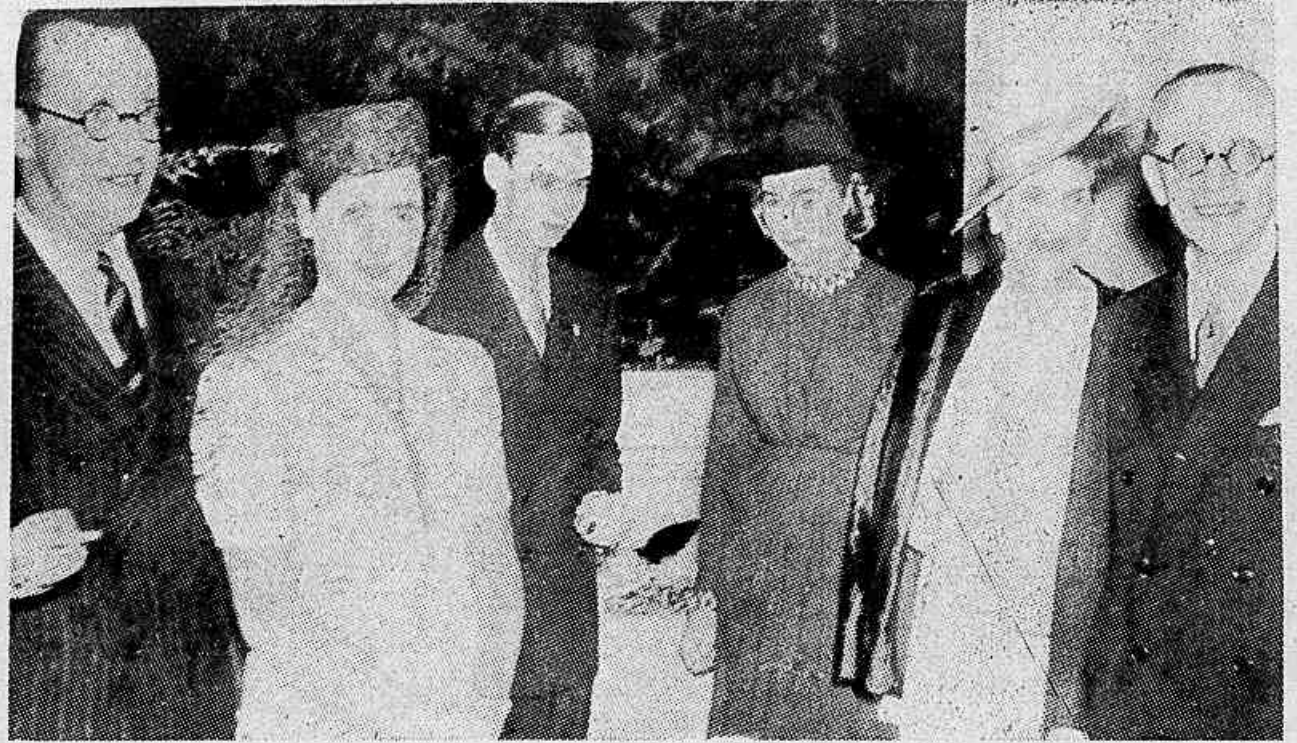
30 as senhoras Cruz Gomes e Cléa Pereira da Silva; o sr. Octávio José da Silva.

31 as sras. Zilda Ruas e viúva dr. Ramiro Magalhães; as senhoritas Maria Ignez Magalhães e Maria do Carmo Santos; o sr. Manoel Torres.

EM HONRA DO HERDEIRO DA COROA DO LUXEMBURGO

Em viagem de estudos, esteve duas semanas no Brasil Sua Alteza Real o príncipe João, herdeiro da coroa do Grão-Ducado do Luxemburgo, que partiu recentemente para Montreal, em avião da Panair, onde foi reunir-se à família ducal, que se acha refugiada no Canadá.

Por ocasião de sua passagem no Rio de Janeiro, o consul geral do Grão-Ducado do Luxemburgo no Brasil e a senhora Alfonso Bardeira de Mello ofereceram em sua residência, à rua Senador Vergueiro, uma recepção ao Grão-Duque João, à qual compareceram os elementos mais representativos da sociedade carioca e do corpo diplomático. Estavam entre os presentes: a princesa Elisabeth de Orléans e Bragança, que se fez acompanhar do príncipe João e das princesas Maria Francisca e Teresa Maria; Embaixador dos Estados Unidos e senhora J. Caffery, princesa Ridezille, Embaixador da Grã Bretanha e Lady Noel Charles, príncipe Olgiern Czartorski, embaixador de Portugal e a senhora Martinho Nobre, príncipe Roman Sankusko, sr. Maurice Cuvellier, embaixador da Bélgica, embaixador Leão Velloso e senhora, embaixador Mauricio Nabuco, embaixatriz Pereira de Souza, embaixador e embaixatriz Regis de Oliveira, embaixador do Perú e senhora Jorge Prado, príncipe e princesa Constantin Czartorski, monsenhor Aloisi Masella Nuncio Apostólico, Marquês de Pombal, Marquez e Marquês de Barral de Mont-



Vêem-se na fotografia S. Alteza Real, o grão-duque João de Luxemburgo, rodeado das princesas Elizabeth, Theresa Maria e Francisca e dos príncipes Czartorski.

ferrat, condessa Elizabeth Zamoiska, conde e condessa Augusto Zamoiska, Ministro dos Países Baixos e senhora Daniels, Condessa de Gontau-Biron, Visconde e Viscondessa de Odivellas, Ministro da Polónia e a senhora Thadeu Skowronski, Ministro do Equador e senhora Arroyo Delgado, Visconde e Viscondessa de Carnaxide, general Leitão de Carvalho e senhora, sr. Jean Désy, Ministro do Canadá, Baroneza de Bomfim, ministro J. R. Macedo Soares e senhora, Barão de Saavedra, ministro Acir Paes e senhora, ministro Maximiliano de Figueiredo e senhora, ministro Coelho de Almeida e senhora, capitão G. Kinsbruck ajudante de ordens de Sua Alteza Real, conselheiro de embaixada P. M. Broadmead, conselheiro de Embaixada dos Estados Unidos e senhora John F. Simons, sr. Gallet conselheiro da Embaixada da Beilica, sr. Julio Verelst, sr. Louis Ensch, sr. Nicolas Schaack e senhora, d. Carolina Nabuco, académico Aloysio de Castro, sr. e senhora Carlos Guinle Filho, sr. e senhora Wilson Young, sr. e senhora E. G. Fontes, professor Delegado de Carvalho e senhora, dr. Ranulpho Bocayuva Cunha e senhora, dr. Paulo Bettencourt, senhora Lúria Proença, sr. e senhora Elmano Cardim, sr. e senhora A. Sanchez de Larragoiti, senhora Martinez de Hos, senhora Carlos Guinle, coronel Candido Guimarães e senhora, senhora Argemiro Machado, sr. O. Saraiia e senhora, consul geral Moreira da Silva e senhora, senhora Raulita Coelho Lisboa, conselheiro Guerreiro de Castro e senhora, sr. Donald Bloomingdale, sr. e senhora Xanthaky, sr. e senhora Cortez, sr. Carlos Braga e senhora, consul Antonio Corrêa do Lago, major Alencastro Guimarães, e senhoritas: Sylvia Regis de Oliveira, Zelia M. Villela, Maria Eleonora Odivellas, Maria Cecília Motta Maia, Roberta Macedo Soares, Cerqueira Lima, Marion Paranaçuá, Nerê e Maria Corrêa do Lago, Maria Amélia Fonseca Costa, Baby Lynch, Maria Helena Soares Brandão, Dora e Guidinha Machado, Helena Garcia, Elisa Bueno, Cecília Figueira de Mello e outras.



MADAME BASTOS

Inauguraram-se, com raro brilhantismo, as novas instalações da Escola Moderna de Corte, Alta Costura e Chapéus de Mme. Bastos e da Casa das Creações de Mme. Bastos, agora situadas à Praça Tiradentes, n. 50, 1.º e 2.º andares.

O acontecimento social deu motivo a mais uma vez ser demonstrado a madame Bastos o quanto é querida em nossos meios artísticos na sua mais cristalina expressão, pois todo o Brasil sabe que madame Bastos, nossuidora de uma concepção genial de criar e ditar a moda para a sociedade brasileira, ocupa um lugar de veras invejável no império da arte do corte e da alta costura e tre nós.

Revista da Semana, que subscreve este alto conceito sobre a personalidade inconfundível de madame Bastos, tendo comparecido à inauguração, assinala com prazer o aniversário dessa genial creadora de modas, a transcorrer no próximo dia 29, e envia a madame Bastos, pela passagem de data tão cara às suas inúmeras relações sociais, votos de felicidades.



«SONHO DE UMA NOITE DE ROÇA»... — O CLUBE COLONIAL, que reúne o escól social de Barbacena, em Minas Geraes, fez realizar em seus elegantes salões, no dia 27 do mez passado, uma notável festa junina denominada «Sonho de uma noite de roça»... que se revestiu de um alto cunho de originalidade e elegancia. Foi um acontecimento de marcante relevo social na tradicional cidade mineira, este de que aqui estejamos um aspecto.

Mantenha a sua
cabeleira bella,
sedosa e abundante



uzando o

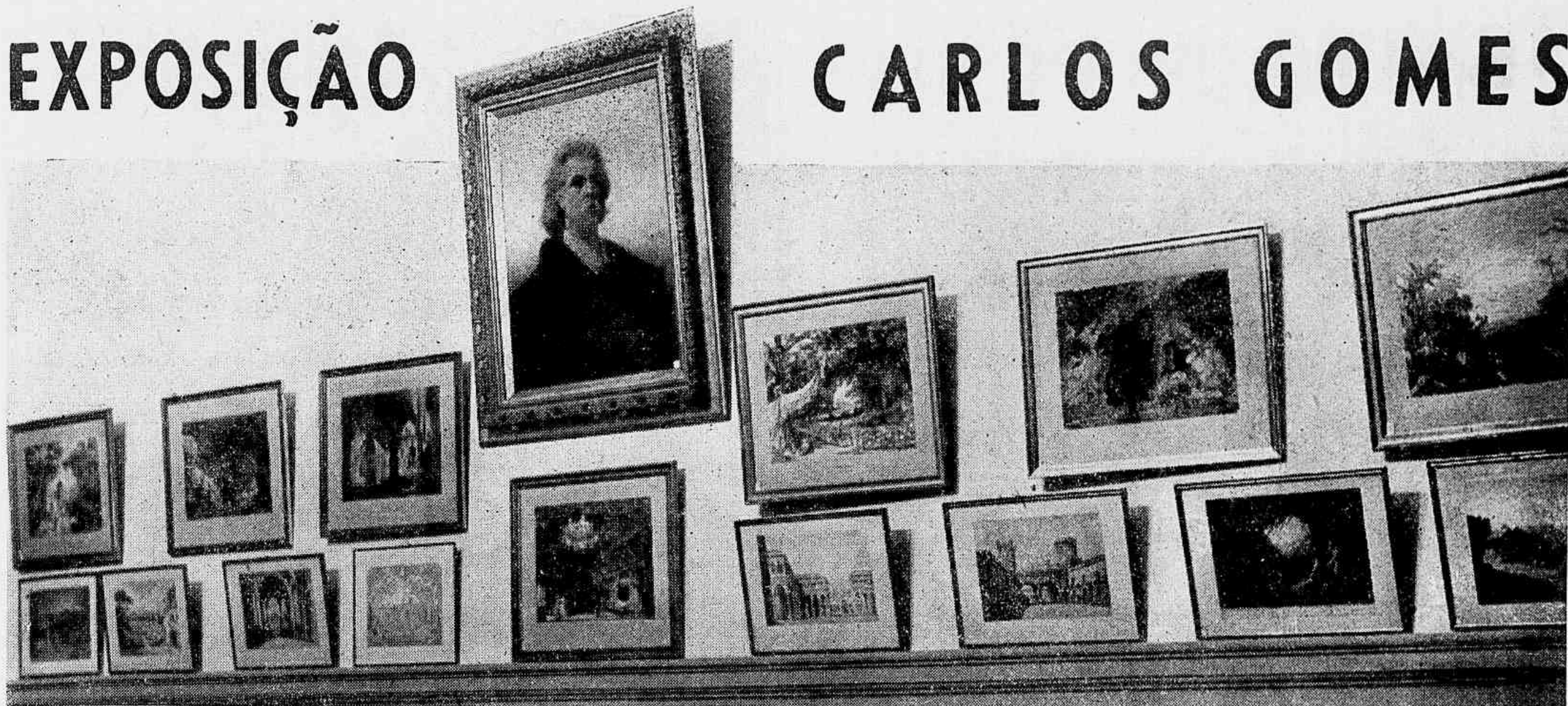
TONICO ORIENTAL

Combate a
caspa e evita a
calvície.

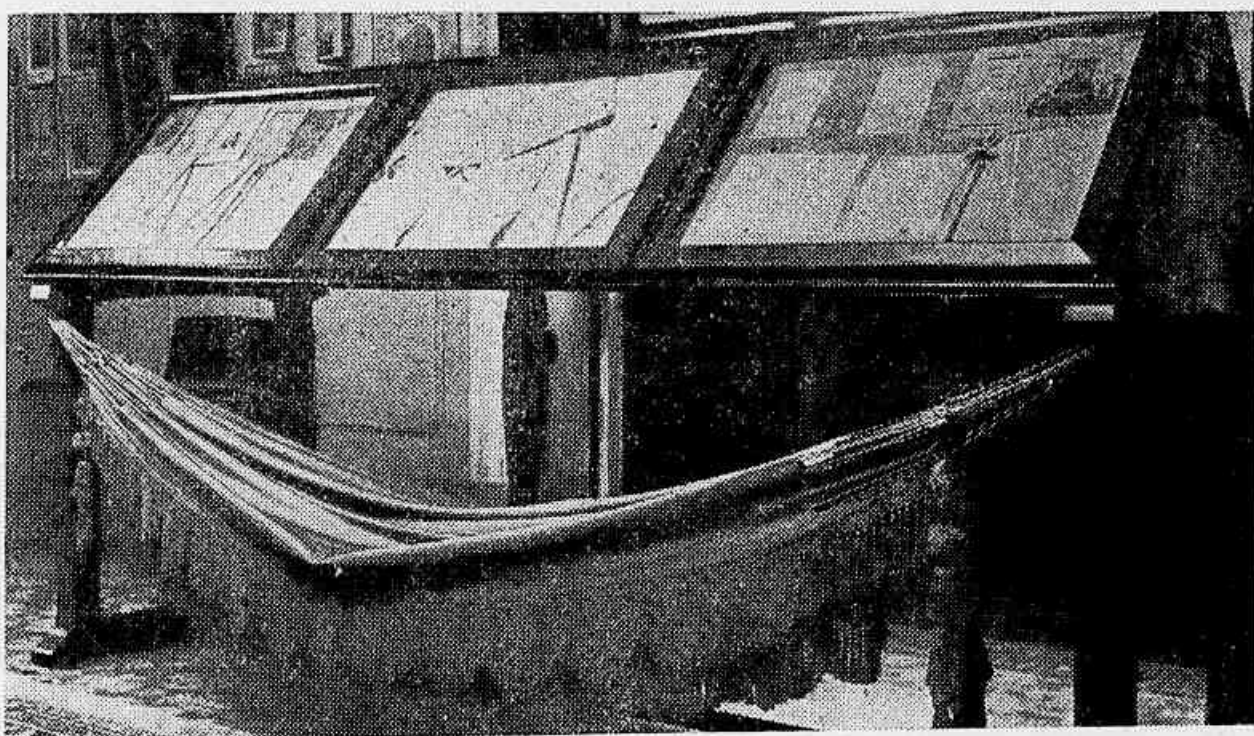


EXPOSIÇÃO

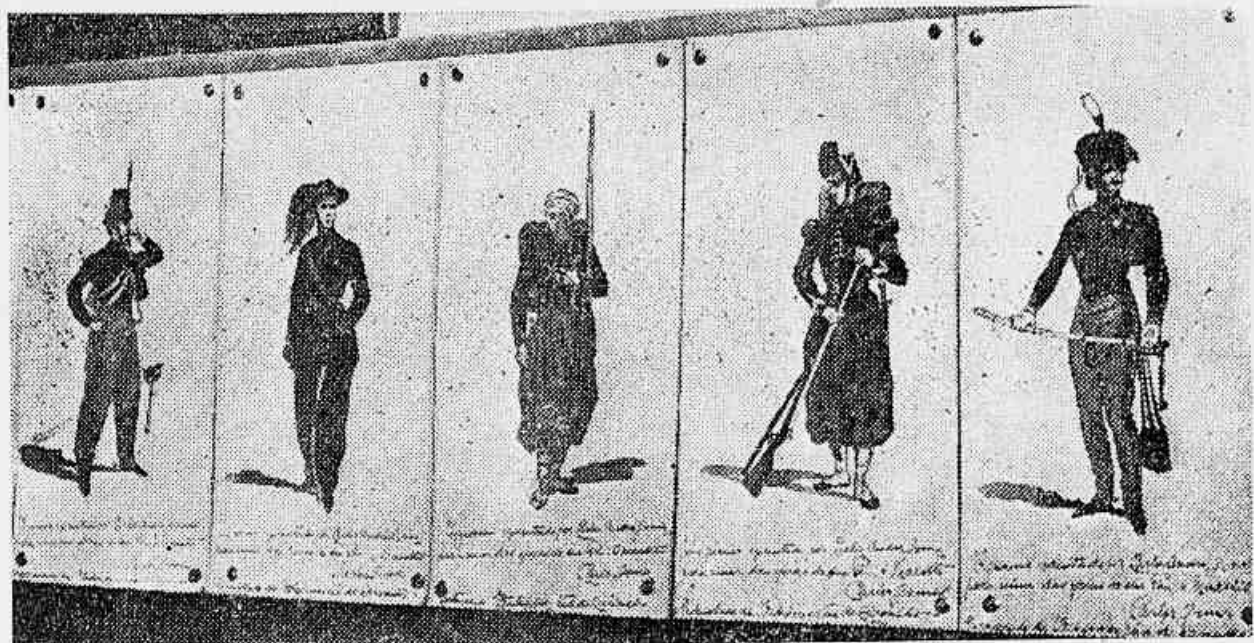
CARLOS GOMES



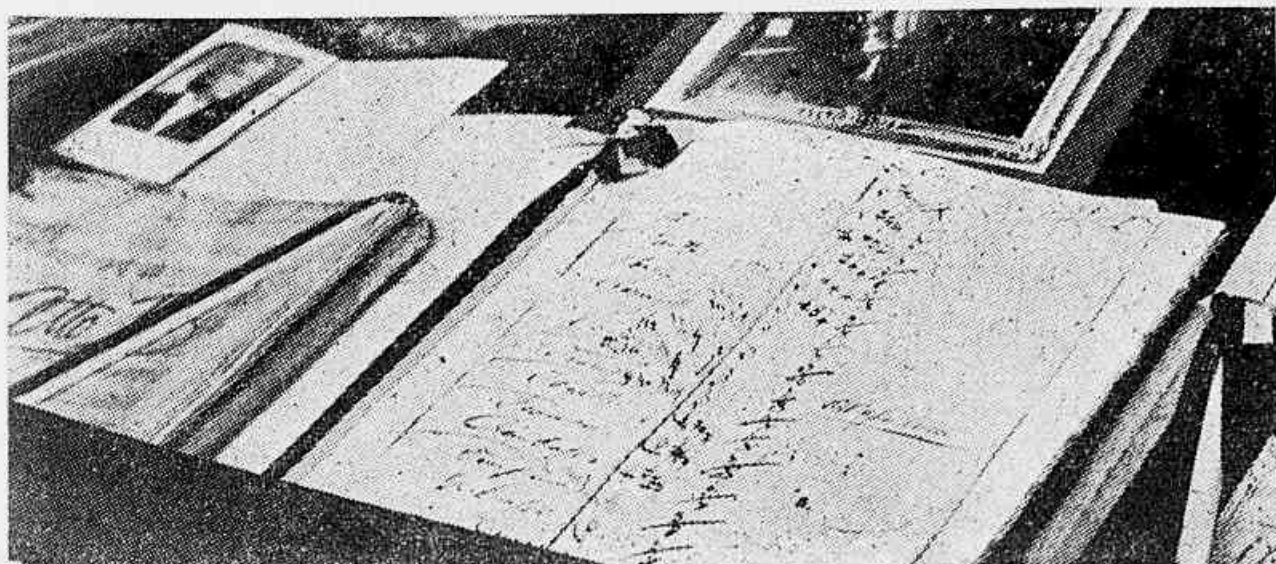
Mestres como Augusto Petit, Agenor de Barros, Decio Vilares, Carlos Oswald, Marques Junior e Madruga, retrataram Carlos Gomes. Na Exposição constam não só esse retratos como também bustos do grande músico trabalhados por artistas de renome.



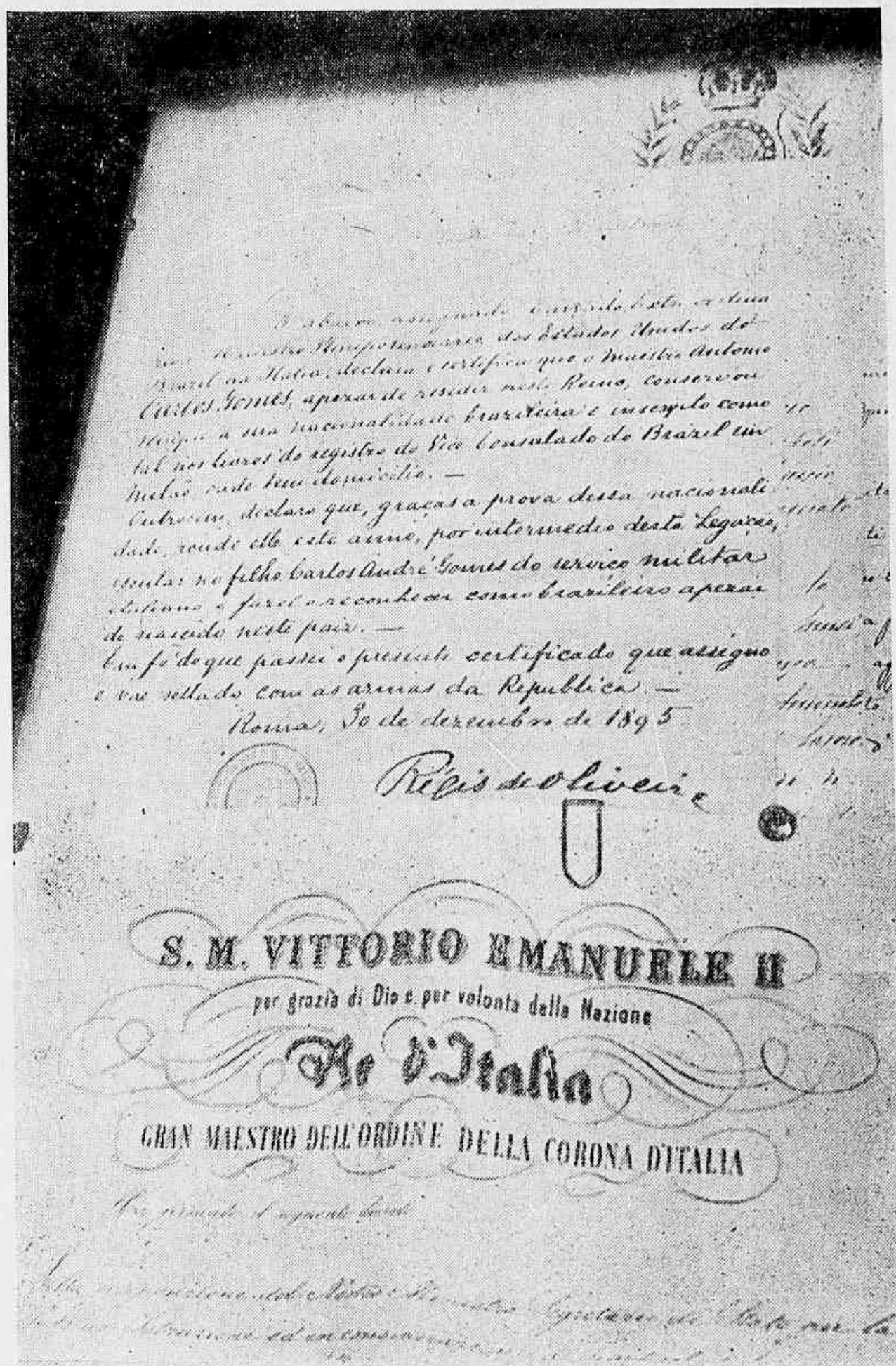
A rede tecida especialmente para Carlos Gomes pelos tecelões da Lombardia, na qual ele dormiu os seus últimos sonos. Serviu ainda, esta rede, no palco, por ocasião da estréia da ópera Condor.



Desenhos de estudos para trajes destinados às óperas de Carlos Gomes. Os trabalhos que se vêem acima foram feitos por Carlos André Gomes, filho de Carlos Gomes, morto ainda jovem na Itália.



Manuscritos do "Guarani", "Odaléia", "Se sa minga" e outros mais, inclusive o seu ultimo rascunho, feito em Lisboa, e que representa uma canção popular brasileira, foram expostos ao publico.



O documento firmado pelo embaixador Regis de Oliveira (pai do que ora vem de falecer) pelo qual se constata que Carlos Gomes nunca adotou a nacionalidade italiana, e registrou o filho como brasileiro.

O nome de Carlos Gomes nunca será demasiadamente lembrado. E' que ele não é apenas o maior músico já surgido na América do Sul: Carlos Gomes é principalmente uma lidima afirmação da capacidade creadora do gênio brasileiro. Por seu intermedio o Brasil se fez presente no Panteão dos valores universais. Tudo que se faça para reavivar a sua memória beneficia o Brasil e merece ardentes aplausos. E' o que sucede á Exposição que vem de organizar o Museu Nacional de Belas Artes a proposito da passagem do centésimo sexto aniversário do nascimento do grande artista. Dessa Exposição colhemos para os nossos leitores os aspectos que ilustram esta página.

Figuras e Fatos



NOVO PEDESTAL PARA A ESTATUA DA AMIZADE — Flagrante colhido na Praça de Santa Luzia, onde foi inaugurado o novo pedestal da Estátua da Amizade Americana, oferecida pelos Estados Unidos ao Brasil quando comemorávamos o primeiro centenário da nossa Independência. A' inauguração, além do embaixador Jefferson Caffery, compareceram autoridades civis e militares brasileiras.

Leonardo Truda

Faleceu na semana passada o doutor Francisco Leonardo Truda, diretor da Carteira de Exportação do Banco do Brasil. O doutor Leonardo Truda foi

um homem útil ao Brasil. As suas atividades assim o comprovam.

O extinto, em sua terra natal, Porto Alegre, conseguiu tornar-se, ainda muito jovem, um jornalista primoroso.

Foi ele também o criador do Instituto



EM NOVA FASE O CURSO DE MEDICINA MILITAR — Solenidade do encerramento dos trabalhos das primeiras turmas, e início do novo Curso de Medicina Militar, realizado no recinto do Palácio Tiradentes, sob a presidência do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra.



ROMAGEM A' ESTATUA DE PEDRO ALVARES CABRAL — A Escola Nun'Alvares Pereira, mantida pela Casa de Portugal, realizou uma romagem à estátua de Pedro Alvares Cabral, na data do descobrimento do Brasil, romagem a que se associaram vários colégios desta capital, e ao fim da qual usaram da palavra vários oradores, exaltando o feito do grande navegador. O clichê focaliza um aspecto da romagem no momento em que formavam as bandeiras dos colégios presentes.

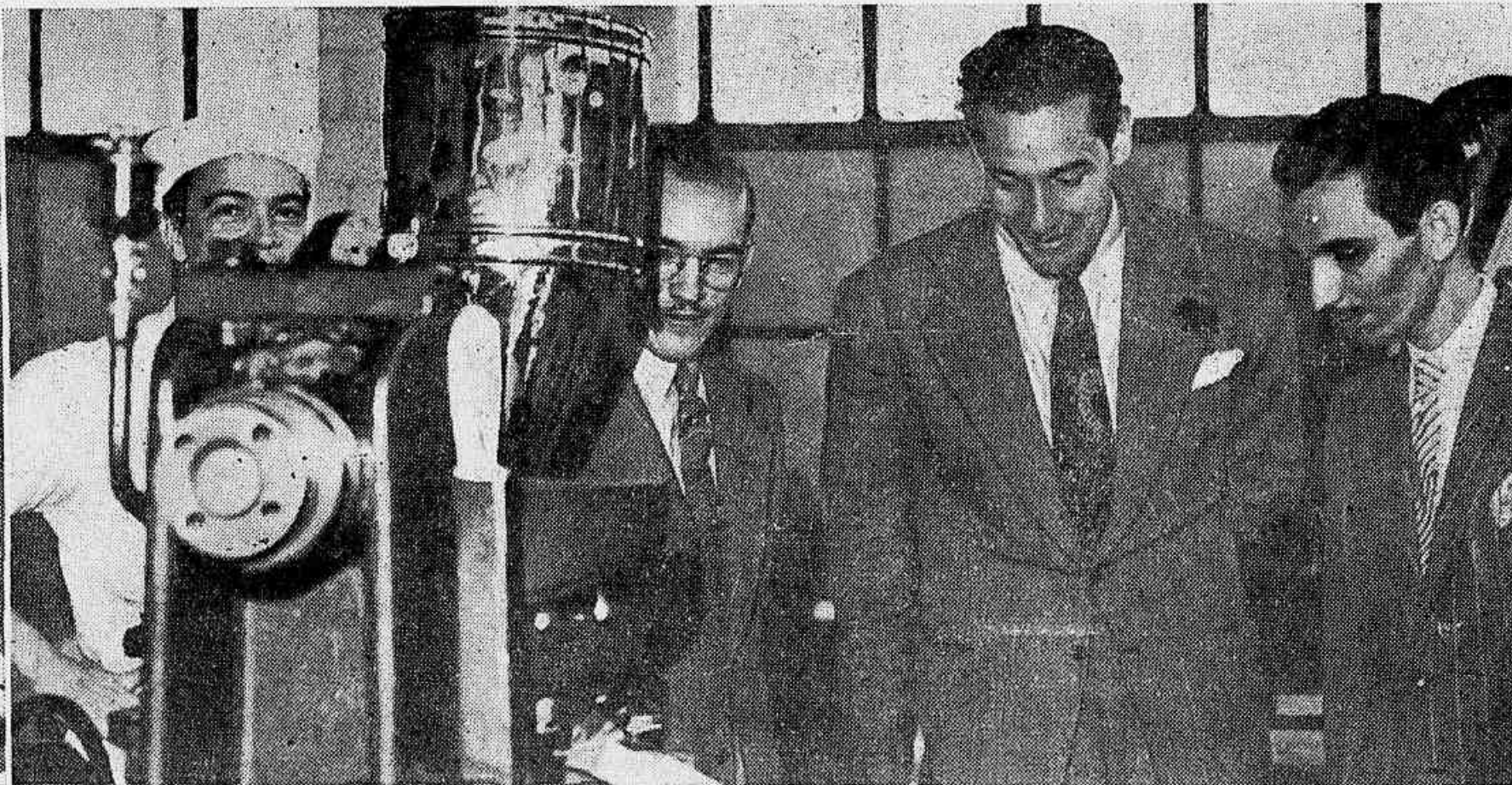
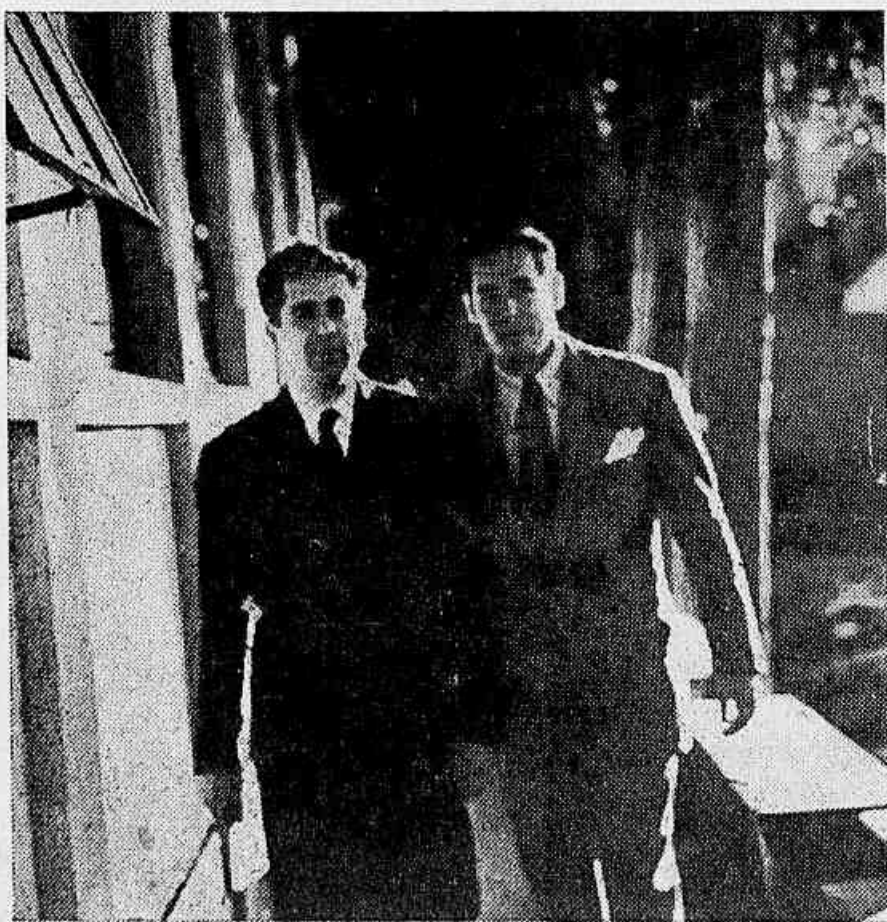


de Açúcar e Alcool. Ocupou ainda varios cargos de confiança direta do governo, entre os quais o de diretor e depois o de presidente do Banco do Brasil. Esteve comissionado na Europa e nos Estados Unidos. Era atualmente diretor do Banco Nacional de Descontos, presidente da

Associação Bancaria e membro da Faculdade de Ciencias Economicas.

Casado com a senhora d. Olga de Abreu Truda, não deixa filhos.

Na foto acima vê-se o saimento do feretro da Capela N. S. do Brasil, na Urca.



O EMBAIXADOR DO MEXICO E TITO GUIZAR VISITAM OS LABORATORIOS RAUL LEITE. — Caracterizou-se pela maior cordialidade a visita recentemente realizada pelo embaixador José Maria D'Ávila e Tito Guizar aos Laboratórios Raul Leite. De tudo que viram, levaram os visitantes a melhor das impressões. E' dessa visita os aspectos que damos acima.

JOCKEY CLUB MUNDANO



Aspectos colhidos no
Hipodromo da Gavea em,
diversas oportunidades.





O MAIS BELO DIA

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

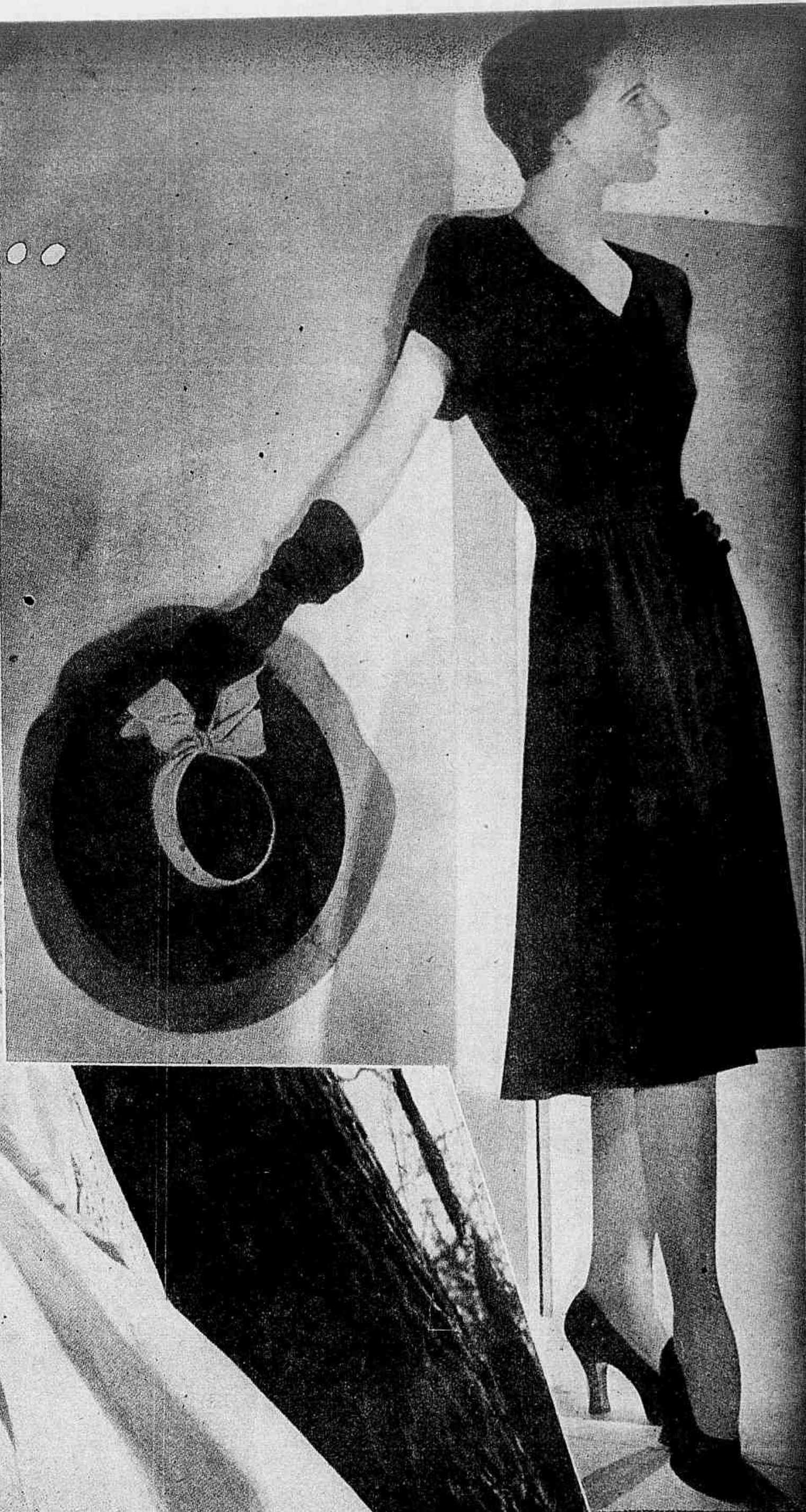
SE você é alta e esguia, se o seu tipo pode afrontar as originalidades ousadas, escolha este vestido de noiva que uma milionária norte-americana foi buscar entre velhas reminiscências românticas da Idade Média. O setim pesado molda o busto hierático, cae amplamente nas dobras da saia e da manga monástica. O missal completa a sugestão das castelãs medievais. O véo de renda verdadeira, atirado despretenciosamente, sem nenhuma flor e nenhuma joia, é a nota mais bela do modelo.

Michel
O BATOM
MULHERES BONITAS

Adolescência

PRIMEIRO baile. Primeira valsa. Primeiro rubor tingindo o rosto da mulher que desperta dentro da menina. O vestido de organdi, amplo e longo, tem a inocência virginal das comungantes.

E o vestido preto com que todas sonham, mal as formas adolescentes se delinham? o primeiro vestido preto!... Simples, sem nenhum enfeite. Apenas os botões quebram a solenidade da cor. E uma fita colorida no chapéu lembra a infância ainda próxima.



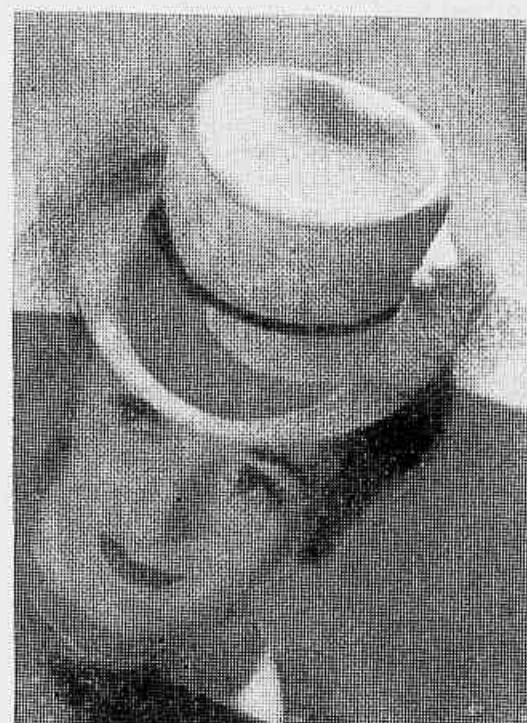
EFICIT!...



FALTA UM VESTIDO NO SEU GUARDA-ROUPA. FALTA UMA VERBA NO SEU ORÇAMENTO. E ENTÃO?... TALVEZ SEJA POSSÍVEL COM UM PEDAÇO DE «TULLE», DE SEDA, OU RENDA, CONSEGUIR EFEITOS NOVOS NUMA «TOILETTE» JÁ USADA. REPREARE COMO A MUDANÇA DOS ACESSÓRIOS TRANSFORMA RADICALMENTE O ASPECTO DE UM MESMO VESTIDO!



CH
A
P
É
O
S



100%
belos

são os cha-
péos desta
pagina.



COLONIA
LOÇÕES - EXTRATOS
PÓ DE ARROZ - BRILHANTINAS
QUINA PETROLEO

EM EXPOSIÇÃO COM SUCESSO
DE VENDA:

Rio:
DROG. SILVA ARAUJO E
A GARRAFA GRANDE

São Paulo:
CASA FACHADA e
GALERIA PAULISTA
DE MODAS

PERFUMES MALIBU

COLONIA
MALIBU
EXTRA
CONCENTRADA

NOITE

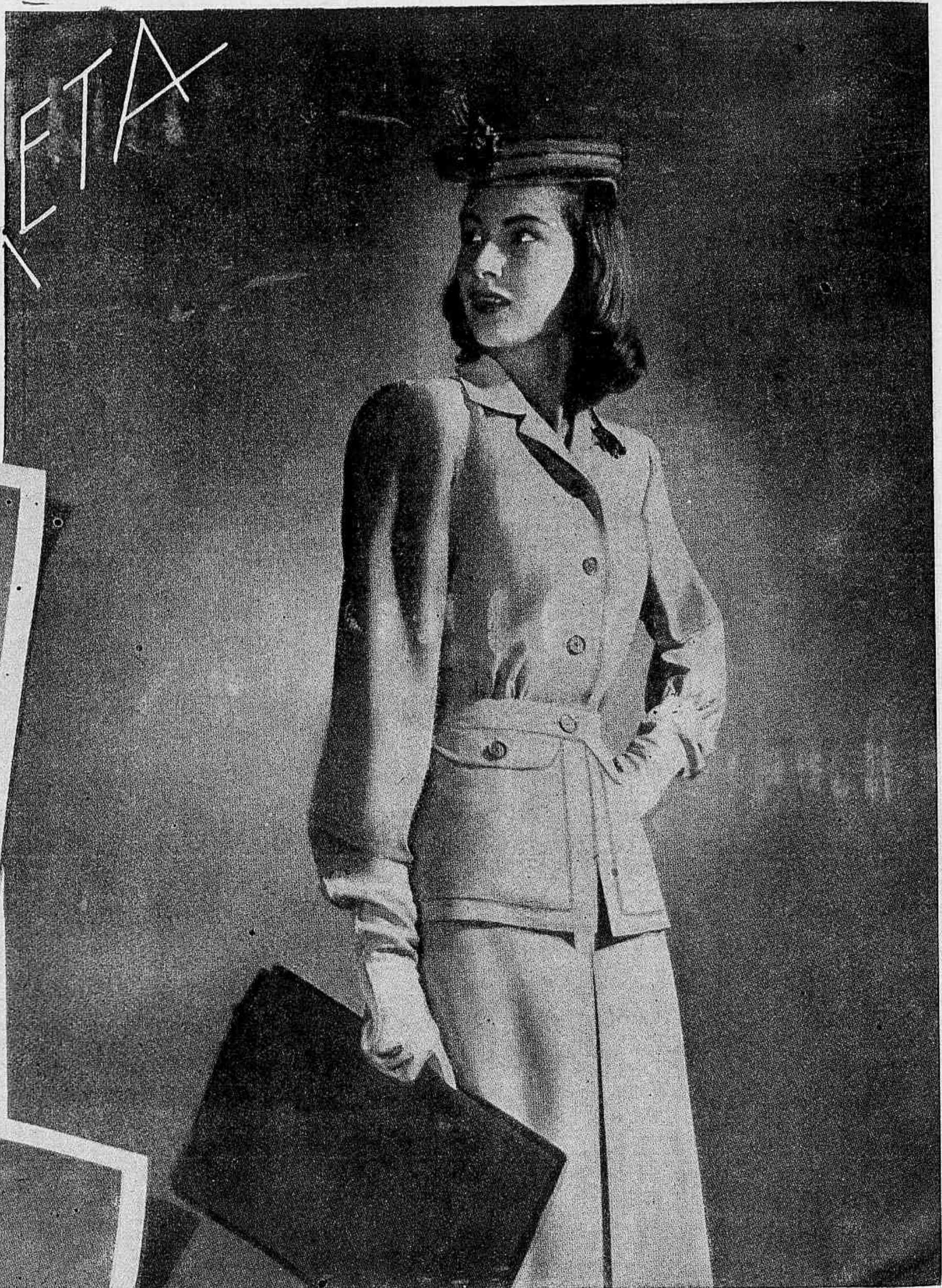
UMA CARICIA EM PERFUMARIA

Tapajó

O primeiro é uma criação de Lili Daché — o nome é, francamente, Paris — para Mrs. Willis Hunt, grande dama norte-americana e dona do mais belo par de mãos da terra de Tio Sam. Sobre um rosto expressivo e vivo como o de Mrs. Hunt, nada mais belo do que a sombra leve das abas superpostas em precioso rococó.

OFICINA DE PELES
CONCERTOS E REFORMAS 42-8364
RUA DA CARIÓCA, 81 - SOB

DISCRETA



E' o adjetivo mais elogioso para a «toilette» da mulher que trabalha. Não vá para o escritório com vestidos de «soirée», sandalia de baile, chapéus monumentais ou penteados complicadíssimos. Use e abuse do «tailleur». Prefira as bolsas grandes e cómodas onde se alojem, á vontade, o «rouge», o pente o «bâton», os papeis, os lapis, os cadernos de notas. A «propriedade» é principio fundamental de elegancia.

Bonbons

VITÓRIA RÉGIA

Cerejas ao
Marrasquino

OS MAIS CAROS

Incontestavelmente os
melhores.

Tailleur de lã



Moderno tailleur em lã xadrês, confeccionado segundo as regras postas em vigor sobre o consumo de tecidos nos Estados Unidos. O "V" da vitória, que aparece nas luvas, dá um toque patriótico ao conjunto.

Chapéus modernos



1 — Grande chapéu de palha preta, guarnecido com tule branco e um véu preto com pintas pretas e brancas. Saia e bolero de crepe preto. Blusa de jersey de seda branca. 2 — Chapéu de feltro branco, guarnecido com fita «gros-grain» branca. Vestido de crepe azul marinho e branco. Grande capa de lã azul marinho.



Um "precioso par"
para sua Beleza

O "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Ardena Tônico para a Pelle" constitui o precioso par que Elizabeth Arden recomenda para sua beleza. Com o uso constante desses dois preparados de Elizabeth Arden, sua cutis estará profundamente limpa, isenta de todas as impurezas - Seu rosto tornar-se-á alvo e aveludado e uma nova beleza será a sua recompensa.

Elizabeth Arden

GRANDE
VARIEDADE
EM
PASSADEIRAS
E
TAPETES

CASA BEIRIZ
RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA



Em vermelho e ouro é a sala de jantar, toda em laca chinesa. Predomina a linha reta nos contornos dos moveis. Lirios brancos e cristais põem uma nota de pureza infinita no ambiente.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

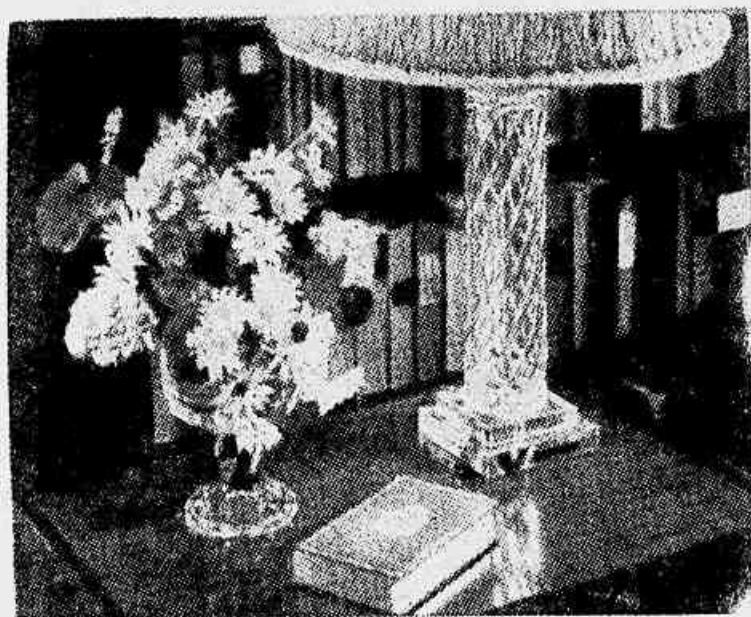
Não morre a poesia da Arte Chinesa, meticulosa e paciente, com um sentido de côr e de linha em que a subtileza supera a suntuosidade, fazendo-a menos solene. Trabalhando ouro puro, os artistas chineses não procuram ressaltar a riqueza do material. Preocupa-os, apenas, a beleza da obra. O que afirmamos se evidencia nestes interiores em que famosos decoradores yankees estilizaram belissimos motivos orientais para um lar de Hollywood.

MOBILIARIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E OUTROS, EXPOSTOS EM AMPLOS MOSTRUARIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliarios nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza ns. 100 a 110, onde ocupa um vasto quarteirão, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

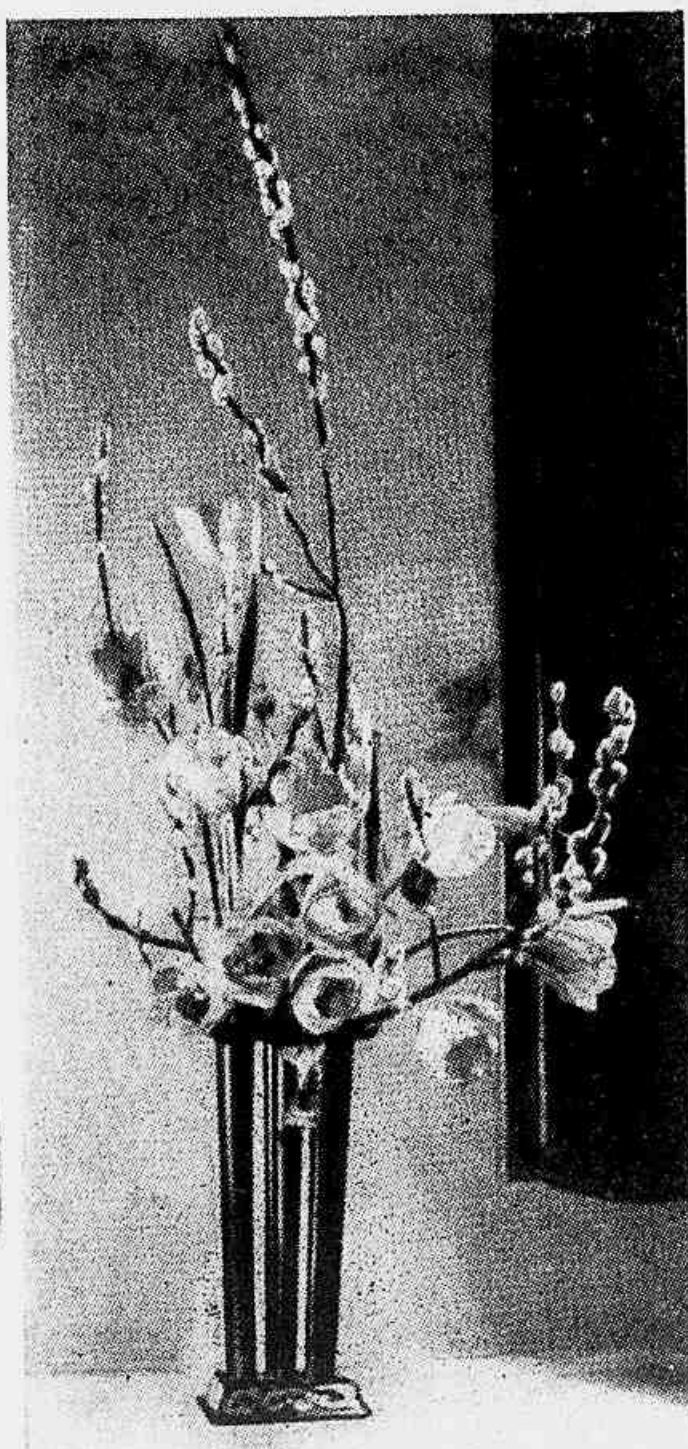
China, Velha China!



A cortina sun-
tuosa e ampla
quebra a rigi-
dez das linhas
no living-
room. Sobre o
ébano negris-
simo é mais
brilhante o vi-
dro grosso da
mesa coberta
de flores e
mais suave o
verde jade das
poltronas e dos
sofás de Eban-
o ainda sobre as
lampadas bran-
cas em casti-
çais de cristal.
Um grande
quadro flori-
do em cores
vivas completa
e ilumina o
ambiente.



E não se esqueça de que uma
casa sem flores pode ser rica,
pode ser confortável, pode
ser luxuosa, mas não tem esse
encanto penetrante das casas
vivas que atraem, convidam,
prendem. Flores, muitas flores!
Mesmo numa caixa de charão
elas ficam bem. E numa taça
de cristal, maravilhosamente!



Em bambú chi-
nês, o dormi-
torio em ver-
de, branco e
negro. O pa-
pel das pare-
des corta a
neutralidade
dos tons. Jade
nas lampadas
e nas figuri-
nhas que en-
feitam a mesa.
E... que deli-
ciosa almo-
fada enorme!

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



TECIDOS EM PADRÕES EXCLUSIVOS
PARA CORTINAS E ESTOFOS,
TAPETES — PASSADEIRAS
MOVEIS — DECORAÇÕES

ASA **UNES**
MARCA REGISTADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

65-RUA DA CARIOCA-67
RIO DE JANEIRO



Este é para você...



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico-nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

LUCILIA — Você gosta dos vestidos um pouco «voyants». Diz que adora a mistura harmoniosa de tons e de tecidos. Para você escolhi este costume: duas peças em lã lisa e quadriculada. Gosta?
EUNICE — Para você, magrinha e «mignonne», o plissé fica maravilhosamente. O casaco acentuado na cintura atenua a infantilidade da saia.

CARMEN — Detesta bolsos, cintos, botões, enfim a linha «sport» nos «manteaux». Experimente este fechado com um longo «éclair» e muito parecido com um vestido de «après-midi».

VERA — Creio que este modelo é uma bonita sugestão para a sua «toilette» da tarde. As peles compõem sem ofender as que não podem usa-las.

B A B Y.

Inf. e pedidos
R. Souza Dantas, 23

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBÚ**

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL ELIMINA A CASPA. ÊXITO GARANTIDO

Senhoras

Capsulas **MENAGOL**

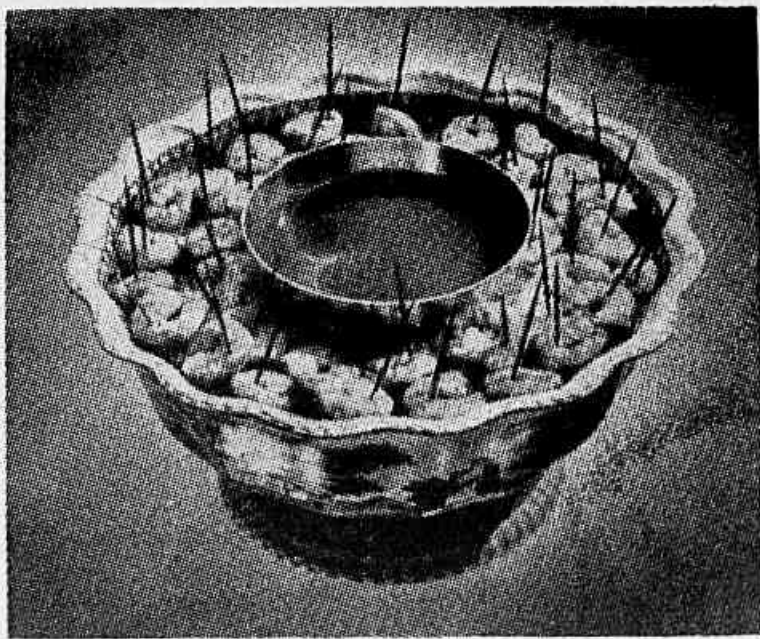
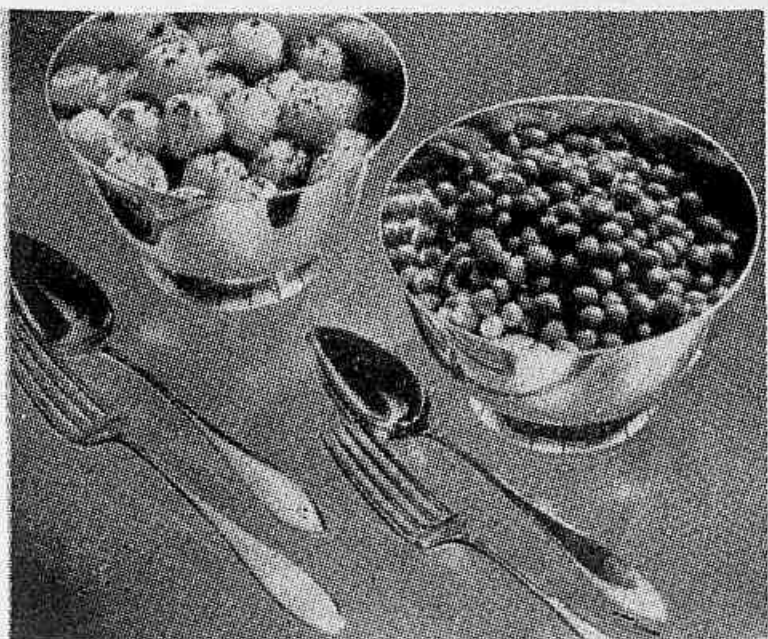
PARA A FALTA DA MENSTRUÇÃO



A ponta dos dedos

No anedotário de Maria Antonieta figura, sinistramente, uma azeitona — uma banalíssima e ingenua azeitona dessas que se encontram, partidas, nas empadas de camarão, enfeitadas com pimentas vermelhas dentro dos vidros esguios dos armazéns de primeira ordem. Conta-se que, em Varennes, a louca e fútil soberana que a desgraça começava a envolver, pegou uma azeitona com a ponta dos dedos. E foi tão perfeito de naturalidade e de graça, o gesto tão simples que nele se denunciou, sob os disfarces banais, a alta hierarquia da fugitiva. E' possível que não seja verdadeira a história. E' certo, porém, que as pontas dos dedos, usadas na mesa, com propriedade e elegancia, caracterizam e definem o grau de educação das pessoas.

Garfo e faca são dispensáveis e improprios em muitos casos.



Alcachofra, por exemplo, pede as pontas dos dedos. Pegar azeitonas ou cerejas, ou uvas, com o garfo, é um «dout» que, na melhor hipótese, resulta na anedota do matuto que «cansou a bicha...» Os «sandwiches» secos, os «canapés», os «petits-fours», são cousas que se pegam com as pontas dos dedos.

Dedos que, hoje em dia, nos homens e nas mulheres, diferem muito das manoplas barbaras que seguravam aves inteiras ou quartos de animais nos banquetes barbaros, quando o garfo e a faca dormiam na imaginação dos fundidores anônimos.

Use, pois, as pontas dos dedos. E si souber fazê-lo com naturalidade e graça, esse gesto simples dirá que você tem uma fina educação. Causa que vale muito nesta época e neste país sem guilhotinas e sem privilégios de casta.

Um pouco de Cinema

Hollywood em camara lenta A Garbo misteriosa

(CORRESPONDENCIA ESPECIAL PARA A "REVISTA DA SEMANA")



Hedy Lamarr antes de fazer valer o seu talento impressionou Hollywood pela estranha beleza do seu tipo, todo em contrastes violentos: olhos muito claros, cabelos muito escuros; uma pureza infinita no oval do rosto; uma volúpia infernal nos lábios. Mais bela do que nunca, em «Boêmios Errantes» ela aparece assim.

Hollywood, 20 de Julho de 1942 — O público é que faz a publicidade dos artistas! O público é que determina com o seu aplauso ou censura o lugar que o artista deve ocupar. Naturalmente, esse veredictum da multidão depende em grande parte da direcção e tino com que os agentes de publicidade levam os nomes dos astros e das estrelas da tela.

O caso mais típico, até hoje, na história de Hollywood é, sem duvida alguma, o de Greta Garbo, a mulher que mereceu os epítetos mais fabulosos por parte das platéias, da crítica e dos comentaristas cinematográficos. Greta Garbo, a diferente, a enigmática, a cética, a mística etc., etc., etc...

Como poucas, pouquíssimas estrelas de Hollywood, a Garbo reteve o favor e o aplauso dos fãs de cinema durante muitos anos, porém a forma de publicidade que aureolou o seu nome difere radicalmente da que tem sido outorgada a qualquer ator ou atriz de nome feito no cinema. Em vez de se ter por base a fascinação pessoal e o «charme» de uma «glamour girl», com o seu «it», «oomph» ou «sex-appeal», está fundada sobre



Martha Eggerth acaba de fazer uma vitoriosa tournée de concertos com Jean Kiepura. Presentemente trabalha com Judy Garland, na película «For me and my gal». Num intervalo de filmagem oferece chá a sua mamãe. E é a mais encantadora dona de casa.

o afastamento e a inacessibilidade. Mas não se imagine que essa espécie de lenda criada em torno da Garbo misteriosa se deva ao fato de que ela tenha querido, por simples capricho, fugir à imprensa ou às reportagens; nem tampouco que o Departamento de Publicidade da Metro-Goldwyn-Mayer, à qual sempre pertenceu a maior estrela cinematográfica de todos os tempos, tenha intentado essa deificação mitológica. Nada disso. A inconfundível sueca detesta toda situação de conspiciência e sempre optou pela moderação no emprego do seu nome, achando com certeza que a publicidade estrondosa pode ser nociva a qualquer esforço artístico. A Metro, elevando-a a esse lugar que hoje ocupa no firmamento cinematográfico, respeitou a sua opinião. Porém surgiu o inesperado. A repulsa pelas entrevistas e reportagens fotográficas converteu-se, sem que ninguém desse por isso, na publicidade mais eficiente jamais tentada por um especialista.

Mas a celeberrima sueca é mesmo diferente...

Ainda há pouco, durante o mês-a-tanto que levou filmando «Duas Vezes Meu» com o excelente Melvyn Douglas, jornalistas de nome foram a Culver City unicamente pelo desejo de vê-la passar do «set» para o camarim, ou vice-versa. Esperavam horas pelo momento de vê-la passar... Muitos disseram: «Não sei explicar, só sei que experimentei uma sensação esquisita ao vê-la».

Os antigos repórteres e fotógrafos que a entrevistaram recém-vinda da Suécia recordam-na calada, fria e indiferente como hoje. Não mudou nada.

«Laranjais em Flor», o seu cartão de visita ao novo continente, cativou em absoluto os americanos, e de tal maneira que não seria mais necessária nenhuma publicidade para conservar a sua auréola. Acabando de fazer esse filme, alugou uma casa na praia e desapareceu do cenário de Hollywood. Isso aumentou paradoxalmente sua popularidade no meio cinematográfico. Tudo que era jornal e revista, quer dizer, os redatores das respectivas secções, não conseguindo saber para onde ela teria ido, começaram a forjar mil conjecturas acerca da «mulher misteriosa» (desde então passou a ser chamada assim).



Georges Montgomery não é, apenas, um belo e simpático rapaz. É, positivamente, um homem de sorte: conseguiu ser, na vida real, o galã permanente de Hedy Lamarr. William Powell, marido da «Feiticeira» num novo filme da Metro, cumprimenta elegantemente o rival, ao ter conhecimento do noivado.



É verão na Califórnia. Virginia Weidler corre para a praia. O cão fiel acompanha-a. E de cabeça erguida, olhos fixos no horizonte largo, viza pela tranquilidade da simpática atrizinha da Metro.

A primeira impressão que se teve é que a sueca fazia tudo aquilo induzida por um complexo de superioridade.

George Cukor, o notável diretor, responsável pela produção de «A Dama das Camélias» e agora «Duas Vezes Meu», falando certa vez sobre isso, assim se expressou: «O véu de mistério que cobre Miss Garbo foi originado da sua vontade sincera de ficar sozinha e de sua inata timidez. Ela jamais teria imaginado que o seu gesto resultaria num novo método publicitário. O fato que a Metro adotou a respeito da criadora atriz ajudou-a muito de fato a manter o seu «status quo» na tela. A fábula não é fábula; a «Esfinge» é uma esfinge de silêncio e solidão».

Hoje, como sempre, as relações de Greta Garbo com o Departamento Geral de Publicidade da Metro são simplesmente rotineiras. No cenário onde ela filma não se permitem visitas, e tanto os estúdios como os repórteres respeitam o seu direito de não aparecer para ninguém. Não «pôsa» como as demais artistas de Hollywood. Algum «still» dela que aparece por aí, conte por certo com roubo engenhoso de um «came-raman», como Milton Brown ou William Grimes. A atriz pede apenas um favor aos estúdios: que lhe deem uma cópia de todos os retratos de cenas...

A ÚLTIMA CENA

«Bem está tudo que bem acaba"... Tem variantes, em todas as línguas e em todos os povos, esse ditado que desmente outro, o que dá às primeiras impressões um valor perene em todas as cousas. É verdade que um primeiro aspecto favorável influi muito nas relações individuais. A imagem da mulher entrevista numa esta, nimbada de luzes e de sedas, se superpõe a imagens menos agradáveis e menos belas no prosaico filme quotidiano, por exemplo. Isto, na vida. E com muitas exceções. Porque a memória dos sentimentos é curta. E o coração dos homens, uma cera tenra em que se gravam facilmente e facilmente se diluem as imagens do mundo.

Na arte, o que perdura é o final: a última página, o último quadro, a última nota da canção. Digam-no os oradores que guardam toda a ênfase para o último período; os velhos poetas que passam meses forjando a chave de ouro para o sonetinho enfezado; os cavalos nobres e belos que, na última etapa, contam os competidores e arrancam, triunfalmente, riscando a vitória no chão dourado da pista.

O fim! Quantos livros, quantas peças, quantos poemas existem, apenas para justificar o fim!

Hollywood, às vezes, esquece esse segredo. O público pode suportar uma hora e 35 minutos de caceteação. Se os últimos cinco minutos trouxerem uma emoção forte, ele dará por bem pagas as poltronas cada vez mais caras. E dirá que o filme é bom. Lembrei-me disso revendo «Bandeirantes do Norte» num cineminho suburbano. Para mim,



★ **Rugas na testa:** Marcam o fim de uma mocidade... destroem a beleza...

★ **Pés de galinha:** Pequenas rugas que aparecem no canto dos olhos, dando ao rosto uma aparência de muitos anos a mais.

★ **Cravos e espinhas:** Frequentes defeitos da cutis feminina, em qualquer idade. São Rebeles aos tratamentos comuns, e enfeiam o rosto facilitando rugas prematuras.

Cravos, Manchas, Espinhas e Sardas

INDICAM

O fim da mocidade...



Permaneça jovem com o uso de um só creme que protege a sua cutis!...

Não deixe que as imperfeições da pele, espinhas, cravos, manchas e póros dilatados abram caminho à "velhice prematura". Proteja a sua mocidade com um tratamento completo de beleza. Use Rugól à noite, antes de deitar-se e durante o dia como base de pó de arroz.

Em apenas 3 dias, a sua cutis sentirá os efeitos benéficos deste creme famoso que age cientificamente sobre as camadas subcutâneas fortalecendo e estimulando os músculos faciais.



Contra os efeitos do sol, do vento e do frio, Rugól age como suavizante e protetor. Rugól é o verdadeiro embelezador da cutis!

CREME Rugól

LABORATÓRIOS ALVIM & FREITAS SÃO PAULO



UM TRATAMENTO DE BELEZA COMPLETO!

o tecnicolor realmente cheio de grandes momentos deveria terminar, triunfalmente, quando chegam os soldados do forte e desfalam, gloriosamente diante dos pioneiros, cestos de víveres e quartos de bois. O final é humano, eu sei. O rapaz não quis partir outra vez para a aventura. Preferiu retornar à burguesia, à pacatez, à noiva aristocrática. Isso é a vida. Mas, no cinema, o público procura mais que a vida: o extraordinário. E acharia o filme muito melhor se ele partisse com Spencer Tracy, deixasse a noiva chorando ou a levasse, também. Cousas que pouca gente na plateia faria. Mas que o «fan» exige dos seus heróis.

S. M.

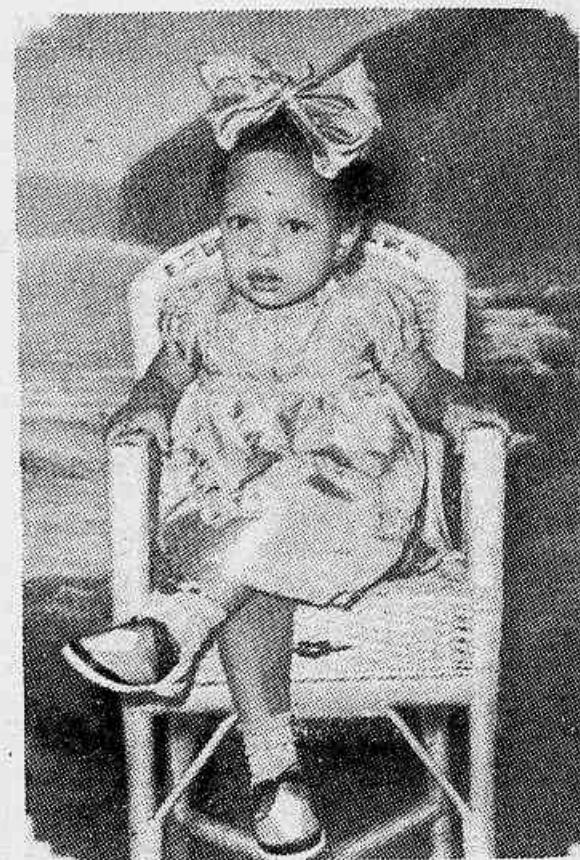
Garotos



Nelson Basto, aluno do Colegio Militar, filho de d. Maria da Gloria Moraes Basto e do sr. Narciso Basto.



Aspecto da festa caipira infantil realizada por ocasião do aniversario do menino Joãozinho, filho da sra. Elza Mello e do sr. Oswaldo Mello.



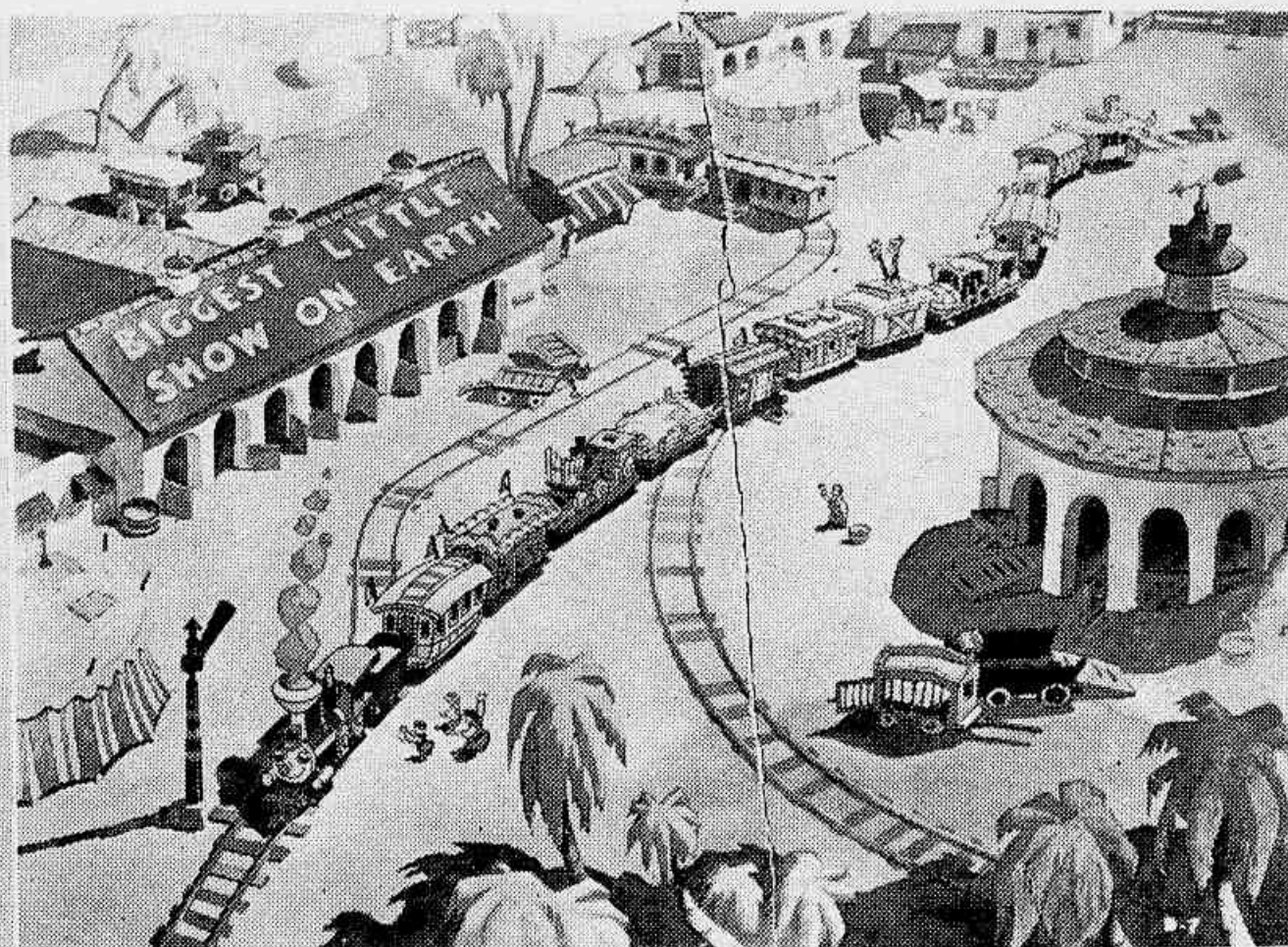
Benedita, filha de d. Maria das Dores, que vem de completar 3 anos de idade.

DUMBO

(Adaptação do filme de Walt Disney)



A cegonha trouxe três filhotes para os tigres do circo. (Desenhos de Walter Disney)



O trenzinho do circo saiu — chique, chique, chique — levando todos os bichos para muito longe.

O circo chegou durante o inverno a uma pequena cidade do Sul. Era um circo muito grande, quase do mesmo tamanho da pequenina cidade sulina. Todas as crianças pediram a Mamã que as levasse para ver os leões enormes, as onças pintadas, os burricos ensinados, os cães que sabiam dançar e pular corda. Mas o bicho mais querido pela meninada era Jumbo, uma elefanta muito mansinha e muito bem ensinada. Jumbo sabia fazer mais cousas com a sua tromba enorme do que a maioria dos meninos com as duas mãozinhas: bebia um copo de leite sem derramar na toalha, varria o seu camarim, passava a ferro a touca branca enfeitada de rendas, escrevia cartas sem borrar o papel nem manchar a roupa de tinta.

Mas os meninos não podiam ver essas maravilhas todas porque ainda era inverno. A neve caía sobre o toldo enorme do circo, os bichos não podiam trabalhar, encançados; e, quando a noite chegava, nenhum menino se lembrava de circo.

Um dia todos procurando a cama, enrolando-se nas cobertas, puxando até aos olhos o édredon de lã macia.

Um dia brotaram, no campo brotos verdes, apareceram botãozinhos azues, vermelhos e amarelos nos ramos altos das arvores. Uma andorinha chegou, de longe, quasi morta de cansaço. Bebeu um gole d'agua no regato e contou que a primavera estava chegando. O regato espreguiçou-se para quebrar os ultimos pedaços de neve que o cobriam e saiu, todo feliz e tagarela, anunciando a novidade. Então, toda a terra acordou e se encheu de flores, de passarinhos, de pequeninos esquilos dourados que pareciam nascer das proprias moitas de urzes côr de rosa.

Uma cegonha, que estava dormindo no alto de uma torre, acordou tambem. Levantou-se; esticou uma perna, depois outra, abriu as duas azas, fechou-as de novo. Estava tão bonita a paisagem, lá em baixo, que a cegonha ficou com vontade de cantar. E lembrou-se da única canção que sabia: «Dorme, dorme, filhinho!» Uma rolinha paciente tinha conseguido, a muito custo, ensinar essa cantiga á cegonha, quando nasceram as meninas cegonhas.

Depois, quando abriu o bico para cantar, antes de dizer o «Dór...», a cegonha se lembrou de uma cousa. Bateu as mãos na testa e correu para dentro da torre. Ah! estava lá, no mesmo lugarzinho, embaixo do velho sino quebrado a encomenda que havia trazido para o circo. Fazia tanto frio durante o inverno que a coitada não tinha podido voar. Guardara o sacco bem amarradinho na velha torre, fechara as azas, encolhera o pescoço e dormira.

Agora, era preciso entregar a encomenda. Era primavera. Havia sol no barracão de

lona, nas ruas da cidade, nas eguas do regato. Com muito cuidado a cegonha segurou o sacco na ponta do bico, abriu as azas e voou serenamente. Quando chegou ao circo, já era noite fechada. Os bichos estavam dormindo depois do espetáculo, felizes e exaustos.

Sem fazer barulho, a cegonha entrou pela primeira janela aberta. Era o camarim dos tigres rajados que resonavam profundamente, sonhando com as quentes florestas da India.

A cegonha consultou o caderno de notas; abriu o sacco; tirou um punhado de bolinhas de feltro amarelo e poz perto de dona Tigre. Em seguida, saiu pela janela, mansamente. E foi visitando, um por um, todos os camarins do circo.

Só não entrou no de Jumbo, a elefanta que as crianças adoravam.

No dia seguinte, muito cedo, houve uma grande alegria no circo. Cada bicho tinha encontrado uma ninhada de filhotes no camarim. Os tigres lambiam as patas, cheios de empáfia: eram lindos os pequeninos tigres dourados com listas pretas que a cegonha trouxera para eles. Ai! de quem lhes tocasse! Mamãe Tigre arreganhava os dentes e levantava as patas, ameaçadoramente.

Só um camarim ficou silencioso e triste naquela manhã. Jumbo não tinha recebido nada, nada, nada! A cegonha se esquecera dela! Que diriam os outros bichos?

Naquele dia, Jumbo não varreu a casa, não fez café, não passou as rendas da touca. Fechou-se no camarim, encolheu-se no canto mais sombrio e chorou o dia inteiro, de magua e de vergonha.

E ainda estava chorando quando uma locomotiva silvou na janela. Todos os bichos do circo já tinham embarcado. Se Jumbo não se apressasse, ela ia embora.

A elefanta limpou os olhos, ageitou a touca, poz as roupas na valise e correu para o wagon.

E o trenzinho começou a andar — chique, chique, chique, chique — contornando o circo, passeando pelas ruas, procurando a estrada de ferro. Os bichos espiavam nas janelinhas, dizendo adeus ás crianças.

Sozinha no seu carro, Jumbo começou a chorar de novo. Então, a cegonha bateu com o bico na janela do trem e pediu para entrar. Entrou, disse boa noite e pousou no chão um sacco muito bem amarrado. Era o presente de Jumbo.

(Continua no proximo numero)



Casaco longo e amplo, aberto sobre o vestido; pequeno chapéu de veludo coberto por um véozinho fino cujas pontas caem nas costas. E Alexis Smith está maravilhosamente vestida.

A onda de frio perdeu-se nos caminhos do mundo. Perdeu-se no mapa. Enganou-se. E chegou ao Rio, trazida pelas ondas ou pelo vento, pensando chegar à Noruega ou à Groenlandia. A cidade tiritá, apesar do sol que teima em permanecer. Agora, não são apenas uma vaidade as peles e as lãs

Neste casaco curto, a originalidade reside nas mangas. O chapéu tem de original a colocação

A Onda de Frio



Neste modelo, para completar a linha austera de sua toilette de inverno, Alexis Smith prende a sua loura expressiva cabeça num véo amarrado à moda mistica e, mais da Rússia.

pesadas. São uma necessidade. E um motivo de tristeza para as que não podem sentir o seu aconchego tepido e macio, quando as rajadas de vento arrepiam a cidade. Para você, leitora rica e feliz cujo marido ou cujo papai não franze o nariz diante das contas, Alexis Smith da «Warner Bros» em três modelos maravilhosos.

de única rosa presa na copa sobre o véo repulssimo.



Um cigarro que agrada a todas!



**CIA DE CIGARROS
SOUZA CRUZ**



Cruzeiro